CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

O PERFIL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA NA ÁREA DE CONFLITO ESCOLAR

Daniel Evangelho Gonçalves

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador:
Prof. Alvaro Chrispino, D. Ed.

Rio de Janeiro
Maio de 2015

O PERFIL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA NA ÁREA DE CONFLITO ESCOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Daniel Evangelho Gonçalves

Aprovada por:

_____

Presidente, Prof. Alvaro Chrispino, D. Ed. (orientador)

_____

Prof. Alexandre de Carvalho Castro, D. Sc.

_____

Prof. Candido Alberto Gomes, D. Sc. (UCB)

_____

Profª. Sonia Bittencourt Silveira, D. Sc (UFJF)

Rio de Janeiro

Maio de 2015

Agradecimentos

Nada somos nem nada fazemos sem ajuda. Jamais conseguiria chegar em lugar algum se não fossem meus pais, por isso, devo agradecer primeiramente a eles que me geraram e zelaram por mim, nutrindo não só o meu corpo, mas minha mente por meio de uma educação de qualidade dentro de casa e pelas escolas por que passei, sem falar do amor e do carinho que me impulsionam na tentativa de ser um ser humano amigo e feliz.

Porém, antes deles devo agradecer a Deus, que guia meus passos e escolhe o melhor caminho possível para mim a cada segundo, é meu grande amigo e conselheiro e me coloca onde eu devo estar, mesmo que eu não concorde em primeira instância.

Em seguida não poderia deixar de agradecer a toda a minha família e amigos que sentiram a minha ausência em diversos eventos e momentos importantes nos quais eu não pude comparecer por estar pesquisando, estudando ou escrevendo esta dissertação. Pela paciência, pelos ouvidos atentos às minhas lamentações, e por todo apoio que precisei e me foi dado mesmo no silêncio após meus momentos de descompasso, o meu muito obrigado.

Agradeço também minha namorada Amanda Lopes Silva, que recebia muitas de minhas angústias, momentos de estresse pouco explicáveis e justificados, falta de tempo, fins de semana de sol trancafiados em casa com muito carinho, amor e paciência. A ela devo horas de reflexões, revisões textuais e opiniões a respeito deste tema novo para ela e pouco útil em sua vida, mas sempre recebido com muita curiosidade e interesse. Depois desta dissertação eu a amo ainda mais.

Por fim devo agradecer a minha primeira orientadora, ainda em fases de monografia na graduação da URFJ, Sabrina Medeiros, que sempre me incentivou a fazer um Mestrado de qualidade, foi através dela que cheguei a Alvaro Chrispino, que ultrapassou as expectativas de orientação, ao ser sempre paciente, vindo em meu auxílio em todos os momentos, por mais que lhe faltasse tempo. É de extrema alegria para mim ter conhecido mais que um professor, um exemplo a seguir de profissionalismo dentro da esfera pública, que ele ostenta com orgulho e dedicação, fora o ser humano generoso, que com suas atitudes deixou para mim um modelo a ser seguido.

RESUMO

O PERFIL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA NA ÁREA DE CONFLITO ESCOLAR

Daniel Evangelho Gonçalves

Orientador: Alvaro Chrispino

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

A violência nas instituições de ensino chama atenção da sociedade de forma preocupante, desde famílias e responsáveis, até professores, gestores, decisores educacionais e políticos. Os pesquisadores brasileiros mantém uma modesta, mas constante evolução no número de artigos sobre o tema a partir dos anos 2000. Sendo este um tema relevante para a sociedade, a presente dissertação tem como objetivo mapear as publicações acadêmica brasileiras no campo do conflito escolar que se desenvolvem à violência, para contribuir com políticas públicas para a prevenção da mesma, visando a melhor formação de nossas crianças e jovens. Foram pesquisados artigos nacionais utilizando as palavras chaves: mediação de conflitos; conflito escolar; violência escolar; convivência escolar e gestão de conflito escolar, alcançando 94 artigos. O software Pajek é utilizado como ferramenta para a criação de redes sociais que nos mostram quais instituições mais publicam na área, os principais autores a elas vinculados, que palavras-chave são relacionadas com o tema central e quais referências são utilizadas como fonte para os artigos. A partir dos resultados das redes pode-se inferir que, por ser um tema recente no Brasil, há poucas instituições, tanto públicas quanto particulares, produzindo na área. Percebemos também que não existe uma área estruturada para o estudo do conflito escolar no Brasil, existe sim um perfil heterogêneo e que as referências utilizadas nas produções não apontam para fontes especializadas no tema, utilizando obras gerais da educação.

Palavras-chave:

Mediação de conflito; Violência escolar; Conflito escolar; Redes Sociais; Gestão de conflito escolar; Convivência escolar

Rio de Janeiro
Maio de 2015

ABSTRACT

THE BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION PROFILE IN SCHOOL CONFLICT AREA

Daniel Evangelho Gonçalves

Advisor: Alvaro Chrispino

Abstract os dissertation submitted to Programa de Pós-graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, as partial fulfillment of the requirements for the degree of Master.

The violence in the education institutions draws society attention in an alarming way, from families and responsibles, until teachers, managers, education policy-makers and politicians. Brazilian researchers keeps a modest but increasing evolution in the numbers of articles since 2000. Being this theme so relevant to society, this master's dissertation wants to map Brazilian's academics publications in the field of school conflicts that develop to violence, to contribute with public politics to the violence's prevention, aim at the best development for our children and youngs. It has been researched national articles, using the keywords: conflict mediation, school violence, school conflict, social networks, school conflict management and school life, reaching 94 articles. The software Pajek is used as an instrument for the creation of social networks that shows which institutions have published more in the field, the main authors linked to it, which keywords are related to the main theme and which references are used as source to the articles. From the network results, because it is a recent theme in Brazil, can be inferred that exists few institutions, publics and private, productions in the area. We can also realize that it does not exist a structured area yet for the school conflict study in Brazil. In other hand, exist a heterogeneous profile of researching and the using references in the produces does not show the specialized sources in the theme, using general education deeds.

Keywords:

Conflict mediation; School violence; School conflict; Social Networks; School conflict management; School life

Rio de Janeiro
2015, May

Sumário

Introdução **1**

I Marcos Teóricos **8**

I.1 Violência Escolar 11

I.2 Mediação de Conflito Escolar 15

I.3 Redes Sociais 19

II Metodologia **23**

III Resultados da Aplicação do *Software* e suas Análises **35**

III.1 Rede de Instituições 35

III.2 Rede de Palavras-chave 48

III.3 Rede de Referências 55

Conclusões **67**

Referências Bibliográficas **72**

Apêndice I **78**

Apêndice II **81**

Apêndice III **89**

Introdução

A sociedade é formada por elementos distintos, com características peculiares e interesses diferentes. Por isso, o conflito sempre existiu e é, até certo ponto, comum. Este princípio também é adequado à escola, ambiente onde as crianças e os jovens ampliam as primeiras regras sociais, experimentam coisas novas, aprendem a conviver com as diferenças e a formar a própria personalidade. Antes da rotina nas salas de aula, nos primeiros anos de vida, a socialização se confina à família, vizinhos e círculos religiosos e de lazer, porém de forma bastante restrita.

Na atualidade existe uma ausência de regras claras de convivência entre alunos e professores, o que contribui para o aumento exponencial da violência. Na escola aprende-se o conteúdo, mas também se educa para a vida, para a convivência com os outros, que carrega consigo diferentes trajetórias de vida e comportamento. O colega de classe reproduz aquilo que vive em seu seio familiar e nos lugares que frequenta, portanto, é fruto do seu meio, e como há uma crescente banalização da má educação e uma ausência de consciência sem limites, acaba-se por se constituir um ambiente pouco amistoso já no lar, consequentemente transplantado para a escola.

Definimos conflito como o resultado da diferença de opinião ou interesse de pelo menos duas pessoas ou conjunto de pessoas. No universo escolar, espera-se que a divergência de opinião, entre os próprios estudantes, os próprios professores e entre alunos e professores seja uma causa objetiva de conflitos. Entretanto, trataremos conflito escolar nesta dissertação como aqueles conflitos que evoluem para manifestações violentas que atrapalhem o processo de aprendizagem e prejudiquem o ambiente escolar e o desenvolvimento pessoal dos educandos, seja pelas diferenças entre os conflitantes ou pela dificuldade de comunicação entre os atores do sistema educacional.

Identificamos conflitos escolares mediante as concepções de Martinez Zampa (2005) e de Nebot (2000). A contribuição destes autores na conceituação por nós utilizada está no apontamento de uma característica peculiar da escola ou do sistema educacional que se restringe a um universo conhecido, com atores permanentes (alunos, professores, técnicos e comunidade) e com rotinas estabelecidas (temática, horários, espaços físicos etc.). O conflito é, portanto, presente e rotineiro em quase todas as instituições escolares, porém, o modo como se lida com ele quando se apresenta é que irá variar de uma escola para outra. Enquanto umas veem o conflito como instrumento de crescimento, outras o interpretam como um grave problema que deva ser abafado.

A divulgação da violência cresceu com o aparecimento constante dos casos de *bullying* na imprensa, se popularizou e hoje é tema recorrente em educação. Lembramos que o termo *bullying* não possui tradução literal para o português. É uma união de termos, segundo o dicionário Longman (SUMMERS, 2004), o significado de *Bully*, em inglês, se aproxima de

"valentão" e *bullying* pode ser traduzido por "intimidação", o que reduz a complexidade do fenômeno a uma das suas múltiplas formas de manifestação, ou seja, a um comportamento de ameaças e intimidações. Contudo, o significado atribuído não abarca todo o universo de violências escolares que podem ser entendidas como *bullying*.

Entretanto, apesar de fazer parte do processo de desenvolvimento da criança e do adolescente, na última década, os conflitos escolares têm preocupado a sociedade e o poder público, por alcançar uma manifestação violenta, o que não deve ser considerado como aceitável. Os pais estão preocupados, os gestores aflitos e os professores angustiados e todos têm medo. A violência de alunos contra professores deixou de ser exceção quando antes víamos estarrecidos apenas alguns casos do oposto.

Um quadro de grave violência é cada vez mais notório. Jovens depredam as escolas, quebram ventiladores, espelhos, janelas, tudo que é possível. Riscam-se as latarias e furam-se os pneus dos carros dos professores. São inúmeros os tipos de agressão física, ameaças e terror psicológico gerado, muitas vezes apenas pelo “prazer” e pelo “status” de cometer a ofensa, mesmo que gratuita. Contudo, este preocupante quadro fica ainda pior quando se observa aumentar o número de crianças com armas de fogo e facas entrando nas escolas, ateando fogo em colegas e cometendo assassinatos.

Antes da virada do milênio, há poucos registros de tão graves atrocidades, mas, infelizmente, essa triste realidade só faz crescer. Esta dissertação apresentará apenas alguns dos casos mais graves, para não se alongarem os exemplos: em notícia do portal *UOL*, publicada no dia 28 de outubro de 2002, registrou-se que um estudante de 17 anos matou a tiros duas colegas em uma escola particular de Salvador chamada *Sigma*, localizada em Jaguaribe, bairro de classe média na orla da capital baiana. Estudantes afirmaram que o assassino não tinha um bom relacionamento com as vítimas e que já havia prometido matá-las, por ter sido ridicularizado em público pelas garotas.

O jornal *Folha de São Paulo*, divulgou no dia 29 de janeiro de 2003, que no dia anterior, aconteceu um caso semelhante na cidade de Taiuva (SP). Um ex-aluno, de 18 anos, entrou na escola *Coronel Benedito Ortiz* atirando e ferindo seis colegas, uma professora e um zelador no momento do intervalo. Uma ex-colega disse a jornalistas que o agressor sofria diversos maus tratos chegando a sair chorando da sala de aula, após ser chamado de "gordo" e "vinagrão". "Ele disse que iria matar a classe toda, mas nunca ninguém acreditou", afirmou Aline Cristina Timossi.

Todavia, o caso mais emblemático e trágico ocorrido em escolas do país foi o “Massacre de Realengo”. O *site* do *Jornal do Brasil* veiculou no dia 7 de abril, que o ex-aluno *Wellington Menezes de Oliveira* entrou na escola municipal *Tasso da Silveira* e abriu fogo dentro das salas de aula, causando a morte de 12 pessoas. Até hoje os motivos não foram devidamente elucidados.

Muitos podem pensar que os casos de violência estariam relacionados à classe social dos estudantes, devido a problemas sociais das localidades onde vivem, ao nível cultural ou ainda a baixa concentração de renda. Entretanto, outros casos podem indicar que esta afirmativa não se sustenta, como o ocorrido no dia 18 de novembro de 2014, numa das mais renomadas escolas particulares do Rio de Janeiro, aconteceu o que poucos esperavam.

No colégio Cruzeiro, situado no Centro da cidade, ocorreu um preocupante caso de violência que poderia ter sido fatal. O site do jornal *O Globo*, publicou no dia 22 de novembro, que alunos do 3º ano do ensino fundamental, com idades beirando apenas os oito anos, foram flagrados dentro da escola com facas de cozinha em suas mochilas, que seriam usadas para ferir um colega. O motivo da tentativa de agressão teria sido por causa de uma rixa da "quase vítima" com outro aluno, que fora se queixar a dois colegas, dizendo que gostaria de se livrar do desafeto. Os colegas planejaram esfaquear o "inimigo". No entanto, ao tomar conhecimento da intenção, o menino que se queixara aos colegas ficou com medo e avisou à provável vítima na biblioteca. O aluno que sofreria o ataque pediu o auxílio de um inspetor, que abordou os dois meninos e encontrou as armas dentro das mochilas, evitando uma tragédia sem precedentes.

São inúmeras as questões que levam a violência para o ambiente escolar: diferenças sociais, culturais, psicológicas, experiências de frustração mal trabalhadas, diferenças de personalidade, competição, etc. e, apesar de não tão impactantes quanto mortes de crianças, os traumas causados pelos vários tipos de violência escolar seguem causando males na sociedade brasileira.

Depois de graves ocorrências de violência, como estas supracitadas sempre vem uma onda de divulgação da imprensa e reflexão da sociedade, causadas por emoções passageiras, mas logo se tornam "lugar comum" e nenhum projeto devidamente estruturado é posto em prática em termos de políticas públicas em educação para amenizar o problema.

Outro fator importante a ressaltar, é o aumento do *bullying* virtual. Entre colegas da mesma escola, ele sai da *web* e torna-se violência nas salas de aula. De acordo com a pesquisa "Este Jovem Brasileiro", realizada pelo portal *Educacional*, no ano de 2014, 64% dos docentes percebem em seu cotidiano escolar casos de ofensas pela internet entre seus alunos, e 73% acreditam que as publicações nas redes sociais causam problemas de relacionamento entre os colegas de classe.

A pesquisa ouviu 4 mil estudantes, de 13 a 16 anos, 300 pais de alunos e 60 professores em 36 escolas particulares de 14 estados brasileiros, que responderam de forma anônima, a formulários *on-line*. Os resultados constataram que o uso da internet e das redes sociais faz parte do dia a dia de 95% dos estudantes. 85% deles dizem que passam pelo menos duas horas navegando em *sites* de relacionamento.

Ainda sobre a pesquisa, 59% dos professores dizem que os alunos de 13 a 16 anos não têm consciência dos riscos aos quais estão expostos na internet. Esta já é a terceira maior

preocupação dos professores em relação aos seus alunos, atrás apenas do rendimento escolar e das dificuldades emocionais. Quando se trata do comportamento dos filhos na internet, o *bullying virtual* é o quarto motivo de preocupação dos pais, atrás dos problemas emocionais, da violência e das notas no colégio e à frente das drogas, do cigarro, do álcool e da sexualidade.

Também de acordo com os dados da pesquisa, 72,5% dos estudantes admitiram já ter mentido na internet e 37% disseram que já agiram de modo agressivo ou ofensivo com alguém pela *web*. Os alunos concordaram que a internet torna mais fácil a agressão, o preconceito e as mentiras, e 37,5% já se arrependeram de algum conteúdo que publicaram.

Os benefícios trazidos pela tecnologia da informação em sala de aula são inúmeros e ainda pouco explorados, mas trazem os problemas mencionados, caso não sejam definidas regras de conduta. É papel da escola ajudar o aluno a fazer bom uso das ferramentas digitais, porém, no Brasil, até o presente momento, há poucas iniciativas para regulamentar o uso de tecnologias digitais relacionadas ao ambiente escolar para crianças e jovens, dentro e fora da sala de aula, contribuindo para o aumento dos conflitos escolares.

Apesar de estar no cotidiano contemporâneo das pessoas, a violência escolar gera interferências na educação ainda não muito bem conhecidas e estudadas, mesmo que interfiram nas relações escolares com consequências na relação familiar. Daí surge uma lacuna que serviu de justificativa para esta pesquisa: como está o quadro das publicações acadêmicas brasileiras sobre violência/ mediação de conflito escolar? Com o aumento de casos veiculados pela mídia, aumentou a demanda de conhecimento maior sobre o tema, que passou a chamar a atenção dos mais diversos atores sociais, desde pais e responsáveis, até professores, gestores, decisores educacionais e políticos de toda ordem. Dessa forma, para aplicar políticas públicas adequadas é preciso embasamento teórico e cientifico, sendo este um tema muito relevante para todos estes setores sociais, porque com a educação de nossas crianças não se pode errar.

Trata-se de um tema jovem, de uma área nova. Mas se as técnicas já existem e outras estão sendo elaboradas, se o poder público já se atentou para a gravidade do problema, e os casos não param de ocorrer (como podemos comprovar ao fazer uma simples pesquisa na internet com o tema violência escolar, onde vemos inúmeras reportagens, simpósios, análises, encontros, artigos e livros sobre o assunto, além de vídeos alarmantes produzidos pelos próprios alunos, que demonstram o descontrole social e o relativo ao aumento da violência em todas as esferas), repete-se a pergunta: Como estará então a produção acadêmica do Brasil referente ao tema?

Não pretendemos fazer uma discussão sobre mediação de conflito, apontar causas, críticas ou soluções, mesmo que isso possa aparecer ao longo do texto. Estamos nos propondo a mapear as publicações acadêmicas brasileiras na área de conflito escolar, este é o nosso objetivo geral. O fato é que a violência cresceu. Este é um tema que está mobilizando a sociedade, e percebe-se o aumento das publicações acadêmicas a respeito. Frente a isso, nosso

objetivo geral é identificar ou estudar qual é o perfil das publicações acadêmica do Brasil nesta área.

Este objetivo central, gerado pela temática da convivência escolar, se desmembra em outros três objetivos específicos que pretendemos atingir e esclarecer:

a) Objetivo específico 1**:** Descobrir quais são as instituições vinculadas aos autores que mais produzem artigos na área de conflito escolar; qual região brasileira se destaca nas publicações desses artigos e por quê; se as instituições são públicas ou privadas; e em que regiões dos Estados se concentram.

b) Objetivo específico 2**:** Mapear quais são as áreas acadêmicas no entorno das palavras-chave dos artigos selecionados, relacionando as palavras-chave dos artigos com as palavras-chave desta pesquisa (violência escolar, conflito escolar, convivência escolar, gestão de conflito escolar e mediação de conflito escolar), afim de descobrir qual universo acadêmico produz sobre o assunto, definindo o perfil brasileiro na área.

c) Objetivo Específico 3: Criar uma rede de referências dos autores, dando destaque aos mais citados na área; levantar, quantitativamente, quais são os autores brasileiros mais produtivos; comparar as referências do grande grupo de produtores de artigos brasileiros sobre o tema com as dos mais produtivos dentre eles, através de uma contagem objetiva; elencar a quantidade de artigos publicados por ano sobre o assunto para saber se os autores mantêm publicações constantes e, assim, descobrir se os pesquisadores são de fato especializados na área.

Buscando fundamentar o tema, procuramos nos basear conceitualmente naqueles autores que mais produzem ou são mais representativos no cenário nacional, no contexto relativo à mediação de conflito escolar e seus temas subsequentes: conflito escolar, violência escolar e convivência escolar. Destacamos Eric Debarbieux, Catherine Blaya, Candido Alberto Gomes e Alvaro Chrispino como marcos teóricos balizadores de nossas concepções sobre o tema. Abordaremos os trabalhos que influenciaram esta dissertação no capítulo a seguir.

Por se tratar de um tema jovem e pouco explorado, necessitávamos de ferramentas para que pudéssemos construir o retrato das publicações acadêmicas no Brasil, em torno de conflito escolar como entendemos, com o olhar destinado aos casos de violência/ mediação de conflito escolar. Utilizamos então o *software* de análise de dados do programa Pajek (MRVAR e BATAGELJ, 2011, p.28), versão 1.19, desenvolvido para análise e visualização de redes, sejam elas quais forem. Fizemos uma análise documental de Redes Sociais geradas pelo *software* que nos permitiu mapear as publicações acadêmicas no Brasil sobre violência escolar/ mediação de conflito escolar, facilitando a compreensão das mesmas, a partir da análise de seus resultados, também gerados pelo programa.

O uso desta ferramenta no Brasil também é recente e cada vez mais utilizada. Há grupos de pesquisadores no CEFET-RJ, dentre outros, que exploram o campo. Utilizamos os conceitos

adquiridos no artigo: *A Área de CTS no Brasil Vista Como Rede Social: Onde aprendemos?* (CHRISPINO, et al., 2013). Ele atenta para o fato de que existem muitas definições de redes sociais e que a discussão acadêmica em torno da acepção de um paradigma uniforme ainda está longe de acontecer. Mas, as discussões são oriundas da década de 1940, quando surgem os primeiros estudos estruturantes que possibilitaram as análises das relações em rede. Transcorreremos sobre eles e sobre os conceitos que seguimos no decorrer da dissertação.

Para formar as redes, pesquisamos em nosso estudo, apenas produções acadêmicas, em língua portuguesa, elaboradas no Brasil, com o tema *mediação de conflito escolar*. Levantamos dados de duas grandes fontes de coleções e artigos científicos, a plataforma Scielo - A Scientific Electronic Library On-line - biblioteca eletrônica que contém uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros; e o portal *web* QUALIS, base de classificação de revistas científicas, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no qual selecionamos todas as revistas a1 e a2 na área de educação.

O estudo não fez um recorte temporal inicial, mas interrompeu a busca ao fim do primeiro semestre de 2014. A despeito do grande número encontrado, selecionou apenas artigos acadêmicos na área de educação, excluindo dissertações, trabalhos e teses, publicados em eventos científicos da área. Atentamos para a possibilidade de utilizar os mesmos métodos de análise de redes sociais, para transformar estas fontes num rico material para futuras pesquisas.

A seleção dos artigos deu-se pela busca das seguintes palavras-chave em português e com suas devidas traduções em Inglês: mediação de conflitos (conflict mediation); conflito escolar (school conflict); violência escolar (school violence); convivência escolar (school coexistence) e gestão de conflito escolar (school conflict management). O filtro resultou em 94 produções acadêmicas que se enquadram em nossa dissertação.

A escolha destes descritores atendia ao nosso intuito de abordar o tema conflito escolar como violência/mediação de conflito escolar. Entretanto, ao ler cada artigo, filtramos apenas aqueles artigos que abordam as tensões geradas pelo conflito tratadas como violência, conjuntamente com os voltados para a mediação dos mesmos, e aqueles que trabalham acerca de técnicas de comunicação, que intencionam a diminuição deste quadro. Muitos ficaram de fora por não conter estas prerrogativas, mesmo apresentando as palavras-chave pré-selecionadas.

A partir da recolha dos dados, foram geradas três redes distintas:

a) Rede de Instituições – recolhemos os nomes de cada instituição às quais os autores dos artigos estão vinculados, com o intuito de mapear onde e como se concentram as publicações brasileiras sobre o tema;

b) Rede de Palavras-Chave - foram reunidas as palavras-chave de cada artigo, relacionando-as com as palavras-chave da nossa pesquisa, para descobrir as áreas acadêmicas no entorno destas palavras, e assim, mapear o universo acadêmico dos artigos selecionados, formando um perfil brasileiro da área de pesquisa;

c) Rede de Referências Bibliográficas - selecionamos todas as referências de cada artigo recolhido que tratassem do tema por nós proposto. Desta forma, criar-se-ia um panorama geral de suas fontes de pesquisa. Em seguida, elencar-se-iam os autores brasileiros mais produtivos, comparando suas bases teóricas com as gerais, e relacionando com a linha do tempo das publicações no tema, com o intuito de descobrir o nível de especialização acadêmica brasileira no campo de estudos de conflito escolar.

Nossa dissertação apresenta-se dividida em cinco capítulos. O primeiro deles é a introdução supracitada, que apresentou a justificativa para esta pesquisa, e os objetivos que pretendemos alcançar; o segundo capítulo, a seguir, tratará da fundamentação teórica, em quem nos baseamos para trabalhar os conceitos de violência escolar, mediação de conflito e redes sociais; no terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada, demonstrando a forma como foram coletados os dados e as fontes, as ferramentas utilizadas para a construção das redes, e todos os passos que seguimos até obter os resultados gerados pelo programa Pajek; no quarto capítulo, serão expostas as três redes geradas pelo programa e os resultados derivados das mesmas, acrescidos de suas análises parciais; por fim, o quinto capítulo, trará as conclusões, apresentando com o que podemos contribuir, a partir de nossas análises dos dados pesquisados e dos resultados das redes; em seguida, serão expostas as referências que utilizamos e apêndices com todos os artigos inclusos, e com os dados que formaram as redes geradas pelo *software* Pajek.

Capítulo I - Marcos Teóricos

A evolução do volume de artigos a respeito do tema a partir dos anos 2000, coincidentemente ou não, aumenta junto com os casos de violência mais impactantes. Os primeiros pesquisadores especialistas no tema no Brasil tiveram dificuldade em buscar fontes teóricas, por contar com reduzido número de trabalhos acadêmicos nacionais, fazendo com que as fontes de pesquisa precisassem ser coletadas em artigos de língua inglesa ou espanhola.

Como Chrispino (2007) diz:

> *"[...] no Brasil, é possível enumerar alguns estudos pontuais até aproximadamente 2000, quando passamos a contar com um número maior de estudos e pesquisas sobre os diversos ângulos da violência escolar como, por exemplo, Abramovay e Rua (2002), Ortega e Del Rey (2002), Chrispino e Chrispino (2002), dentre outros." (p. 12)*

Os problemas atuais de violência escolar no Brasil são antigos em outros países, como afirma Chrispino (2007, p. 12):

> *"Países como Estados Unidos, França, Reino Unido, Espanha, Argentina e Chile, dentre outros, onde já é percebido um conjunto de políticas públicas mais ou menos eficientes dirigidas aos diversos atores que compõem este complexo sistema que é o fenômeno violência escolar."*

Estes países já apresentam consistentes produções acadêmicas há algumas décadas, e bons resultados neste assunto, como se pode ver nos trabalhos de Debarbieux e Blaya (2002). Como já foi dito, aqui no Brasil havia apenas alguns estudos isolados sobre o assunto até o ano 2000, quando começaram a aparecer pesquisas mais sólidas e uma preocupação crescente com o tema da violência escolar, como, por exemplo, Abramovay e Rua (2002), Ortega e Del Rey (2002), Chrispino e Chrispino (2002), dentre outros.

Ainda estão sendo fundamentadas as bases das políticas públicas no Brasil voltadas para redução da violência escolar. A educação brasileira vem sofrendo com isso, como nos diz Chrispino (2007):

> *"A educação – apesar da existência de programas importantes como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF–, vem sofrendo com a falta de políticas públicas de longo prazo e efetivas que atendam às necessidades da comunidade, vem sendo esvaziada pelo afastamento de bons docentes por conta do desprestígio e da perda significativa de salários, vem sendo "sucateada" pela ineficácia dos sistemas de gestão e por recursos cada vez mais reduzidos, vem se tornando cada vez mais "profanada" quando a história nos ensinou sobre uma escola cercada de respeito, pertencimento e "sacralidade". (p. 13)"*

Chrispino e Lamego (2012) fazem um movimento contrário à tradição acadêmica sobre o tema violência escolar, que busca a especialização de acordo com a área de conhecimento e onde publicam os autores. Eles procuram defender a ideia de que a centralidade social que se

tem atribuído à violência escolar é resultado da difusão e disseminação dos acontecimentos por meio da comunicação de massa (televisão, jornal, internet, etc.). Os fenômenos podem ser potencializados quando difundidos em larga escala e sem comprometimento com a verdade, correndo o risco de adquirirem uma importância acima da realidade, assemelhando-se ao *Mito da Caverna*, de Platão, onde a sombra é maior que o objeto que a produz. Debarbieux (2007) também ressalta o maior interesse e perpetuação dos casos de violência escolar pela mídia.

Em síntese, o que ocorre para os autores é que a falta da percepção correta relativa às proporções da violência escolar, superestimadas, podem aparentar que um caso isolado passe a ser visto como comum em todas as instituições de ensino, contudo, na realidade, isso não ocorre. Para analisar o quadro real, é necessário visitar várias áreas do conhecimento, fora dos limites da educação. Na comparação de Chrispino e Lamego (2012): “se a violência escolar é um fenômeno que se assemelha a abertura da Caixa de Pandora, não podemos esperar que D. Quixote e seu Sancho Pança sejam capazes de conter seus resultados” (p. 298).

A falta de publicações acadêmicas sobre o tema no Brasil, mesmo com seu relativo aumento, é preocupante. Como vamos resolver o problema se não o conhecemos a fundo? O quadro fica ainda mais alarmante quando comparado à realidade mundial. A discussão sobre os problemas atuais de violência escolar no Brasil já são antigas em outros países, como afirma Chrispino (2007). Países como Argentina, Chile, Espanha e Portugal estão a nossa frente, tanto em publicações acadêmica quanto em políticas de prevenção da violência escolar, apresentam consistentes produções com bons resultados práticos, como se pode ver nos trabalhos de Debarbieux e Blaya (2002).

Para elucidar ainda mais esta questão, utilizaremos o exemplo português de Sebastião Alves e Campos (2010) como contributo na justificativa desta pesquisa. No Brasil não há nenhuma ferramenta nacional como a que eles nos trazem para mapear a violência escolar, dificultando apresentar os mesmos resultados do programa português de educação que busca tomar medidas preventivas contra os casos graves de conflito escolar.

Através de um banco de dados criado em todas as escolas públicas do país, o chamado *Observatório de Segurança Escolar* (OSE) dá um contributo claro para esclarecer onde, quando e quais problemas ocorrem. Permite que, pela primeira vez, exista um conjunto de dados recolhidos sistematicamente, possibilitando um retrato global da distribuição das situações de violência e indisciplina grave no conjunto do sistema educativo português.

Chegou-se a resultados importantes, por exemplo: “o maior número de ocorrências” se enquadra no tipo: “atos contra a liberdade e integridade física das pessoas” (p. 24); que “os atos ocorrem na sala de aula e no recreio” (p. 29); que “há maior número de ocorrências no início dos períodos letivos” (p. 31); que “as ocorrências se distribuem de forma irregular nas regiões do país, nas escolas, nos espaços internos da escola” (p. 30); “que o maior número de ocorrências envolve o sexo masculino, como agressor e como vítima e que as vítimas do sexo feminino são,

em geral, funcionárias e professoras" (p. 34); que "os fenômenos da violência escolar estão distribuídos uniformemente ao longo das idades, mas que variam com o nível escolar" (p. 36); e intuem que "a violência em Portugal não se encontra uniformemente distribuída no espaço e no tempo, sendo mais frequentes as ocorrências em zonas urbanas de grande densidade populacional e nos meses iniciais de cada ano letivo" (p. 39).

No Brasil, apesar das poucas pesquisas, existem estudos pioneiros abrindo caminho na temática da violência escolar. Chrispino (2007) aponta o exemplo do programa de Mestrado da Universidade Católica de Brasília intitulado *Observatório da Violência*, que já produz uma série de pesquisas focada na violência escolar, mas relacionando-a com a visão docente (OLIVEIRA, M. G. P., 2003; OLIVEIRA, R. B. L., 2004), com a comunidade (SILVA, 2004), com o rendimento escolar (VALE, 2004), com a gestão escolar (CARREIRA, 2005), com a visão discente (RIBEIRO, 2004; FERNANDES, 2006), dentre outras.

Mapeando o problema a partir de informações precisas e confiáveis, sabendo exatamente como, onde e com o que estamos lidando, seria possível formular políticas públicas de intervenção precisa. Mas como o governo brasileiro vai receitar o remédio correto para o problema, se ele não é capaz, por falta de dados científicos, de diagnosticar a doença?

Vivemos um preocupante período de descaso com as políticas públicas voltadas para a educação. Como afirma Chrispino (2007, p. 13):

> *"A educação – apesar da existência de programas importantes como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF–, vem sofrendo com a falta de políticas públicas de longo prazo e efetivas que atendam às necessidades da comunidade, vem sendo esvaziada pelo afastamento de bons docentes por conta do desprestígio e da perda significativa de salários, vem sendo "sucateada" pela ineficácia dos sistemas de gestão e por recursos cada vez mais reduzidos, vem se tornando cada vez mais "profanada" quando a história nos ensinou sobre uma escola cercada de respeito, pertencimento e "sacralidade"."*

Muito tem se tentado fazer utilizando a legislação em vigor para conter a violência nas escolas, principalmente a partir de técnicas de mediação de conflito, conselhos, escuta ativa, e outras teorias e práticas que exporemos adiante nos marcos teóricos desta dissertação. Contudo, somente através de medidas como o mapeamento da realidade da violência escolar, como fizeram Sebastião Alves e Campos (2010), aumentar as publicações acadêmicas especializadas, melhorar o diálogo entre a comunidade escolar e as condições de trabalho dos docentes, dentre outros exemplos, é que poderemos amenizar o grau de conflitos no interior das escolas, melhorando a comunicação entre os atores envoltos no ambiente escolar, incluindo as famílias no processo educacional, ajudando a criança a desenvolver um sentido ético, respeitando as diferenças, prevenindo assim a violência.

Antes de expor a metodologia da recolha dos dados que nos permitiram formar as redes que auxiliam na observação dos resultados do mapeamento da realidade atual das publicações

acadêmicas brasileiras a respeito de conflito/violência escolar, é necessário apresentar nossa interpretação a respeito dos importantes conceitos a seguir:

I.1 Violência Escolar

Debardieux e Blaya nos ajudam a entender melhor o conceito de violência por meio da obra que dirigiram em 2002, traduzida e organizada pela UNESCO, intitulada *Violência nas Escolas e Políticas Públicas.* Os autores apresentam o tema *violência nas escolas* como objeto científico. Nesta obra, apresentam o conhecimento científico sobre o tema, questões epistemológicas e metodológicas, experiências no combate e prevenção da violência em diversos países, além da formação e preparo dos professores diante do problema. Ao conceituar violência escolar, seguem a linha de vários autores como Gottfredson (2001), Roché (1996) e o próprio Debaudieux (1989, 1996, 2000), que aceitam uma definição ampla, incluindo "atos de delinquência não necessariamente passíveis de punição, ou que, de qualquer forma, passam despercebidos pelo sistema jurídico" (p. 60). Os autores fazem um "passeio" pela história da violência em geral, para discutir a importância de até onde o termo pode e deve avançar, para incluir, devidamente, os conflitos nas escolas, mas sem engessá-los, para não ocorrer nem exageros midiáticos nem deixar de abarcar os principais ataques às vítimas, para atender às necessidades de prevenção.

Para eles o foco não deve estar nos agressores. A amplitude do conceito deve levar em conta a voz das vítimas, tanto em relação a incidentes múltiplos e causadores de estresse, que ficam sem punição, quanto a agressões brutais e caóticas exploradas pela mídia. A dificuldade de lidar com o tema, e até mesmo de defini-lo, está na recusa de ouvir o que as vítimas têm a dizer. Não se dá a devida importância quando os casos são aparentemente leves. "A história da violência na escola (DEBARDIEUX, 1998) – assim como muitas outras formas de violência – é a história da descoberta gradual das vítimas, daquelas pessoas 'esquecidas pela história'" (p. 66).

Necessitando trazer a discussão para âmbito nacional, nos balizamos em Gomes (2006 e 2009), que traz conceitos importantes sobre violência escolar, internos e externos às instituições de ensino, contribuindo para o alcance maior do olhar sobre o tema. Propõe também as primeiras alternativas para a busca de soluções.

Ressaltamos dois artigos importantes: *A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal* (2006) e *A formação do professor em face das violências nas escolas*(2009). O primeiro ocupou-se em apresentar as percepções de adolescentes matriculados nas instituições de ensino do Distrito Federal, sobre as violências nas escolas e nas redondezas onde residem. Ressalta que a violência é comum em escolas particulares e públicas, mas existem diferenças entre alunos dos dois tipos de escolas. Gomes fez uso de técnica de grupos focais, com resultados apontando para as diferenças no modo que cada tipo de escola aborda a violência,

as públicas apoiam-se no trabalho da polícia, e as particulares tentam manter o controle preventivo de pessoas e seus movimentos. Conclui que existe a necessidade gritante da escola passar a considerar as sociedades próprias dos adolescentes, com seus dinamismos próprios. Enxergando as mudanças dentro e fora do espaço escolar. O artigo contribui para nossa percepção de que a violência escolar não se restringe aos muros do colégio, e sim a toda a dinâmica sociológica das comunidades em que vive cada aluno.

O segundo aborda a indisciplina como contributo para a criação de propostas de educação para a paz. Remete-nos a refletir que, nos dias atuais, devemos partir para a superação do autoritarismo, da opressão e da submissão nas escolas, e assim "construir processos educacionais autônomos e solidários, dialógicos, emancipatórios e cooperativos". Este artigo demonstra maneiras de pôr em prática políticas públicas que poderiam ajudar a prevenir o problema em questão.

A escola é proposta como um espaço de inclusão social, de preparo dos cidadãos, para garantirem um futuro melhor em iguais condições, mas a hostilidade gerada pelas diferentes condições sociais que cercam os alunos afasta essa realidade e gera conflitos, que, vez ou outra, terminam em casos de violência. Gomes (2005) nos ajuda a entender as dificuldades e necessidades de se construir uma escola democrática e de qualidade, onde todos aprendam, sem esquecer-se da importância das origens sociais dos alunos, gestão educacional, avaliação e trajetórias curriculares. Teoricamente, esta escola tida como ideal é importante, pois nela os casos de conflito e violência escolar seriam facilmente controláveis e mediados.

O autor compara a estrutura dos sistemas educacionais às cebolas, com consecutivas camadas que influenciam na aprendizagem, como por exemplo, despesas, instalações, tempo letivo, corpo docente, clima e qualidade da gestão, ambiente entre os colegas de turma, dentre outras. Julgando importante a atuação dos gestores no âmbito intra-escolar, pois o reflexo do sistema educacional se dá no desenvolvimento dos países.

Para o autor, a escola tem que mudar, para oferecer os resultados esperados de inclusão social, porque ela existe para este fim. E hoje, a burocracia, somada à dificuldade de comunicação entre os setores escolares, gera um atraso no desenvolvimento das crianças e consequentemente da sociedade. Gomes (2005) diz que:

> *"A estrutura da escola e do sistema educacional foi por muito tempo comparada a uma caixa preta, que processava insumos e oferecia resultados à sociedade. Este modelo mais simples parece hoje incapaz de refletir a complexidade do real. Eles estão muito distantes de uma empresa, com estrutura piramidal, onde as ordens passam de escalão a escalão. Ao contrário, os fatos se sucedem diferentemente, de tal modo que uma metáfora útil seria a da cebola. De fato, o sistema educacional está dividido em camadas: primeiro, abrem-se as das diversas redes, depois de órgãos gestores regionais e locais; em seguida, as diferentes escolas e, nestas, as diversas turmas, com os seus variados professores e, por fim, os grupos de alunos, com adesão maior ou menor aos objetivos da escola. Desta forma, orientações e normas não passam com facilidade de uma para outra camada." (p. 283)*

Gomes também afirma, ao longo do texto, por meio de dados estatísticos, que o investimento em educação espelhado nas diferenças de escola para escola (o que chamou de “fator escola”), é fundamental para democratizar o ensino. Aponta que os países desenvolvidos são os que mais investem na qualidade das escolas, nos professores e no ensino. Entretanto, enaltece o papel protagonista da escola e dos educadores na democratização das sociedades, consequentemente no desenvolvimento dos países. Alega que a margem de influência destes é mais ampla nos países em desenvolvimento do que nos desenvolvidos, por isso, mesmo em ambientes hostis e com pouco investimento, os educadores e a educação podem fazer a diferença.

A conceituação que traz o alicerce histórico da violência escolar no Brasil está, para nós, concordante com o trabalho de Chrispino (2002). Dentre suas publicações destacamos os livros: *Políticas Educacionais de Redução da Violência: Mediação do Conflito Escolar* (2002), e *Mediação do Conflito Escolar* (2011). São importantes também os artigos: *Gestão de conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação* (2007), *Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar* (2011), *Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência* (2013), e o capítulo: *Aprender a comunicar-se: Primeiro passo para melhor convivência escolar*, presente no livro: *Mediação de conflitos, direitos humanos e acesso à justiça* (2012).

Na obra intitulada *Políticas Educacionais de Redução da Violência: mediação do conflito escolar* (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002), seus autores partem do pressuposto de que o aumento da violência escolar pode ser oriundo da massificação do acesso à escola, assim que o Estado assumiu a função de fornecer educação gratuita para todos os cidadãos. Porém, não foi garantido o acompanhamento do sistema de ensino na busca da adequação à nova realidade, já que agregava alunos com classes sociais, ambiente familiar e meios culturais dos diversos.

Para os autores, a escola passou por transformações ao longo dos anos ao englobar diferentes alunos de diversas áreas. Os docentes, ao serem reunidos no mesmo espaço, apresentam histórias de vida, condições financeiras e meios sociais distintos. Quando o Estado se tornou responsável pela educação massificada, escolheu incluir num mesmo espaço físico os mais variados alunos, tratando-os como iguais, na origem social, na expectativa de futuro, nos valores familiares, culturais e nas experiências trazidas por cada um. Entretanto, não se adaptou à chegada destes diferentes atores sociais, massificando a educação brasileira.

É na sala de aula que os problemas surgem, devido à diferença sociocultural entre os alunos. O professor não pode, portanto, como diz Marinho-Araújo (2010), agir de forma automática, mecânica, para reverter as situações de conflito. Deveria sim, atuar como mediador, pois, caso contrário, poderá entrar em choque direto com os estudantes, e, ao invés de reverter os conflitos violentos, poderá agravá-los. Vasconcelos (2007) realça que o professor está

preparado e tem as habilidades necessárias para exercer o magistério, mas o problema de sua atuação está em conseguir, criativamente, pacificamente e pedagogicamente, lidar com as novas situações que surgem cotidianamente no universo chamado sala de aula.

Collares e Moysés (1996, p.181) chegam a afirmar que “a escola parece ser uma instituição preparada para ensinar apenas a crianças ideais, que não existem. Diante da criança real, ela se coloca como vítima. Vítima de uma clientela inadequada [...]”. Outros autores (BURGET, 2003; TAVARES DOS SANTOS, 2001; VISCARDI, 1999), concordando com esta hipótese, indicam que o conflito, e depois a violência, surgem da negação da palavra e do dialogo no espaço escolar, gerados pela falta de comunicação entre os envolvidos.

Outra forma de violência escolar, que precisa ser conceituada aqui, para o melhor entendimento desta dissertação, é o *cyberbullying*, por ser um dos problemas mais atuais crescentes. A definição de *cyberbullying* é encontrada em diversas fontes e áreas de formação (NANCY WILLARD (2003), BILL BELSEY (2005), WOLAK, MITCHELL, FINKELHOR et al., 2006; KOWALSKI, LIMBER, AGATSTON, 2008; SHARIFF, 2008). Para fins de compreensão do tema proposto, vamos usar a que mais se aproxima do intuito desta pesquisa, definida por Mason (2008).

Em uma síntese das ideias do autor, *cyberbullying* é um tipo de violência contra uma ou mais pessoas, praticada através da internet ou de outras tecnologias relacionadas. O *cyberbullying* define-se como: ameaças ou comportamentos ofensivos enviados por meios eletrônicos de comunicação *on-line* (computadores, *smartfones*, *tablets*, etc.), para as vítimas selecionadas. Estabelecem-se, das mais diversas formas: informações/ameaças/agressões, com os mais variados formatos, imagens, fotos, vídeos ou texto, até de conteúdo sexual, envolvendo menores de idade, colocados e difundidos *on-line*, sobre e para as vítimas, com o objetivo de que outros vejam. Muitas vezes começam como “brincadeira” e outras já têm o intuito prévio de ofender. Independentemente da intenção, todas se caracterizam como violência a partir do momento que suas formas repetitivas de ofensas agridem as vítimas.

O tipo de agressão produzida por via eletrônica é mais acentuada, em algumas características, do que a agressão presencial. Em primeiro lugar, porque a agressão pode partir de qualquer um, em qualquer lugar, pode ser o vizinho do lado, o colega de classe ou alguém que nem sequer conhecemos, pode viver perto ou longe, não se sabe a fisionomia, características físicas, o gênero ou a idade, portanto, pode ser totalmente anônimo; Em segundo, persegue a vítima para todo o lado, qualquer tentativa de acesso ao mundo virtual pode se transformar numa agressão, assim o espaço físico deixou de ter importância Em terceiro, a divulgação da agressão é instantânea, para os milhões de observadores que se encontram conectados à rede virtual; e em quarto, a agressão é somente psicológica.

Os resultados do Relatório Internacional da Saúde Mundial (CRAIG, 2004; CRAIG &HAREL, 2004) e o Relatório do UNICEF Innocenti Card 7 (UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND, 2007) nos dizem que o *bullying* é um problema mundial e afeta cerca de um terço das crianças do mundo, ao menos uma vez por mês. Para cerca de 11% destas crianças, este tipo de abuso, praticado pelos seus companheiros, é severo, acontecendo repetidas vezes.

Em reportagem ao *Huffington Post*, Larry Magid, apresenta dados importantes da pesquisadora Michelle Ybarra, presidente do Center for Innovative Public Health, divulgada durante a conferência do Family Online Safety Institute (FOSI), em Washington. Ela revelou que 17% dos jovens relataram ter sofrido *bullying on-line*, contra 39% que o sofreram "em pessoa", fora os 10% que foram intimidados por telefone e 14% por mensagens de texto. Prova de que o número de agressões pelo mundo virtual é bastante considerável. Muito embora ela afirme que a incidência de ataques tem se mantido estável ao longo dos anos, entre adolescentes de 13 a 17 anos (faixa etária mais problemática até então). Mas, alguns estudos mundiais vêm contrapor esta pesquisa, afirmando que muitos adolescentes não denunciam ou assumem as agressões por medo de agravar o quadro, de serem coagidos ou por vergonha.

Aqui no Brasil, as pesquisas apontam que já o *cyberbullying* começa a se tornar um problema. Fante (2008) afirma que no Brasil, o *bullying* feito pela internet, é mais frequente que a prática ao vivo. Devido ao grande número de jovens conectados e aos números crescentes de reclamações de violências sofridas no mundo virtual, cria-se um estado de alerta. A recente pesquisa realizada pela organização não governamental PLAN, em 2010, denominada: *Bullying no ambiente escolar*, que abordou 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos, nos mostra que 17% já foram alvos de *cyberbullying*. Desses, 13% foram insultados pelo celular e os 87% restantes por textos e imagens enviados por e-mail ou redes sociais.

Diante dos diversos problemas relacionados à violência escolar é necessário que haja um aumento das publicações acadêmicas especializadas. Publicações estas que ofereçam subsídios para que sejam criadas políticas públicas que combatam o problema da violência escolar em nossas instituições de ensino.

I.2 Mediação de Conflito Escolar

Segundo Chrispino (2007), a mediação é uma forma de resolução de conflitos que busca um acordo pelo diálogo, com o auxílio de um terceiro imparcial (no sentido literal de não tomar partido), o mediador. Este não é juiz nem árbitro, ou seja, não cabe a ele decidir o futuro das negociações. O mediador pode ser qualquer pessoa que intervenha de forma imparcial em algum conflito, buscando um acordo satisfatório entre as partes. Entretanto, deve ter formação adequada, estar apto para essa tarefa, principalmente no âmbito escolar. Não só advogados,

psicólogos e terapeutas podem ocupar esta tarefa, também os professores, gestores e qualquer adulto responsável podem assumir este papel.

A proposta de Chrispino (2002, p. 6) é preparar um ambiente de paz através das mediações de conflito escolar, “não só como alternativa para ela própria, mas também como aprendizado social que pode contribuir para criar uma nova ordem de relação entre os cidadãos”. Esta mediação seria feita em conjunto com políticas públicas, apresentando um conjunto de ações e programas como: planos de ação e segurança, otimização e conservação dos espaços escolares, avaliação da violência escolar, controle da venda de drogas em volta das escolas, adaptação de prédios escolares devidamente seguros, etc. criando um ambiente de trabalho adequado e propício para a construção de uma cultura de paz internamente no ambiente escolar.

Chrispino também nos diz (2007, p. 12):

> *“Os diversos estudos publicados em língua portuguesa disseminaram ideias, aclararam os problemas e listaram alternativas já testadas em sociedades distintas, permitindo que a comunidade educacional brasileira reunisse informações para enfrentar um problema importante, no esforço de tirar a “diferença” causada por alguns anos de atraso na percepção do problema e na busca de soluções próprias.”*

Estes dados nos fazem ver que este tema está ocupando um lugar de destaque para os acadêmicos e consequentemente para a sociedade, e isto pode trazer bons frutos para a resolução dos problemas gerados pelo aumento da violência escolar.

Concordamos com Chrispino (2012), quando este aponta para a necessidade do desenvolvimento de “tecnologias sociais” ou metodologias de desenvolvimento e melhora da comunicação entre a comunidade escolar. Diz que aprender a se comunicar é o primeiro passo para melhorar a convivência escolar, prevenindo a violência. Em suas palavras seu trabalho trata: “da necessidade de instrumentalizar-se o dialogo por sua função na prevenção da violência e por sua capacidade de externar emoções, também percebida como prática que colabora para a diminuição de tensões entre grupos heterogêneos”.

Dando seguimento, além de apontar para a melhoria da comunicação como possível solução ou medida de prevenção dos conflitos, Chrispino (2013) afirma que os professores devem estar atentos a outras formas de expressão para tentar entender o significado dos comportamentos, como a linguagem corporal, expõe técnicas de outros autores que procuram resolver o problema na prática, como *escuta ativa* e *comunicação na primeira pessoa*. Atenta também para conceitos importantes no cenário educacional, como o sistema “sorte e azar”, visão de futuro e a resiliência, defendendo a ideia de que “o quadro de violência pode ser produzido pela falta de “gratificação de futuro”, que permitiria que crianças, jovens e adultos se motivassem a investir hoje, visando o que há de vir” (p. 821).

É necessário elucidar, desde já, nossa escolha conceitual quanto ao tema *Mediação de Conflito*, que é a base para a criação de políticas públicas que diminuam à violência e do conflito

escolar. Para nós os verdadeiros especialistas no tema são aqueles que entendem o conceito como:

> *"O procedimento no qual os participantes, com a assistência de uma pessoa imparcial – o mediador –, colocam as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável. A mediação pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais. A mediação induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social." (CHRISPINO, 2007, p. 22-23)*

Chrispino não está só, muitos autores veem como necessário, para mediar os conflitos violentos nas escolas, melhorar as técnicas de comunicação. O perfil do aluno mudou, mas ainda se ensina de forma rígida e tradicional, deixando de lado as individualidades, podendo causar graves danos psicológicos. Nesta situação de coerção, este novo aluno pode não se sentir confortável para externar suas emoções ou problemas, por não haver interlocutores confiáveis. Six (2007), ao tratar da mediação escolar na França e na Bélgica, informa em uma reportagem do jornal Le Monde, de 27 de maio de 1994, que: "[...] um colegial em cada cinco, e um estudante em cada quatro, dizem que não sabem com quem falar quando necessitam [...]. Menos de 3% dos adolescentes se confiam a profissionais: médicos, professores ou animadores.".

Deutsch (1969, p. 12) descreve a comunicação entre as pessoas em conflito:

> *"Caracteristicamente, um processo competitivo tende a produzir os seguintes efeitos: a comunicação entre as partes conflitantes é inconfiável e empobrecida. Os canais de comunicação disponíveis e as oportunidades não são utilizados ou são usados em uma tentativa de enganar ou intimidar a outra. Pouca confiança é depositada na informação obtida diretamente da outra parte; conta-se com a espionagem e outros meios indiretos de se obter informação. A comunicação deficiente aumenta a possibilidade de erro e de informação errônea do tipo que pode reforçar as orientações e expectativas preexistentes em relação à outra parte."*

Outro grupo de autores vai além da discussão das origens da violência escolar e da necessidade de mediação e melhoria nos processos de comunicação entre os setores que envolvem o universo escolar. Propõe procedimentos e técnicas para melhorar a qualidade da comunicação, otimizando os resultados da mediação de conflito, como: *escuta ativa* e *comunicação em primeira pessoa*.

Partindo do pressuposto de que saber com quem falar não é o suficiente, pois falar não é o mesmo que dialogar, muitos autores dizem que a maioria dos conflitos originam-se pela falta de comunicação, ou por percepções equivocadas na fala, interpretações apressadas, preconceito, etc. Moore (1998) diz que os problemas não serão necessariamente resolvidos somente pela conversa entre as partes envolvidas, pois, em um ambiente competitivo, sempre

estão envoltas disputas, e é justamente neste impasse que entra o mediador, para conduzir a conversa, lidando com as emoções e estimulando o verdadeiro diálogo.

Para Moore (1998), a maioria dos conflitos envolve mais sentimentos negativos do que positivos, e é justamente na hora de conciliar as partes envolvidas que se faz necessária a figura do mediador. Ele concentra sua atenção nas intervenções que neutralizem estas emoções negativas e realça as positivas, explorando as bases fisiológicas e psicológicas das emoções, sabendo sempre que os sentimentos não precisam bem "resolvidos" para o sucesso da mediação. Segundo o autor (1998, p. 148): "Os mediadores, frequentemente, têm pouca dificuldade para reconhecer que uma parte está experimentando uma emoção, mas podem não conseguir identificá-la ou determinar a intensidade do sentimento da parte em relação ao tema em discussão."

Tendo isso em vista, Moore (1998, p. 148) apresenta uma ferramenta chamada: *escuta ativa,* que, em geral, facilita a identificação e o diagnóstico das emoções para o mediador conduzir a conversa e os prováveis rompantes emocionais decorrentes da mesma, buscando um caminho alternativo para a resolução de conflitos. Segundo o autor, ela seria a:

> *"[...] técnica de comunicação em que um ouvinte decodifica uma mensagem verbal, identifica a emoção precisa que está sendo expressada, e depois restabelece o conteúdo emocional da mensagem para quem estava falando, usando as mesmas palavras ou palavras similares àquelas usadas por ele."*

O universo de alternativas propostas no meio acadêmico, para reduzir a violência escolar, não se resume à escuta ativa. Torrego (2001) e Martínez Zampa (2005) trabalham outra forma de mediação de conflito por meio de uma técnica chamada: *comunicação em primeira pessoa*. Ela "Deve conter informações sobre a situação de que trata; que sentimento/emoção lhe produz essa situação; por que essa situação lhe afeta (se você sabe) e o que se necessita que seja feito para superar". Ao se responder ordenadamente a essas perguntas procura-se entender o conflito como um todo e chegar a um entendimento.

Nossa pesquisa mostrará que há um aumento no número de artigos, embora não necessariamente especializados no tema. Mas, mesmo assim, são insipientes, e não atendem às demandas geradas pelo problema da violência escolar por não serem devidamente especializados no tema. Existem, no Brasil, poucas ferramentas em larga escala utilizadas para mapear os casos de violência escolar e buscar suas possíveis soluções. Em Portugal isto já ocorre, Sebastião Alves e Campos (2010), como já citamos anteriormente, buscam tomar medidas preventivas contra os casos de conflito escolar, por meio de um banco de dados criado em todas as escolas públicas do país, o chamado Observatório de Segurança Escolar (OSE). Graças a ele pode-se analisar um conjunto global de dados recolhidas sistematicamente, melhorando o entendimento dos fenômenos e propondo com isso políticas públicas de intervenção.

I.3 Redes Sociais

Partindo do pressuposto de que redes sociais são capazes de mapear redes de citações, instituições e palavras-chave, utilizaremos esta ferramenta científica em nossa dissertação. Todavia, é necessário estabelecer nossa posição quanto à conceituação por nós adotada, já que se trata de um campo amplamente heterogêneo.

Quando falamos ou pensamos sobre redes sociais, nos dias atuais, rapidamente remete-se à atual era das comunicações e mundo virtual, onde todos os usuários estão conectados por redes, como FaceBook, Twitter e muitas outras, onde as informações pessoais ou profissionais são expostas e analisadas rotineiramente. Mas poucos sabem que o conceito de redes sociais vai além, é muito mais profundo, possibilitando-nos estudar e analisar muito mais do que estas superficialidades.

Concordamos com a visão, construída com o tempo, por pesquisadores como Barnes (1987), Elias (1994), Mitchell (1996), Scott, (2004), Pyka e Scharnhorst (2009), Heidemann (2010), Souza, Barbastefano e Lima (2012), Chrispino, Lima, Albuquerque, Freitas e Silva (2013) e outros que definem Redes Sociais como uma estrutura abstrata de relações, constituída por atores, que podem ser todo tipo de exemplos que se pretende estudar, como: indivíduos, organizações, países, empresas, campos do conhecimento etc., representando alguma relação de interdependência.

Os estudos com redes sociais começaram a ser trabalhados pelas ciências humanas (sociologia, antropologia e muitas outras) nos anos 1930, conforme descrito por Guimarães e Melo (2005, p.3). Contudo, é nos anos 60 que estas pesquisas passam a contribuir também para a área das ciências exatas, quando foi conduzida para o estudo da teoria dos gráficos (grafos), um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto não vazio (BIGGS, 1986). Cada ator a ser estudado é considerado um vértice, e podem ser feitas diversas ligações entre eles. Teoria esta que, segundo Braga, Gomes e, Ruediger (2008), foi proposta para solucionar uma charada matemática feita por Leonhard Eüler (1707-83), que discutiu a possibilidade de se percorrer (ou não) toda a cidade de Konigsberg, cruzando cada uma de suas pontes exatamente uma só vez. Hoje a aplicação da teoria é utilizada em *softwares* altamente avançados, e, a partir dos anos 70 é disseminada para vastos campos do conhecimento. Especialmente utilizado na Sociologia, como instrumento para mapear os movimentos sociais.

Na contemporaneidade, como já dissemos, fica difícil separar Redes Sociais do mundo *on-line*. Heidemann (2010) nos mostra os aspectos da formação dessas redes de foram generalizada, seja através da amizade, romance, lazer, negócios etc. A autora aponta os principais desafios destas redes, que, cada vez mais, crescem em importância para a economia no que se refere o valor investido em seu desenvolvimento direto e de aplicativos agregados, gerando receita a partir da formação de opinião sobre produtos e serviços e valor de mercado.

Manuel Castells, no primeiro volume da trilogia *Sociedade em Rede*, publicado em 2003, estuda uma sociedade baseada nos intensos e intermitentes fluxos de informação, onde espaço e tempo não mais se constituem em barreiras de comunicação, e o aprendizado é proveniente de todo e qualquer horizonte, o que chamou de sociedade da informação ou do conhecimento.

Crescem os trabalhos acadêmicos e as pesquisas utilizando Redes Sociais baseados na obra de Castells. Pyka e Scharnhorst (2009) explicam que na atual sociedade do conhecimento, o que é vital para o funcionamento da vida social, são as infraestruturas e os fluxos de trabalho. Para explorar este novo tipo de padrão social faz-se necessária uma abordagem sobre redes que se enquadre perfeitamente aos complexos ambientes sociais, técnicos e naturais, que todos nós fazemos parte.

O uso das redes sociais vai muito além de traçar padrões estatísticos ou construir gráficos, pois, colocando os dados interligados em rede, é possível muito mais do que quantificar, podemos descobrir e estudar padrões de relacionamento entre os atores, sejam eles quais forem, a conectividade entre estes, a evolução da rede ao longo do tempo e o fluxo de comunicação, informação e conhecimento dentro da rede (SOUZA, BARBASTEFANO e LIMA, 2012, p. 672).

O emprego desta ferramenta pode ser utilizado para quase todo tipo de pesquisa, e pode oferecer diversos resultados a serem analisados. Ferreira (2011) apresenta algumas das medidas apresentadas por uma rede, como: densidade: proporção entre o número de conexões de uma rede e o número máximo de conexões que esta rede poderia apresentar; grau: número de ligações que um ator tem com outros atores (representa o poder do ator na rede); proximidade: distância de um ator em relação a todos os outros na rede, com base na distância geodésica. Representa a independência do ator, uma vez que significa maior poder de comunicação deste com os demais atores da rede; Intermediação: centralidade de um ator em relação aos caminhos geodésicos entre outros atores, caracteriza o poder de controle de fluxo de informações e trajetos que as informações percorrem. E muitas outras.

As primeiras utilizações do termo datam da década de 1940, com o desenvolvimento de conceitos estruturais que seriam ampliados em princípio para o estudo das relações em rede, porém se mantém na metáfora, já que não são consideradas suas propriedades na multiplicidade das relações sociais. Um dos primeiros a utilizar o termo com a metodologia de utilizar fios se entrelaçando nas ciências sociais foi Barnes (1987). Segundo ele, o estudo das redes culmina em uma análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias, seria necessária a análise e descrição dos processos sociais que se dão em torno dos resultados apresentados pelas redes, pois as relações entre os indivíduos ou atores da rede, envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias.

Já Mitchell (2004) provavelmente o primeiro a balizar as estruturas para a análise dos dados apresentados em uma pesquisa de redes sociais, unindo a matemática da teoria dos

grafos com a pesquisa sociológica para poder esclarecer as propriedades estruturais da organização social, preenchendo as lacunas deixadas quando estudadas separadamente, procurando unir a teoria e a prática, ou seja, conciliar o lado mais metafórico com a análise dos resultados, devido à limitação que observou no estudo isolado de cada um deles. Com isso acabou tornando-se o estruturador das bases para uma pesquisa sistemática da análise das redes sociais. Enfatizou a matemática da teoria dos grafos, somada com a pesquisa sociológica para poder esclarecer as propriedades estruturais da organização social.

O terceiro e último autor utilizado para balizar o conceito de redes sociais é Elias (1994). Ele enxerga como viva a maneira como se processam as inter-relações nas redes sociais. Existem inúmeras possibilidades de comunicação entre os atores da rede, cada relação tem sua complexidade e diferentes significados e só fazem sentido quando vistos na completude do seu conjunto, como uma rede de tecidos, muitos fios isolados que, ao se ligarem uns aos outros, formam uma grande malha, como diz Elias:

> *"[...] para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca." (1994, p. 35)*

Conceitos importantes para a formação de nossas redes e suas consequentes analises precisam de ser destacados aqui, para a compreensão de como as Redes Sociais, através do *Software* Pajek, se aplicam em nosso trabalho. Segundo Chrispino et al. (2013, p. 460):

> *"Uma rede, que pode ser modelada por um grafo, é definida como um conjunto de vértices ou atores cujas inter-relações são representadas por arcos. Essa rede é conexa se existe, no mínimo, um caminho entre quaisquer pares de vértices. Caso não exista, dizemos que a rede é desconexa e cada subconjunto conexo é definido como um componente conexo. Interessante destacar que a componente conexa com maior número de vértices é, frequentemente, denominada na literatura como componente conexa gigante da rede. Usualmente, uma rede é dita direcionada quando um sentido de fluxo é estabelecido entre os vértices. Nesse tipo de rede direcionada, há dois graus associados a um vértice: o grau de entrada e o de saída. O grau de entrada de um vértice é dado como o total de arcos incidentes a este; o grau de saída corresponde ao total de arcos que partem de um vértice. Os graus de entrada e saída de um vértice são frequentemente utilizados como medida de centralidade de um vértice da rede."*

As referidas medidas de centralidade vão posicionar os pontos da rede, a partir de graus que indicam as posições mais centrais na malha da rede, com o intuito de atingir a finalidade do pesquisador. Cabe destacar também que nem sempre o ponto com mais ligações diretas na rede é o mais importante, porque existem diferentes tipos de centralidade, a posição mais central se

dará por sua posição estratégica, ao desempenhar papel de destaque na informação e comunicação.

Capítulo 2 – Metodologia

Fizemos uma pesquisa documental de Redes Sociais. Sabemos que o termo pode ser utilizado por alguns autores como sinônimo de pesquisas bibliográficas, porém, nosso viés está na análise dos documentos gerados pela pesquisa, documentos tanto em papel como eletrônicos, inclusive com ISSNs diferentes, com o intuito de estruturar a recolha e análise dos dados gerados pelo *software* Pajek, um programa livre para Windows, voltado à análise e visualização de grandes redes, com alguns milhares ou até milhões de vértices (conjunto de pontos). A principal característica do programa é decompor a rede em estruturas menores, oferecendo ferramentas de análise de estruturas com relatórios estatísticos. Pode ser formado todo tipo de redes, como: de colaboração, molécula orgânica em química, redes de interação, genealogias, redes de Internet, redes de citação, redes de difusão (AIDS, notícias, inovações), mineração de dados, entre muitas outras.

Este *software* nos permitiu mapear as publicações acadêmicas do Brasil sobre conflito escolar, e facilitou a compreensão da mesma, a partir da apreciação de seus resultados, também gerados pelo programa.

Analise documental, segundo Ludke e André (1986) "pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema" (p. 38), portanto, é adequado perfeitamente ao que propomos. Busca identificar informações factuais nos documentos, a começar por questões ou hipóteses de nosso interesse, como diz Caulley (1981).

Nossa dissertação utilizou esta ferramenta a partir de observações dos dados recolhidos de forma controlada e sistemática, obedecendo a um planejamento cuidadoso do trabalho em questão e determinando com antecedência "o quê" e "como" observar nos dados recolhidos e expressos nos documentos por nós produzidos. Consideramos documentos: "quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fontes de informação sobre o comportamento humano" (PHILLIPS, 1974, p. 187).

Documentos são fontes estáveis e ricas que perduram no tempo, e podem ser analisados diversas vezes, com olhares diferentes, constituindo-se como fontes poderosas, onde podem ser retiradas novas evidencias e respostas para as mesmas ou novas perguntas. Seu uso é apropriado para diversas situações, mas Holsti (1963) aponta três formas mais básicas:

a) Quando é difícil o acesso aos dados, devido ao tempo escasso e a longas distâncias para recolher as fontes; quando a fonte oral já faleceu, ou ainda, devido ao pesquisador não querer estar presente no ambiente de estudo, para não causar alterações físicas.

b) Quando a forma de expressão no linguajar do pesquisado é prioritário para as percepções da investigação, e estar no ambiente atrapalha a naturalidade das formas de produção do sujeito.

c) E a que mais nos afeta: quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outra técnica, aumentando a confiança nos resultados, já que os documentos analisados foram por nós produzidos, a partir de uma coleta imparcial de dados.

Partindo desse pressuposto, criamos três redes geradas pelo software Pajek, de diversas possíveis. Geradas a partir da recolha de dados específicos, que produziram relatórios e gráficos a serem por nós analisados. Escolhemos estas, por acharmos que nos atenderiam melhor à resolução da questão proposta nesta tese, e ao cumprimento do objetivo geral e dos objetivos específicos da mesma.

A partir da recolha dos dados obtivemos as seguintes redes e levantamentos:

a) Rede de Instituições – recolhemos os nomes de cada instituição, as quais os autores dos artigos estão vinculados, com o intuito de mapear onde e como se concentram as publicações brasileiras sobre o tema;

b) Rede de Palavras-Chave - foram angariadas palavras-chave de cada artigo, relacionando-as com as palavras-chave da nossa pesquisa, para descobrir as áreas acadêmicas no entorno destas palavras e, assim, mapear o universo acadêmico dos artigos selecionados, formando um perfil brasileiro da área de pesquisa;

c) Rede de Referências Bibliográficas - selecionamos todas as referências de cada artigo recolhido que tratassem do tema por nós proposto. Desta forma, criar-se-ia um panorama geral de suas fontes de pesquisa.

d) Elencamos os autores brasileiros mais produtivos, através de um levantamento objetivo, comparando suas bases teóricas com as gerais;

e) Relacionamos os autores da rede geral de referências e os autores mais produtivos com a linha do tempo de publicações no tema, com o intuito de descobrir o nível de especialização acadêmica brasileira no campo de estudos de conflito escolar.

Para formar as redes selecionamos produções em língua portuguesa, elaboradas apenas no Brasil, com o tema *mediação de conflito escolar*, levantamos dados de duas grandes fontes de coleções e artigos científicos, a plataforma Scientific Electronic Library On-line (*Scielo),*biblioteca eletrônica que contém uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, e o portal web Qualis, um sistema de avaliação e classificação de revistas científicas, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), apenas da área de Educação, para nos mantermos condizentes ao recorte temático por nós estabelecido.

O estudo não fez um recorte temporal inicial, e encerrou as buscas no primeiro semestre de 2014. Captou todos os artigos produzidos ao longo do tempo e, a despeito do grande número encontrado, selecionou os artigos acadêmicos na área de educação, excluindo dissertações, trabalhos e teses publicados em eventos científicos da área. Atentamos para a possibilidade de

ampliação das fontes recolhidas, utilizando os mesmos métodos de análise de redes sociais, para transformar estas fontes num rico material para futuras pesquisas.

A seleção dos artigos deu-se pela busca das seguintes palavras-chave em português e com suas devidas traduções em inglês: mediação de conflitos (conflict mediation); conflito escolar (school conflict); violência escolar (school violence); convivência escolar (school coexistence) e gestão de conflito escolar (school conflict management), devido ao fato de que muitos autores brasileiros escrevem seus artigos também em língua Inglesa, para ampliar o seu alcance. Entretanto, é na busca de revistas nacionais o nosso enfoque.

As variações de gênero, número, juntas ou separadas, com aspas ou sem e com as mudanças de preposições foram feitas nas palavras-chave, sem alterar o resultado da recolha de artigos. Ressaltamos também que as palavras-chave se assemelham, entretanto, podem ser utilizadas por diversos campos do saber com significados e finalidades diferentes.

Selecionamos então apenas os artigos que mais se aproximam da específica área de "conflito escolar" tratada como violência, filtramos ainda aqueles que são voltados para a mediação dos mesmos, ou os que trabalham acerca de técnicas de comunicação que intencionam a diminuição deste quadro. Muitos foram excluídos por não conterem estas prerrogativas, mesmo contendo as palavras-chave pré-selecionadas.

Seguindo os critérios por nós definidos a cima, obtivemos 65 artigos oriundos das revistas do portal *Web* Qualis e 29 da plataforma Scielo, excluindo as repetições encontradas. A seguir apresentaremos detalhadamente o processo de estruturação dos dados recolhidos nas duas plataformas, resultando nos 94 artigos que atendem aos requisitos da pesquisa.

Ao fazer a busca no portal QUALIS, no site *http://qualis.capes.gov.br/,* no campo Classificação/Área de Avaliação, selecionamos "EDUCAÇÃO" na Área de Avaliação. Em seguida, no campo estrato, selecionamos somente as duas mais altas classificações das revistas, a1 e posteriormente a2, num universo de oito categorizações possíveis (a1, a2, b1, b2, b3, b4, b5 e c), com a justificativa de que seriam encontrados os artigos mais relevantes e que tenham passado por avaliação por pares e outros critérios de análise, Foram encontradas 114 revistas a1 e 169 revistas a2. Ao selecionarmos apenas as revistas brasileiras, encontramos 31 revistas a1 e 55 a2 (Apêndice 1). Identificamos 11 artigos em revista a1 e 54 artigos em revista a2 que atendem aos critérios estabelecidos para a pesquisa, apresentando 233 artigos decorrentes das palavras-chave, dos quais apenas 65 foram aproveitados (Apêndice 2).

Após a leitura de cada artigo, foi feita uma segunda filtragem, pois constatamos que apenas algumas revistas nos proporcionaram trabalhos acadêmicos abordando o tema proposto segundo nossos recortes metodológicos pré-definidos. Dentro do universo das revistas A1, três revistas continham artigos que nos interessavam, portanto, dos 31 encontrados em todas as revistas, restaram apenas 11.

Segue a listagem das revistas escolhidas com número de artigos selecionados em cada revista e o título dos mesmos na Tabela II.1.

Tabela II.1: Revistas Qualis a1 e seus artigos utilizados

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
Cadernos de Pesquisa	1	Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil.
Ensaio	8	Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência.
		Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições.
		Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?
		Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo.
		Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz.
		Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.
		Memória coletiva e insurgência contra o olvido: em favor da convivência na escola.
		Diversidade e padronização nas políticas educacionais: configurações da convivência escolar.
Educação Temática Digital	2	Culturas juvenis, mídias e consumo: mediações em educação.
		A escola na mídia: entre inovações e controles.

Fonte: o próprio autor

Seguindo a mesma lógica da segunda filtragem, feita anteriormente, agora aplicada às revistas a2, selecionamos 12 revistas, contendo 54 artigos relevantes dentre os 171 encontrados em todas as revistas por meio das palavras-chave escolhidas.

Segue a listagem das revistas escolhidas com número de artigos selecionados em cada uma, e o título dos mesmos na Tabela II.2.

Tabela II.2: Revistas Qualis a2 e seus artigos utilizados.

Continua

REVISTAS	N º DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
Boletim de Educação Matemática	12	A Formação de Professores e suas Relações com Cultura e Sociedade: a educação escolar indígena no centro das atenções.
		Educação Matemática na Escola Indígena sob uma Abordagem Crítica.
		O Estudo da Realidade como Eixo da Formação Matemática dos Professores de Comunidades Rurais.
		Educação Matemática, Multiculturalismo e Preconceitos: que homem é tomado como medida de todos os outros?
		A Aprendizagem Matemática em uma Posição de Fronteira: foregrounds e intencionalidade de estudantes de uma favela brasileira.
		“Antes de dividir temos que somar”: ‘entre-vistando’ foregrounds de estudantes indígenas.
		O erro e o ensino-aprendizagem de matemática na perspectiva do desenvolvimento da autonomia do aluno.
		Educação Matemática e Sociedade.
		Portfólio de Matemática: um instrumento de análise do processo de aprendizagem.
		Identificação e Análise das Dimensões que Permeiam a Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Aulas de Matemática no Contexto da Formação de Professores.
		Histórias de Vida de Professores de Matemática.

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
		Discursos do Professor de Matemática e suas Implicações na Compreensão dos Alunos.
Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências	11	Encruzilhadas teóricas: desvios necessários na formação inicial docente.
		O ensino de ciências como ferramenta pedagógica de reconstrução das representações escolares sobre os povos indígenas.
		A auto-exclusão dos alunos das escolas públicas estaduais de Belo Horizonte no vestibular da UFMG.
		Teorias da origem e evolução da vida: dilemas e desafios no ensino médio.
		A leitura de textos didáticos de ciências como confronto de perspectivas.
		Cursos de educação e formação: uma oportunidade para questionar práticas de sala de aula e reconstruir identidades escolares.
		A inserção de conceitos científicos no cotidiano escolar.
		Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória.
		O conceito de atividade e suas possibilidades na interpretação de práticas educativas.
		Mediadores de centros de ciências e os seus papéis durante as visitas escolares.
		Aprendizagem e metacognição no ensino de metodologia científica.
Estudos Avançados	2	A Instituição Escolar e a Violência.
		O conceito de “formação”.
Movimento	7	Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação.

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
		Tempo e espaço para educação corporal no cotidiano de uma escola pública.
		Dados, interpretações e implicações.
		Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física.
		Caminhos da exclusão: análise do preconceito em sua manifestação nos jogos infantis.
		Percepção de pais e professores da influência de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não-portadoras de necessidades especiais.
		MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar.
Práxis Educativa	1	O diálogo como possibilidade de mediação da violência na escola.
Psicologia em Estudo	1	A compreensão sistêmica do bullying.
Revista Brasileira de Política e Administração da Educação	5	Os direitos culturais e a política educacional brasileira na contemporaneidade.
		Educação como direito: o papel estratégico da educação pública na construção da igualdade e justiça social.
		Gestão da educação e dialogicidade problematizadora.
		A nova regulação de forças no interior da escola: carreira, formação e avaliação docente.
		Aspectos organizacionais e dinâmicos na gestão de escolas: dilemas e conflitos.
Revista da ANPOLL	2	Análise multimodal de uma história inventada: o caso da onomatopeia visual.

REVISTAS	N º DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
		Entre o "dizer" e o "poder dizer" na escrita: uma relação de conflito e de identidade.
Revista Diálogo Educacional	3	Violação intraescolar de direitos humanos: jogo de espelhos.
		Conflitos, sentimentos e violência escolar.
		Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola.
Revista Educação em Questão	4	A criança e a escola da floresta: história da escolarização da infância na cidade de Sinop – Mato Grosso (1973-1979).
		As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012).
		Gênero, sexualidade e docência: (re)pensando práticas.
		Jovens e adultos do campo: educação, passado e futuro.
Revista Educação	4	A construção da cultura de paz como uma estratégia de superação da violência no meio escolar: impasses e desafios.
		Um extraterrestre em busca de um lugar: considerações sobre violência, linguagem e aprendizagem, na perspectiva da inclusão escolar.
		Educação em direitos humanos no Brasil: contexto, processo de desenvolvimento, conquistas e limites.
		Violência no contexto da saúde e da educação.
Sociologias	2	Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador.
		Educação e cooperação: práticas que se relacionam.

Conclusão

Fonte: próprio autor

Ao selecionar os artigos na plataforma Scielo, no *site* http://www.scielo.org/php/index.php, optamos pelo método integrado, e no campo “onde” selecionaos apenas os artigos produzidos no Brasil. No campo de busca principal, iniciamos com *mediaçao de conflitos*, e encontramos 68 artigos; Ao inserirmos *conflict mediation,* encontramos 51 artigos; em seguida procuramos os artigos resultantes da palavra-chave *conflito escolar* e obtivemos 25 artigos; sua versão em inglês *school conflict* resultou em 72 artigos; a próxima palavra-chave foi *violência escolar* e nenhum artigo foi encontrado; sua tradução, *school violence,* apresentou 239 artigos, variados quanto à origem e ao tema; em seguida, foi a vez da palavra-chave *convivência escolar* e mais uma vez nada foi encontrado; ao colocarmos *school coexistence,* seguindo os mesmo padrões, nos foram apresentados 27 artigos; a última palavra-chave foi *gestão de conflito escolar* e nada foi encontrado novamente; por fim, sua tradução *school conflict management* apresentou cinco artigos.

A maioria dos artigos se repetia ao colocarmos as diferentes palavras-chave. Excluímos os artigos com duplicidade em relação aos que apareciam nas revistas A1 e A2 do portal QUALIS, fora aqueles que foram produzidos em língua estrangeira ou que não se encaixavam na área de educação com o tema que buscamos.

O resultado desta coleta foram os 29 artigos, a seguir na Tabela II.3:

Tabela II.3: Artigos acessados na plataforma Scielo.

Continua

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
Educação e Pesquisa	9	A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias
		Possíveis relações entre percepções de violência dos alunos, clima escolar e eficácia coletiva
		Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade
		Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei
		Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?
		As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
		Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar
		Estigma e discriminação vividos na escola por crianças e jovens órfãos por Aids
		As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia
Cadernos de Pesquisa	4	Violência escolar e auto-estima de adolescentes
		Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil
		Violência na escola, práticas educativas e formação do professor
		Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental
Interface - Comunicação, Saúde, Educação	2	Violência na escola: identificando pistas para a prevenção
		Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar
Educar em Revista	2	A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção
		A violência da escola na voz de futuros professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares?
Educação em Revista	1	A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar
Cadernos CEDES	5	A violência escolar e a crise da autoridade docente
		A violência no imaginário dos agentes educativos
		Tentando compreender Prometeu e Dionísio na mira da violência

REVISTAS	Nº DE ARTIGOS RECOLHIDOS	NOME DO ARTIGO
		O poder de fogo da relação educativa na mira de novos e velhos prometeus
		Violência, insegurança e imaginário do medo
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	1	A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas
Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação	5	A docência e a violência estudantil no contexto atual
		Melhoria da qualidade educacional e redução da violência através de abertura de escolas públicas nos finais de semana: uma avaliação quantitativa
		Pressupostos de uma avaliação de contexto existencial da violência escolar para o planejamento de condutas motoras educacionais voltadas para pré-adolescentes de classes de progressão
		Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar
		A participação da comunidade no Projeto Escola Aberta no Rio Grande do Sul: o uso da escola pública nos finais de semana

Conclusão

Fonte: Próprio autor.

Diante dos dados recolhidos, poderíamos fazer inúmeros tipos de análises a partir das diferentes redes que as ferramentas do *Pajek* poderiam nos proporcionar. Optamos como objeto deste estudo, a abordagem por nós considerada mais central, aquele ponto com maior número de contatos diretos com outros pontos, a partir da informação de seu grau de entrada correspondente no grafo. Para delimitar a medida de centralidade que será utilizada faremos uso de critérios como tamanho, densidade, textura, composição e distribuição.

Esta abordagem simples e direta atende perfeitamente ao objetivo de se buscarem autores e seus vínculos institucionais; referências e autores mais citados; e relações entre palavras-chave dos artigos com as escolhidas no tema de pesquisa desta dissertação.

Capítulo 3 – Resultados da Aplicação do *Software* e suas Análises

Apresentaremos agora, em sequência, as redes de Instituições, Palavras-chave e Referências com os respectivos resultados obtidos após inserirmos os dados recolhidos de todos artigos selecionados no *software Pajek*. Foi feita a análise dos gráficos e imagens das redes construídas depois da seleção estatística feita pelo programa de acordo com os objetivos desta dissertação.

III.1 Rede de Instituições

Ao analisar a Rede de Instituições, foi possível apresentarmos resultados do primeiro objetivo específico a seguir, e depois analisá-los parcialmente de acordo com nossas prévias conclusões. Perguntamo-nos anteriormente, quais são as instituições vinculadas aos autores que mais produzem; se são públicas ou privadas; qual região brasileira produz mais; e em que região do Estado se concentram.

Ao recolhermos os nomes de cada instituição onde estão vinculados os autores dos artigos, tínhamos o intuito de mapear onde e como se concentram as publicações acadêmicas no Brasil sobre violência/mediação de conflito escolar.

A rede de instituições é conexa e direcionada com 157 vértices, sendo 94 artigos e 63 instituições, como é possível observar na Figura III.1.

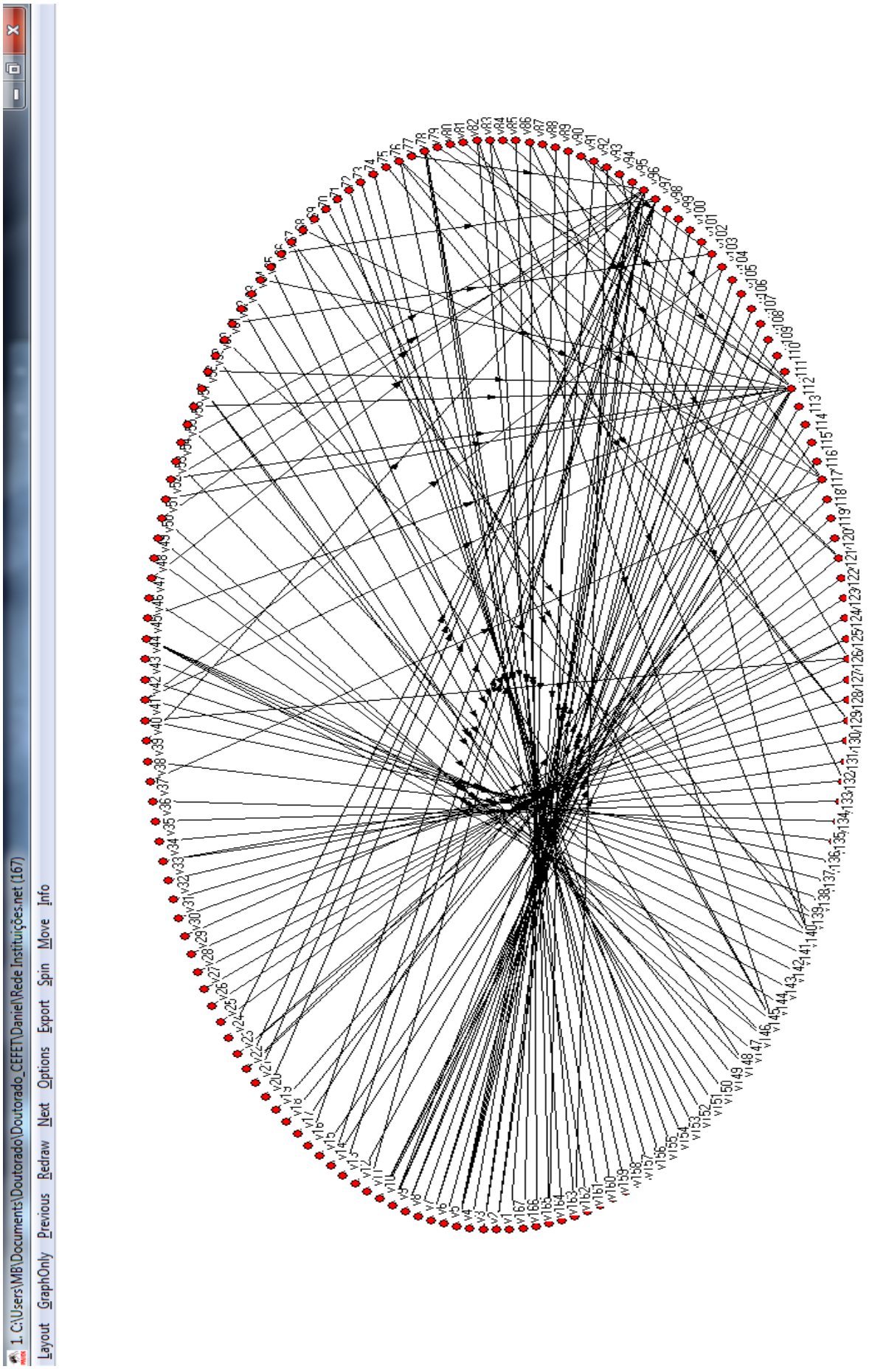


Figura III.1: Rede de Instituições. Dados retirados do *software* Pajek.

Aplicando a medida de centralidade do grau de entrada e particionando a rede por cores, obtemos as instituições de vínculo dos autores que mais publicam a respeito de violência escolar/ mediação de conflito escolar, como pode ser visto na Figura III.2 e no Relatório (Figura III.3). Cabe a ressalva a respeito dos termos *Vertex* e *Cluster* no relatório que significam respectivamente o nome da instituição ou artigo para o *software* e o número de ligações que este ator na rede faz com os outros:

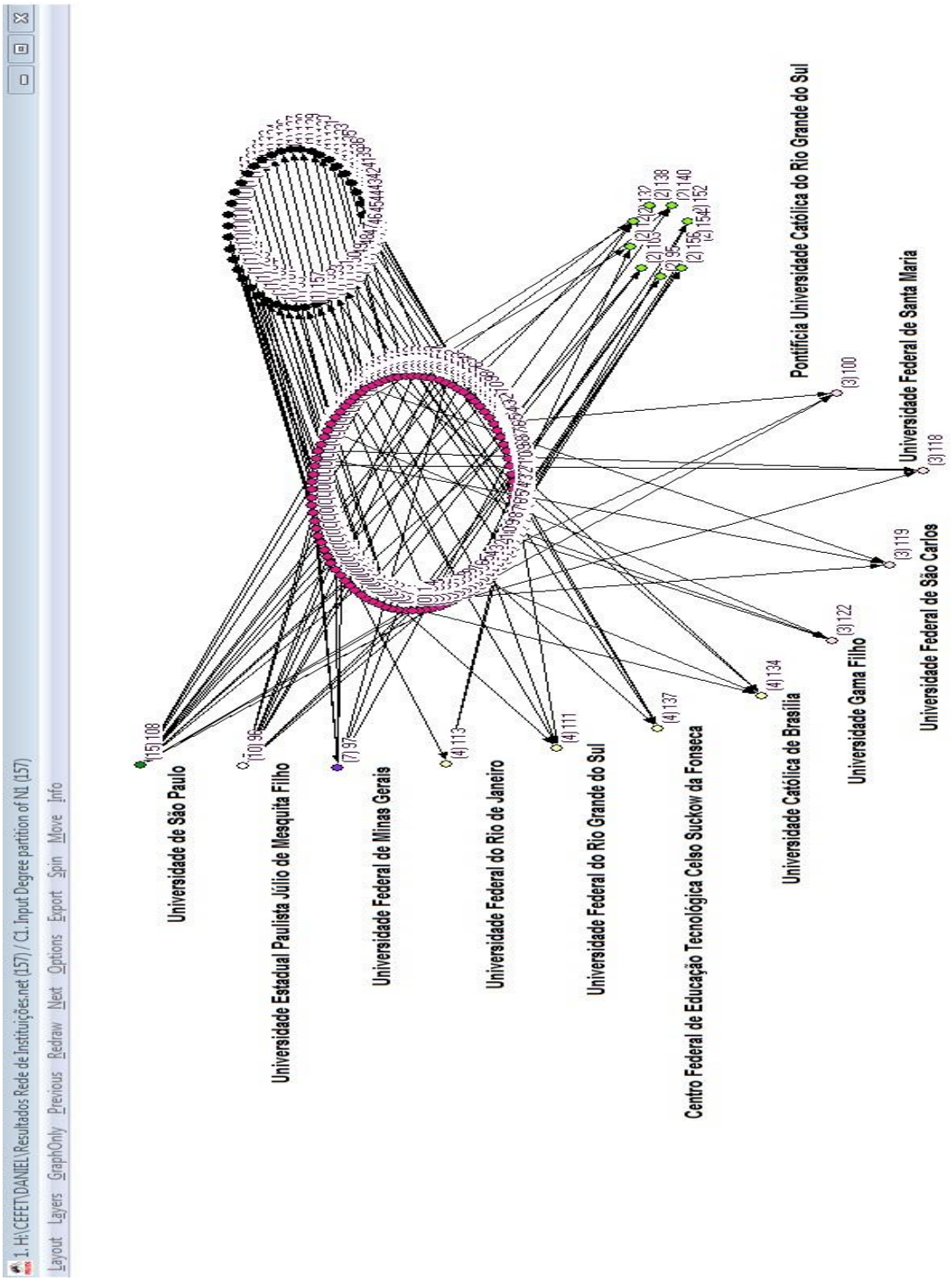


Figura III.2: Rede de instituições particionada por cor de acordo com o grau de entrada. Dados retirados do *software* Pajek.

```
---------------------------------------------------------------------------
1. Input Degree partition of N1 (157)
---------------------------------------------------------------------------
Dimension: 157
The lowest value:  0
The highest value: 15
The highest clusters values:
    Rank    Vertex  Cluster     Id
----------------------------------------
       1       108       15     Universidade de São Paulo
       2        96       10     Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
       3        97        7    Universidade Federal de Minas Gerais
       4       113        4     Universidade Federal do Rio de Janeiro
       5       111        4     Universidade Federal do Rio Grande do Sul
       6       137        4     Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
       7       134        4     Universidade Católica de Brasília
       8       122        3     Universidade Gama Filho
       9       119        3     Universidade Federal de São Carlos
      10       118        3     Universidade Federal de Santa Maria
      11       100        3     Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Frequency distribution of cluster values:
Cluster      FreqFreq%   CumFreqCumFreq% Representative
 ---------------------------------------------------------------------
       0        94   59.8726        94   59.8726 “Antes de dividir temos que somar”: ‘entre-vistando’ foregrounds
de estudantes indígenas
       1        43   27.3885       137   87.2611 Universidade Federal de Santa Catarina
       2         9    5.7325       146   92.9936 Aalborg University
       3         4    2.5478       150   95.5414 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
       4         4    2.5478       154   98.0892 Universidade Federal do Rio Grande do Sul
       7         1    0.6369       155   98.7261 Universidade Federal de Minas Gerais
      10         1    0.6369       156   99.3631 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
      15         1    0.6369       157  100.0000 Universidade de São Paulo
 ---------------------------------------------------------------------
     Sum       157  100.0000
```

Figura III.3: Dados obtidos pelo *software* Pajek.

Na Figura 3, onde são apresentados os resultados das instituições elencadas por quantidade de produções, observamos que as 11 instituições mais citadas são: Universidade de São Paulo (USP), com 15 artigos; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), com 10; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com 7; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) e Universidade Católica de Brasília (UCB), com 4; e ainda Universidade Gama Filho (UGF), Universidade Federal de São

Carlos (UFSCAR), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) com três artigos cada.

Observamos a preponderância das regiões Sudeste e Sul com 46 e 10 artigos respectivamente, seguidas pela região Centro-Oeste com 3 artigos. Mais dois fatos ficam notórios, o primeiro é a preponderância de instituições públicas, com exceção apenas das particulares: UCB (único expoente de outras regiões do Brasil fora do eixo Sul-Sudeste) com 4 publicações, a UGF no Rio de Janeiro e a PUC-RS, com 3 artigos publicados cada. O segundo fato notório é a preponderância do Estado de São Paulo nas publicações com 28 artigos dentre os 94. Notamos também, que a maioria das instituições produtoras se concentra nas capitais, embora haja um número considerável no interior.

Podemos, na Tabela III.1, observar os mesmos dados apresentados de outra maneira. Não há correspondência exata com o número de artigos, porque alguns produziram de forma conjunta. Nela fica notória a supremacia da região Sudeste com mais da metade das produções, seguida da região Sul com um quarto dos artigos. Cabe ressaltar que há ainda seis instituições internacionais que não foram colocadas na tabela a baixo, nem no diagrama que vem a seguir.

Tabela III.1: Porcentagem de artigos relacionados a violência escolar/ mediação de conflito escolar publicados por região.

Revistas	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Total
Scielo	11	24	2	0	0	37
QUALIS	18	38	7	11	2	76
	29	62	9	11	2	113
%	25,7	54,9	8	9,6	1,8	100

Fonte: Próprio Autor.

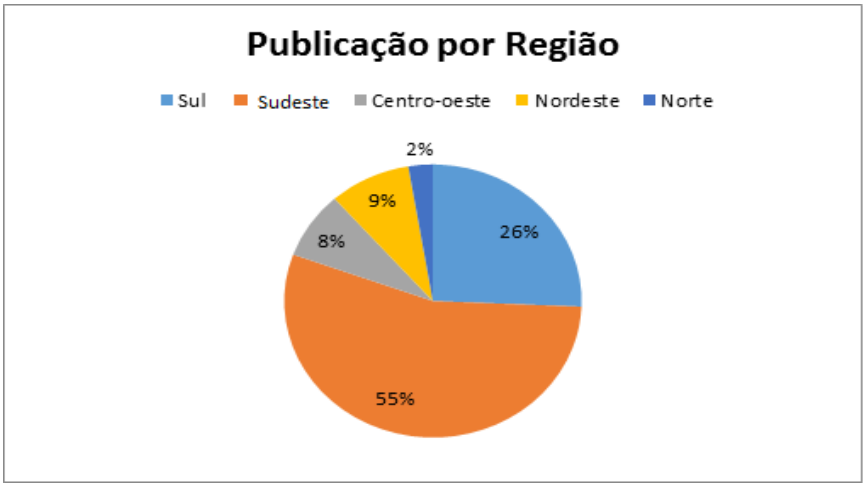


Figura III.4: Porcentagem de artigos publicados sobre violência escolar/ mediação de conflito escolar por região. Fonte: Próprio autor.

Tanto a Tabela III.1 quanto a Figura III.4 mostram que a distribuição das publicações dos artigos por região brasileira não se altera quanto aos resultados das mais citadas. Segue a Tabela III.2, que lista as instituições da região Sudeste e o número total de artigos publicados. Notamos que o Estado de São Paulo acumula larga vantagem, seguido do Rio de Janeiro e Minas Gerais, com destaque para a UFMG, responsável por quase todos os artigos de Minas, o Espírito Santo, com apenas uma publicação.

Tabela III.2: Artigos da região Sudeste.

Instituições da Região Sudeste	Nº de Publicações
Universidade de São Paulo	15
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	10
Universidade Federal de Minas Gerais	7
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca	4
Universidade Federal do Rio de Janeiro	4
Universidade Federal de São Carlos	3
Universidade Gama Filho	3
Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli	2
Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro	1
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	1
Centro Universitário de Barra Mansa Rio de Janeiro	1
Faculdades Integradas do Norte de Minas	1
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	1
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1
Universidade Castelo Branco	1
Universidade Católica de Santos	1
Universidade Estácio de Sá	1
Universidade Estadual de Campinas	1
Universidade Estadual Paulista	1
Universidade Estadual Paulista de Rio Claro	1
Universidade Federal do Espírito Santo	1
Universidade Paulista	1
TOTAL	**62**

Fonte: Próprio autor.

A Tabela III.3 apresenta as instituições da região Sul e o número total de artigos publicados, com destaque para o Estado do Rio Grande do Sul como um todo, seguidos dos Estados do Paraná e de Santa Catarina.

Tabela III.3: Artigos da região Sul.

Instituições da Região Sul	Nº de Publicações
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	4
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	3
Universidade Federal de Santa Maria	3
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	2
Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo/RS	2
Universidade Federal do Paraná	2
Universidade Luterana do Brasil	2
Familiare Instituto Sistêmico	1
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul	1
Universidade Comunitária da Região de Chapecó	1
Universidade do Estado de Santa Catarina	1
Universidade do Vale do Itajaí	1
Universidade Estadual de Maringá	1
Universidade Estadual de Ponta Grossa	1
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	1
Universidade Federal da Fronteira Sul	1
Universidade Federal de Pelotas	1
Universidade Federal de Santa Catarina	1
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	1
TOTAL	**30**

Fonte: Próprio autor.

A Tabela III.4 apresenta as instituições da região Nordeste, seguidas do número total de artigos. Devemos atentar para o Estado do Rio Grande do Norte, que apresenta quatro publicações, mas não aparece nas análises anteriores.

Tabela III.4: Artigos da região Nordeste.

Instituições da Região Nordeste	Nº de Publicações
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	2
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2
Colégio São José	1
Universidade Estadual da Paraíba	1
Universidade Federal de Alagoas	1
Universidade Federal da Bahia	1
Universidade Federal de Pernambuco	1
Universidade Federal do Piauí	1
Universidade Federal do Recôncavo Baiano	1
TOTAL	**11**

Fonte: Próprio autor.

A Tabela III.5 apresenta as instituições da região Norte, com destaque negativo para os poucos artigos publicados diante do grande número de Estados da Região.

Tabela III.5: Artigos da região Norte.

Instituições da Região Norte	Nº de Publicações
Universidade Federal de Rondônia	1
Universidade Federal do Pará	1
TOTAL	**2**

Fonte: Próprio autor.

A Tabela III.6 apresenta as instituições da região Centro-Oeste, com destaque para o Distrito federal, principalmente para a Universidade Católica de Brasília, uma das poucas instituições particulares a apresentar alto número de publicações.

Tabela III.6: Artigos da região Centro-Oeste.

Instituições da Região Centro-Oeste	Nº de Publicações
Universidade Católica de Brasília	4
Universidade de Brasília	2
Escola Indígena Tengatui Marangatú	1
Universidade Federal de Goiás	1
Universidade Federal de Mato Grosso	1
TOTAL	**9**

Fonte: Próprio autor.

Resta agora saber se estas instituições conversam e trabalham entre si. Para verificar como as relações se estabelecem entre as 11 instituições mais citadas, as componentes conexas fracas com menos de 4 vértices foram excluídas, como pode ser observado nas Figuras III.5 e III.6. Estão representadas as instituições, os artigos e as ligações que fazem entre si.

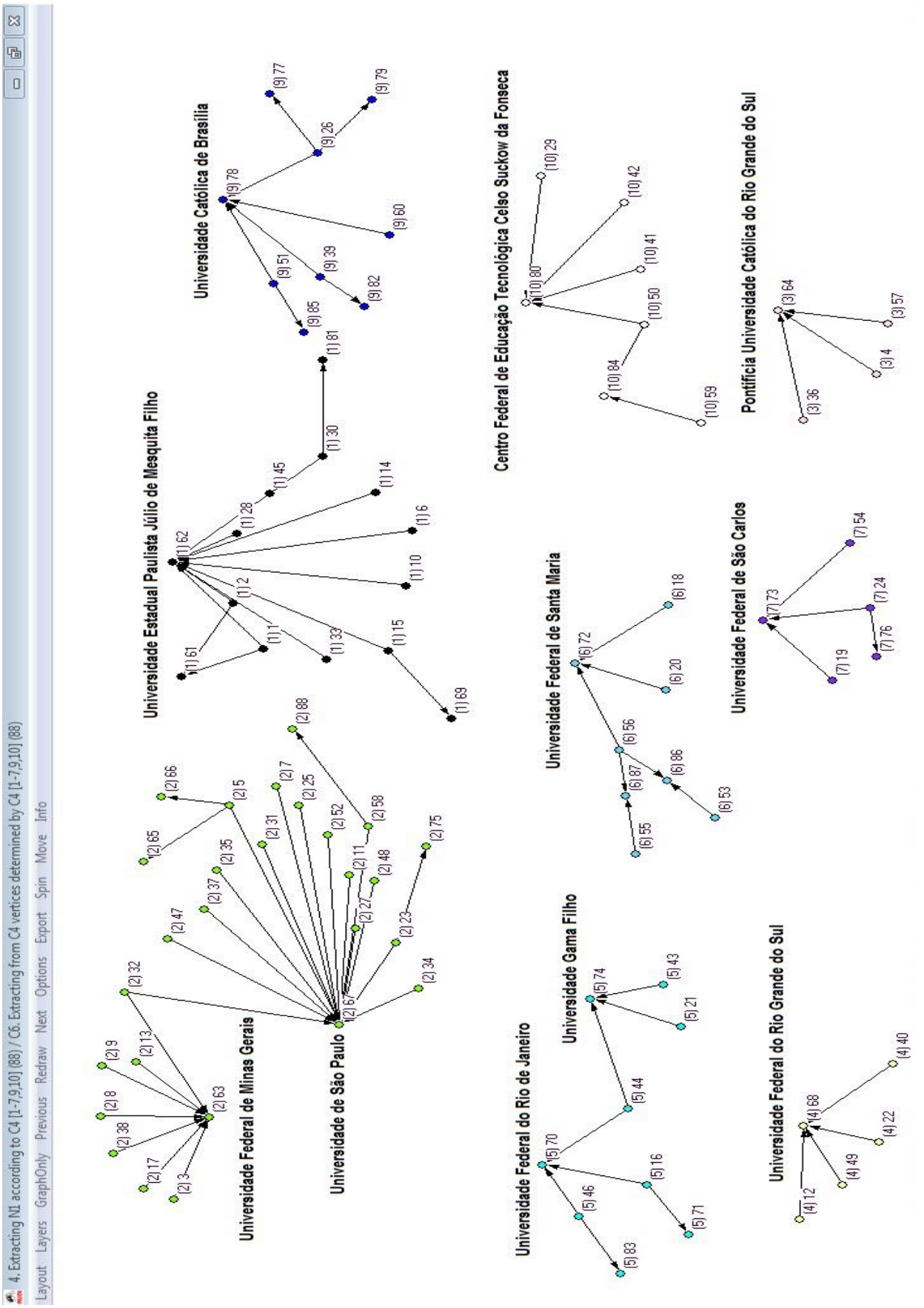


Figura III.5: As componentes conexas das Instituições mais citadas. Dados retirados do *software* Pajek.

Continua

---

6. Extracting from C4 vertices determined by C4 [1-7,9,10] (88)

Dimension: 88

The lowest value: 1

The highest value: 10

The highest clusters values:

Rank	Vertex	Cluster	Id
1	29	10	Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação
2	59	10	Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar
3	50	10	Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz
4	42	10	Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência
5	84	10	Universidade Católica de Brasília
6	41	10	Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar
7	80	10	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
8	60	9	Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo
9	26	9	Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições
10	51	9	Violação intraescolar de direitos humanos: jogo de espelhos
11	85	9	Universidad de Guadalajara
12	82	9	Faculdades Integradas do Norte de Minas
13	39	9	Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?
14	79	9	Universidade da Califórnia
15	78	9	Universidade Católica de Brasília
16	77	9	Universidades de Paris
17	54	7	Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental
18	24	7	Educação Matemática na Escola Indígena sob uma Abordagem Crítica
19	19	7	Caminhos da exclusão: análise do preconceito em sua manifestação nos jogos infantis
20	76	7	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
21	73	7	Universidade Federal de São Carlos
22	56	6	Violência na escola: identificando pistas para a prevenção
23	55	6	Violência na escola, práticas educativas e formação do professor
24	53	6	Violência escolar e auto-estima de adolescentes
25	87	6	Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo/RS
26	86	6	Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli
27	20	6	Conflitos, sentimentos e violência escolar
28	18	6	Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar

29 72 6 Universidade Federal de Santa Maria

30 43 5 Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física

31 46 5 Teorias Da Origem E Evolução Da Vida: Dilemas E Desafios No Ensino Médio

32 44 5 Tempo e espaço para educação corporal no cotidiano de uma escola pública

33 83 5 Centro Universitário de Barra Mansa Rio de Janeiro

34 21 5 Dados, interpretações e implicações

35 74 5 Universidade Gama Filho

36 71 5 Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

37 70 5 Universidade Federal do Rio de Janeiro

38 16 5 Aprendizagem E Metacognição No Ensino De Metodologia Científica

39 12 4 A violência na escola: conflitualida de social e ações civilizatórias

40 49 4 Um extraterrestre em busca de um lugar: considerações sobre violência, linguagem e aprendizagem, na perspectiva da inclusão escolar

41 22 4 Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador

42 40 4 Percepção de pais e professores da influência de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não-portadoras de necessidades especiais

43 68 4 Universidade Federal do Rio Grande do Sul

44 57 3 violência no contexto da saúde e da educação

45 36 3 O Ensino De Ciências Como Ferramenta Pedagógica De Reconstrução Das Representações Escolares Sobre Os Povos Indígenas

46 4 3 A construção da cultura de paz como uma estratégia de superação da violência no meio escolar: impasses e desafios

47 64 3 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Frequency distribution of cluster values:

Cluster FreqFreq% CumFreqCumFreq% Representative

---

1 14 15.9091 14 15.9091 “Antes de dividir temos que somar”: ‘entre-vistando’ foregrounds de estudantes indígenas

2 27 30.6818 41 46.5909 A Auto-Exclusão Dos Alunos Das Escolas Públicas Estaduais De Belo Horizonte No Vestibular Da Ufmg

3 4 4.5455 45 51.1364 A construção da cultura de paz como uma estratégia de superação da violência no meio escolar: impasses e desafios

4 5 5.6818 50 56.8182 A violência na escola: conflitualida de social e ações civilizatórias

5 9 10.2273 59 67.0455 Aprendizagem E Metacognição No Ensino De Metodologia Científica

6 8 9.0909 67 76.1364 Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar

7 5 5.6818 72 81.8182 Caminhos da exclusão: análise do preconceito em sua manifestação nos jogos infantis

9 9 10.2273 81 92.0455 Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições

10 7 7.9545 88 100.0000 Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação

---

Sum 88 100.0000 Concluída

Figura III.6: Relatório das Componentes da Rede de Instituições. Dados retirados do *Software* Pajek.

Estas figuras nos mostram que as instituições não conversam entre si. Se houvesse fortes ligações, ou seja, instituições produzindo em conjunto, a rede estaria entrelaçada com muitos ramos unidos. Vértices, representando instituições ligadas a outras, representando o mesmo artigo, mas isto pouco acontece. Para exemplificar de forma mais clara preparamos a Tabela III.7 com a quantidade de autores, o número de artigos publicados e nesses artigos, quantos apresentam instituições diferentes, comprovando a interação ou não entre elas.

Tabela III.7: Relação do número de autores por artigo sobre violência escolar/ mediação de conflito escolar e instituições diferentes.

Quantidade de Autores	Nº de Artigos	Artigos Produzidos entre Diferentes Instituições
1	38	-
2	34	16
3	10	5
4	6	1
5	3	2
6	1	-
7	1	-
8	1*	1
	94	**25**

* neste artigo apenas 1 autor dos oito é de uma instituição diferente.

Fonte: Próprio autor

Graças a Tabela III.7, somamos apenas 25 artigos com autores de instituições diferentes escrevendo em conjunto, num total de 94 artigos, ou seja, aproximadamente 26,5%, poucos são aqueles que nao tem nenhuma ligaçao academica, e produzem apenas pela parceria necessária para contribuir com a temática.

III.2 Rede de Palavras-chave

As palavras-chave por nós utilizadas para buscar e filtrar os artigos acadêmicos em violência escolar/ mediação de conflito escolar foram: mediação de conflitos; conflito escolar; violência escolar; convivência escolar; e gestão de conflito escolar. Apesar de fazermos nossas buscas em revistas e bancos de artigos voltados para a área de Educação, procuramos saber quais áreas estariam em torno do tema principal “violência escolar/ mediação de conflito escolar”. As áreas acadêmicas no entorno das palavras-chave dos artigos selecionados podem dizer muito sobre as áreas de origem desses trabalhos. Poderiam ser das áreas de psicologia, pedagogia, políticas públicas ou outras, apontando qual é o universo acadêmico que produz sobre o assunto, formando um perfil brasileiro das áreas a que se vinculam as publicações.

Estas áreas do conhecimento humano, que compõem o perfil acadêmico do conflito escolar no Brasil, seriam as mesmas escolhidas por nós como palavras-chave? Além das áreas voltadas para Políticas Públicas e Educação, quais outras completam este quadro? Todo conhecimento humano serve de contributo, mas as áreas que compõem as publicações acadêmicas em nosso tema seriam as mais adequadas e especializadas para produzir políticas públicas corretas, a fim de amenizar o problema da violência escolar?

Apresentaremos os resultados contidos no segundo objetivo específico, juntamente com sua análise parcial. Para formar a rede de Palavras-Chave foram recolhidas as palavras-chave de cada um dos 94 artigos, relacionando-as com as palavras-chave que filtram nossa pesquisa. A Rede foi construída conectando as palavras-chave contidas num mesmo artigo entre si, e todas foram conectadas às palavras-chave utilizadas na busca dos artigos, ou seja, foram conectadas à Mediação de conflito/Mediação do conflito escolar; Violência/Violência contra a Escola/Violência da Escola/Violência Escolar/Violência na Escola; Conflitos/Conflito Escolar/Conflitos e Consensos; Convivência escolar e Gestão de conflito(s)/Gestão do conflito/Gestão de conflitos na escola.

As palavras consideradas equivalentes foram unificadas tornando-se um único vértice na rede, como por exemplo: Gestão de conflito, Gestão de conflitos, Gestão do conflito, Gestão de conflitos na escola. Desta forma, a Rede de palavras-chave foi gerada conforme a Figura III.7.

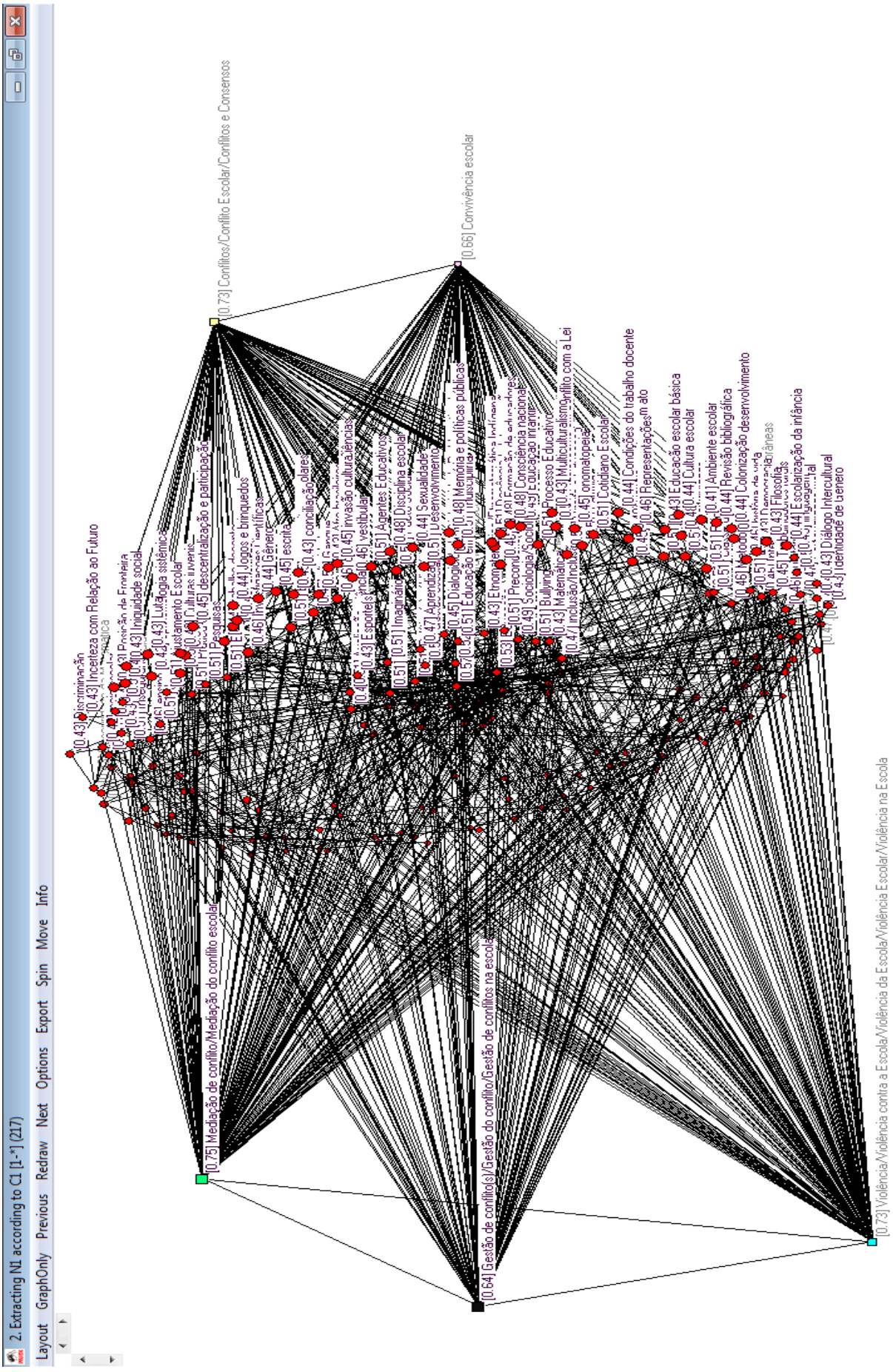


Figura III.7: Rede de Palavras-chave. Dados retirados do *software* Pajek.

A medida de centralidade, utilizada para a análise da Rede de Palavras-chave, foi a de centralidade de proximidade. De acordo com Nooy, Mrvar e Batagelj (2005), a centralidade de proximidade de um vértice é o número de outros vértices dividido pela soma de todas as distâncias entre o vértice e todos os outros. A distância a que nos referimos, é a distância geodésica do vértice u ao vértice v, ou seja, é o caminho mais curto entre u e v. Então, quanto mais próximas estão as palavras-chave, mais afins são entre si, mais elas se relacionam e mais vezes a área está conectada às outras áreas, por nós escolhidas como busca. Elencamos através do *software*, as 15 palavras-chave que mais aparecem: Mediação de conflito/Mediação do conflito escolar; Violência/Violência contra a Escola/Violência da Escola/Violência; Conflitos/Conflito Escolar/Conflitos e Consensos; Convivência escolar; Gestão de conflito(s)/Gestão do conflito/Gestão de conflitos na escola; Escola(s)/instituição escola(r); Educação; Identidade(s); Gestão escolar; Adolescente(s)/Adolescência; Avaliação; Política(s) pública(s); Preconceito(s); Política educacional/Políticas educacionais; Formação de Professores.

A Figura III.8 mostra estas 15 principais palavras-chave em ordem de recorrência. Mostra também, que as cinco palavras-chaves mais importantes, com relação à medida de centralidade de proximidade, foram as palavras-chave utilizadas na pesquisa para buscar os artigos da área, ou seja, as palavras-chave dos artigos repetiam as palavras-chave de nossa pesquisa, nos mostrando que eles, provavelmente, estariam se referindo a área específica de mediação de conflito. Porém, como são muitas palavras-chave centrais ainda ficava a pergunta: Quais são as áreas do conhecimento humano que compõe o perfil acadêmico brasileiro do tema de nossa dissertação? O software permite calcular a incidência de uso das palavras-chave nos artigos, o que chama de *Value*, relacionando às palavras-chave utilizadas em nossa pesquisa, avaliando de zero a um, quanto mais aparecem mais próximos de um:

---

1. All closeness centrality in N2 (217)

Dimension: 217
The lowest value: 0.4068
The highest value: 0.7474
Highest values:

Rank	Vertex	Value	Id
1	13	0.7474	Mediação de conflito/Mediação do conflito escolar
2	1	0.7322	Violência/Violência contra a Escola/Violência da Escola/Violência Escolar/Violência na Escola
3	16	0.7297	Conflitos/Conflito Escolar/Conflitos e Consensos
4	20	0.6626	Convivência escolar
5	109	0.6372	Gestão de conflito(s)/Gestão do conflito/Gestão de conflitos na escola
6	27	0.5669	Escola(s)/instituição escola(r)
7	26	0.5281	Educação
8	24	0.5205	Identidade(s)
9	7	0.5180	Gestão escolar
10	97	0.5167	Adolescente(s)/Adolescência
11	21	0.5143	Avaliação
12	2	0.5143	Política(s) pública(s)
13	8	0.5143	Preconceito(s)
14	15	0.5131	Política educacional/Políticas educacionais
15	31	0.5131	Formação de Professores

Sum (allvalues): 102.5890
Arithmetic mean: 0.4728
Median: 0.4596
Standard deviation: 0.0501
2.5% Quantile: 0.4244
5.0% Quantile: 0.4250
95.0% Quantile: 0.5143
97.5% Quantile: 0.5514

Vector Values	Frequency	Freq%	CumFreq	CumFreq%
(... 0.407]	1	0.4608	1	0.4608
(0.407 ... 0.520]	208	95.8525	209	96.3134
(0.520 ... 0.634]	3	1.3825	212	97.6959
(0.634 ... 0.747]	5	2.3041	217	100.0000
Total	217	100.0000		

Figura III.8: Relatório gerado pelo Pajek.

No relatório do Pajek, após as cinco principais palavras-chave, que nos apresentaram o mesmo resultado, foi possível observar áreas de interessante analise como: Escola(s) /instituição escolar; Educação; Identidade(s); Gestão escolar; Adolescente(s)/Adolescência; Avaliação; Política(s)pública(s); Preconceito(s); Política educacional/Políticas educacionais; e Formação de Professores. Assim, para responder à pergunta que ainda persistia, uma nova Rede de Palavras-Chave foi construída (Figura III.9), unindo essas cinco como um único núcleo, relacionando-o com as demais palavras-chave para sabermos quais estão mais próximas a ele, consequentemente mais recorrentes.

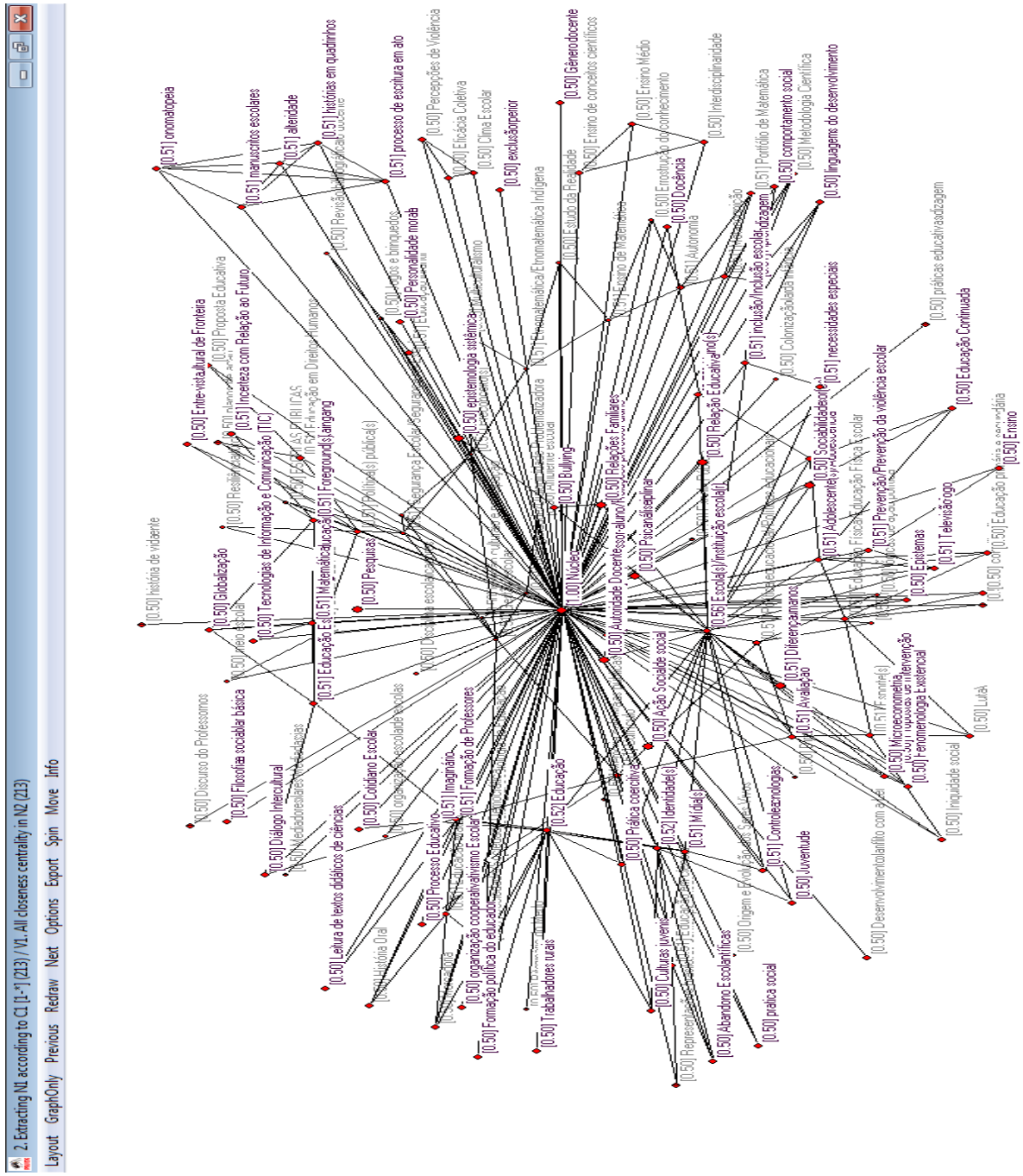


Figura III.9: Rede de Palavras-chave com um único núcleo. Dados retirados do *software* Pajek.

É possível então, através do Relatório do Pajek, elencar as 11 palavras-chave mais próximas do núcleo, como pode ser visto na Figura III.10.

```
---------------------------------------------------------------------------
1. All closeness centrality in N2 (213)
---------------------------------------------------------------------------
Dimension: 213
The lowest value:                0.5024
The highest value:               1.0000
Highest values:
    Rank    Vertex                Value   Id
-------------------------------------------------------------
       1         1               1.0000   Núcleo
       2        20               0.5623   Escola(s)/instituição escola(r)
       3        19               0.5235   Educação
       4        17               0.5158   Identidade(s)
       5        28               0.5133   Foreground(s)
       6         6               0.5133   Gestão escolar
       7        99               0.5133   inclusão/Inclusão escolar
       8        24               0.5121   Formação de Professores
       9        91               0.5121   Adolescente(s)/Adolescência
      10        89               0.5121   Educação Física/Educação Física Escolar
      11         2               0.5108   Política(s) pública(s)
12       33               0.5108   Preconceito(s)
-------------------------------------------------------------
Sum (all values):              108.1119
Arithmetic mean:                 0.5076
Median:                          0.5048
Standard deviation:              0.0341
 2.5% Quantile:                  0.5024
 5.0% Quantile:                  0.5024
95.0% Quantile:                  0.5108
97.5% Quantile:                  0.5133
     Vector ValuesFrequencyFreq%     CumFreqCumFreq%
-----------------------------------------------------------------------------------------------
(                  ...              0.502]       13     6.1033        13    6.1033
(              0.502 ...              0.668]      199    93.4272       212   99.5305
(              0.668 ...              0.834]        0     0.0000       212   99.5305
(              0.834 ...              1.000]        1     0.4695       213  100.0000
-----------------------------------------------------------------------------------------------
 Total                                          213    100.0000
```

Figura III.10: As 11 palavras-chave mais próximas do núcleo.

As áreas que se repetem com frequência nas palavras-chave dos artigos que compõem nossos resultados, ou que giram em torno do núcleo da mediação do conflito escolar, e, portanto,

formam o perfil acadêmico desta área, são, nesta ordem: Escola(s)/instituição escolar; Educação; Identidade(s); Foreground(s); Gestão escolar; inclusão/Inclusão escolar; Formação de Professores; Adolescente(s)/Adolescência; Educação Física/Educação Física Escolar; Política(s) pública(s); Preconceito(s).

O resultado mais recorrente foi Escola(s)/instituição escolar, não foi surpreendente, já que a área de nossa busca foi a grande área da Educação. Diversos de nossos artigos selecionados foram feitos por pesquisadores ligados a esta área, professores ou gestores ligados a instituições escolares ou de ensino de maneira geral. O segundo resultado foi Educação, que segue a mesma linha de raciocínio, mas aqui em nossa escolha dos artigos, tomamos o cuidado de filtrar os artigos de cunho apenas pedagógico ou que tratam da área de currículo educacional. Mesmo assim alguns não puderam ser dissociados destes temas, por tratarem também da área em que estamos interessados.

Identidade(s), Foreground(s), inclusão/Inclusão escolar e Adolescente(s)/ Adolescência, são respectivamente o terceiro, o quarto, o sexto e o oitavo resultados mais recorrentes, e todos estes tratam da área de sociologia e psicologia da educação, que muito perpassa as quentões de conflito, ao abordar os dilemas psicológicos das formas de interação entre as crianças e adolescentes e suas maneiras de inter-relacionar com o meio em que estão crescendo.

Gestão Escolar e Política(s) pública(s); são o quarto e o décimo resultados. Estão indo de acordo com o que esperamos dos pesquisadores da área de mediação de conflito escolar, voltados não só para as questões educacionais, mas administrativas e envolvidas com os problemas gerados nas instituições de ensino, bem como direcionados à busca e aplicação de soluções para a violência escolar, embora alguns artigos não tratem diretamente do tema. Devido a ligação direta com o tema, não se esperava a baixa colocação que Política(s) pública(s) ocupou.

Formação de Professores é o sétimo resultado. A tradição brasileira em produções acadêmicas ligadas à formação de professores está mais vinculada a estudos sobre o currículo escolar e pedagogia. Todavia, ao estudar o quadro da educação brasileira, sabemos que os professores não estão preparados adequadamente para os conflitos escolares recorrentes, e é de suma importância pesquisas acadêmicas que auxiliem o professor, que o formem para lidar com os conflitos e, por que não, torná-los mediadores dos mesmos. Mas os artigos que encontramos não abordavam especificamente esta temática.

Os resultados que mais nos surpreenderam foram Educação Física/Educação Física Escolar e Preconceito(s), o nono e o décimo primeiro resultados. Na maioria dos artigos abordando Educação Física/Educação Física Escolar, as questões de conflito estão ligadas ao contato físico do esporte, mas existem pesquisas abordando o lado psicológico que envolve a aula de educação física, a começar pelo espaço diferenciado, o maior contato físico, as rixas

individuais que sobressaem na hora da prática esportiva, os grupos que se formam etc. É um campo muito rico para estudar o conflito escolar e a sua mediação.

Já o último resultado, Preconceito(s), aparentemente poderia ser classificado apenas nas grandes áreas da sociologia e psicologia da educação, porém recolhemos artigos interessantes sobre os conflitos culturais, que culminam em preconceito em escolas indígenas. Este resultado se relaciona diretamente com o quarto resultado, Foreground(s), que aparecem no mesmo grupo de artigos com ótica indígena.

Diante destes resultados, podemos compor, através das palavras-chave mais recorrentes selecionadas pelo Pajek, o perfil acadêmico da área de conflito/mediação de conflito escolar como as grandes áreas da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Políticas Públicas, Educação Física e Preconceitos (ligados à cultura).

III.3 Rede de Referências

Nos Objetivos específicos restantes, pretendíamos montar uma rede de referências de todos os 94 artigos recolhidos. Excluímos aquelas poucas sem afinidade com o tema de nossa pesquisa. Ao criar uma rede de referências, buscamos dar destaque às mais citadas na área, descobrindo em que fontes “bebem” os autores brasileiros sobre o assunto. Aqui trataremos as referências pelo seu primeiro autor a fim de facilitar a discussão e o entendimento.

Em seguida elencamos os autores brasileiros mais produtivos, através de um levantamento objetivo, comparando suas bases teóricas com as bases de todos os pesquisadores por nós selecionados. Por fim, construir uma relação dos artigos com seus anos de publicação, para, posteriormente, relacionar os autores da rede geral de referências e os autores mais produtivos com a linha do tempo de publicações no tema, com o intuito de descobrir o nível de especialização acadêmica brasileira no campo de estudos de conflito escolar, de forma a fornecer subsídios para que o governo crie políticas públicas adequadas para tentar amenizar a questão.

Em vista dessa afirmativa, apresentaremos os resultados do objetivo especifico 3, acrescidos de suas análises parciais. A Rede de Citações é composta por 1381 vértices, sendo 93 artigos e 1288 referências, como pode ser vista na Figura III.11. Atentamos para o fato de que o número de artigos não será igual ao número de vértices, porque o artigo 1135 elencado no Pajek cujo título é “O Conceito de Formação”, foi deletado por não conter referências em seu corpo textual.

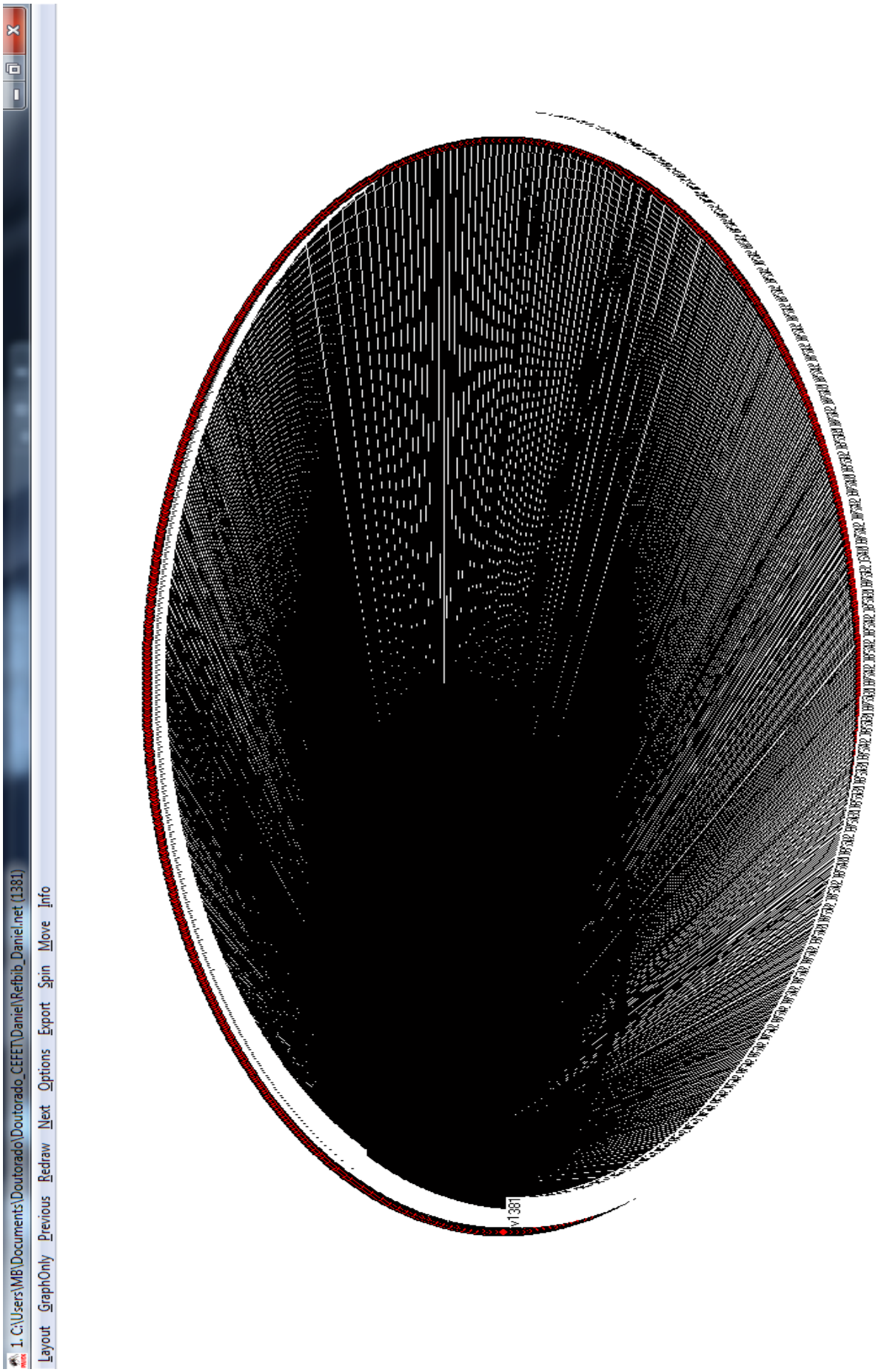


Figura III.11: Rede de Citações. Dados retirados do *software* Pajek.

O grande número de vértices (atores) nesta rede dificulta a visualização, mas os gráficos gerados auxiliam nossa compreensão dos resultados. Ao analisarmos as componentes conexas desta rede, verificamos que ela possui 14 componentes conexas fracas, com no mínimo dez vértices, como pode ser visto nas Figuras III.12 e Figura III.13.

Report

File

```
---------------------------------------------------------------------------
Weak Components
---------------------------------------------------------------------------
 Working...
 Number of components: 14
 Size of the largest component: 1066 vertices (77.190%).
 Time spent:  0:00:00

---------------------------------------------------------------------------
1. Weak Components of N1 [>=10] (1381, comp.=14)
---------------------------------------------------------------------------
Dimension: 1381
The lowest value:  0
The highest value: 14

Frequency distribution of cluster values:

   Cluster      Freq      Freq%    CumFreq  CumFreq% Representative
 ----------------------------------------------------------------
         0        84     6.0825         84    6.0825 v11
         1      1066    77.1904       1150   83.2730 v1
         2        13     0.9413       1163   84.2143 v13
         3        14     1.0138       1177   85.2281 v15
         4        13     0.9413       1190   86.1694 v24
         5        29     2.0999       1219   88.2694 v28
         6        10     0.7241       1229   88.9935 v31
         7        15     1.0862       1244   90.0797 v34
         8        37     2.6792       1281   92.7589 v35
         9        29     2.0999       1310   94.8588 v55
        10        10     0.7241       1320   95.5829 v56
        11        11     0.7965       1331   96.3794 v57
        12        13     0.9413       1344   97.3208 v59
        13        17     1.2310       1361   98.5518 v68
        14        20     1.4482       1381  100.0000 v72
 ----------------------------------------------------------------
       Sum      1381  100.0000
```

Figura III.12: Relatório do Pajek das componentes conexas.

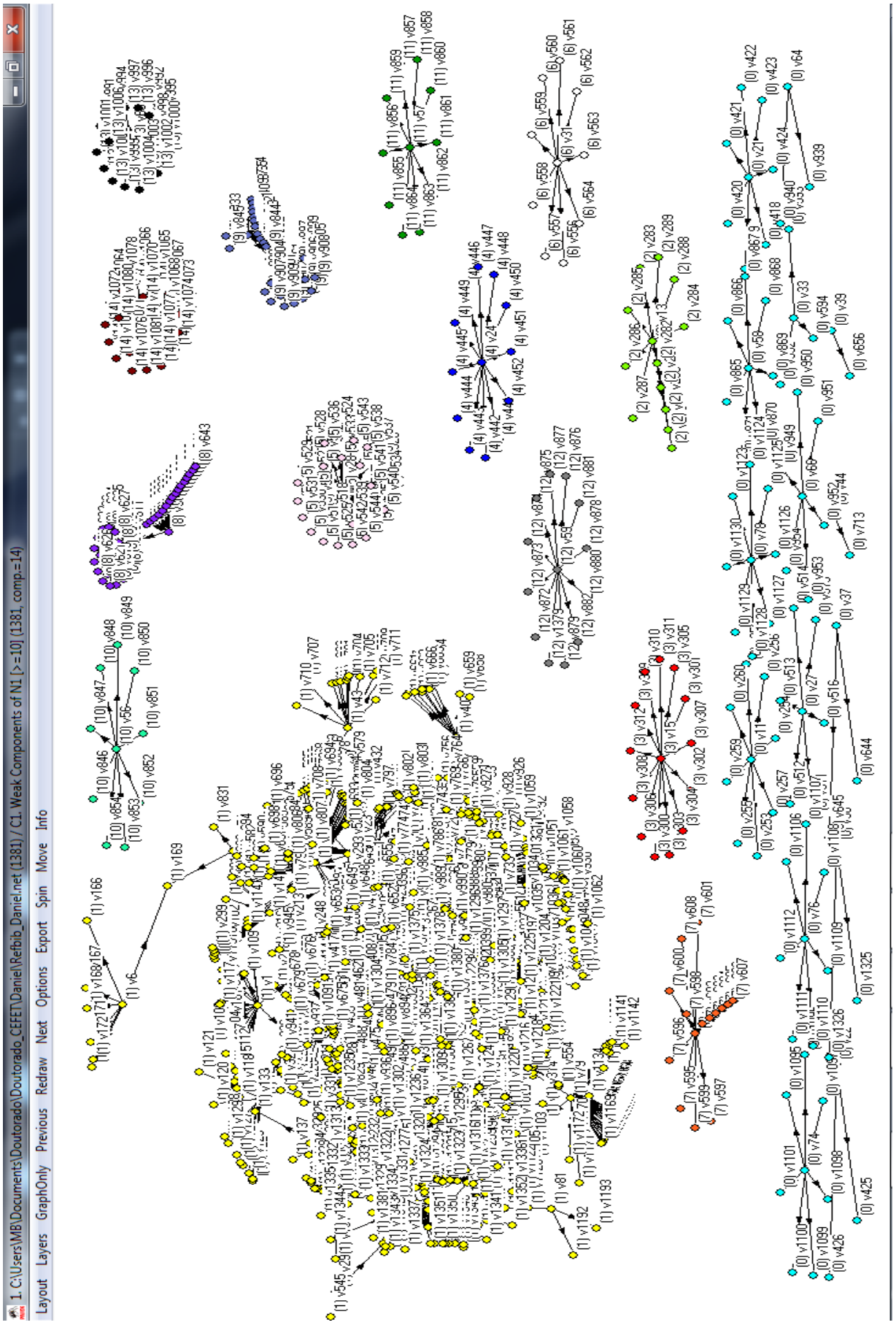


Figura III.13: Componentes conexas da Rede de Citações. Dados retirados do *software* Pajek.

Com o objetivo de obter a maior componente conexa e buscar assim as referências mais citadas no conjunto de artigos, as demais componentes fracas foram extraídas. Assim, obteve-se a maior componente conexa, com 1066 vértices, que corresponde a 77,19% conforme Figura III.14.

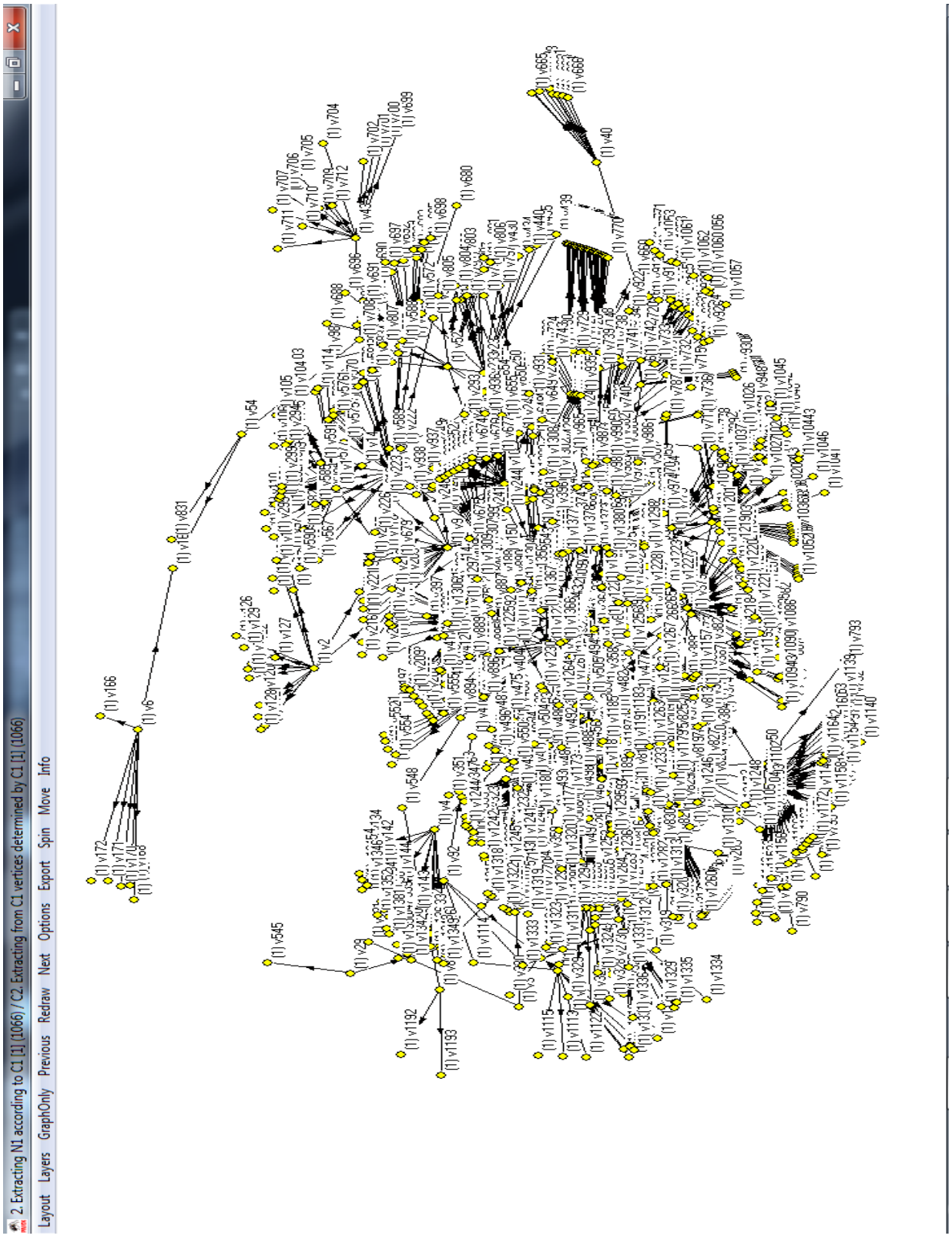


Figura III.14: Maior componente conexa. Dados retirados do *software* Pajek.

Aplicando a centralidade do grau de entrada e separando a partição por cor, obtemos os oito mais citados como referência da área de violência/mediação de conflito escolar, como pode ser visto na Figura III.15.

Report

File

```
--------------------------------------------------------------------------------
3. Input Degree partition of N2 (1066)
--------------------------------------------------------------------------------
Dimension: 1066
The lowest value:  0
The highest value: 12

The highest clusters values:

      Rank    Vertex   Cluster      Id
-----------------------------------------
         1       123        12     v153
         2       150        10     v180
         3       212         7     v242
         4       287         7     v350
         5       234         6     v272
         6       229         6     v267
         7       302         6     v365
         8       271         6     v334

Frequency distribution of cluster values:

   Cluster      Freq      Freq%    CumFreq  CumFreq% Representative
 ------------------------------------------------------------------
         0        63     5.9099         63    5.9099 v1
         1       851    79.8311        914   85.7411 v94
         2        96     9.0056       1010   94.7467 v97
         3        23     2.1576       1033   96.9043 v116
         4        17     1.5947       1050   98.4991 v152
         5         8     0.7505       1058   99.2495 v139
         6         4     0.3752       1062   99.6248 v267
         7         2     0.1876       1064   99.8124 v242
        10         1     0.0938       1065   99.9062 v180
        12         1     0.0938       1066  100.0000 v153
 ------------------------------------------------------------------
       Sum      1066  100.0000
```

Figura III.15: Relatório dos 8 mais citados.

Cabe ressaltar que, dos 94 artigos utilizados inicialmente na rede, somente 63 deles estão conectados à maior componente conexa. As Figuras III.16 e III.17 trazem os autores mais citados da área, depois de nomearmos os vértices das figuras acima.

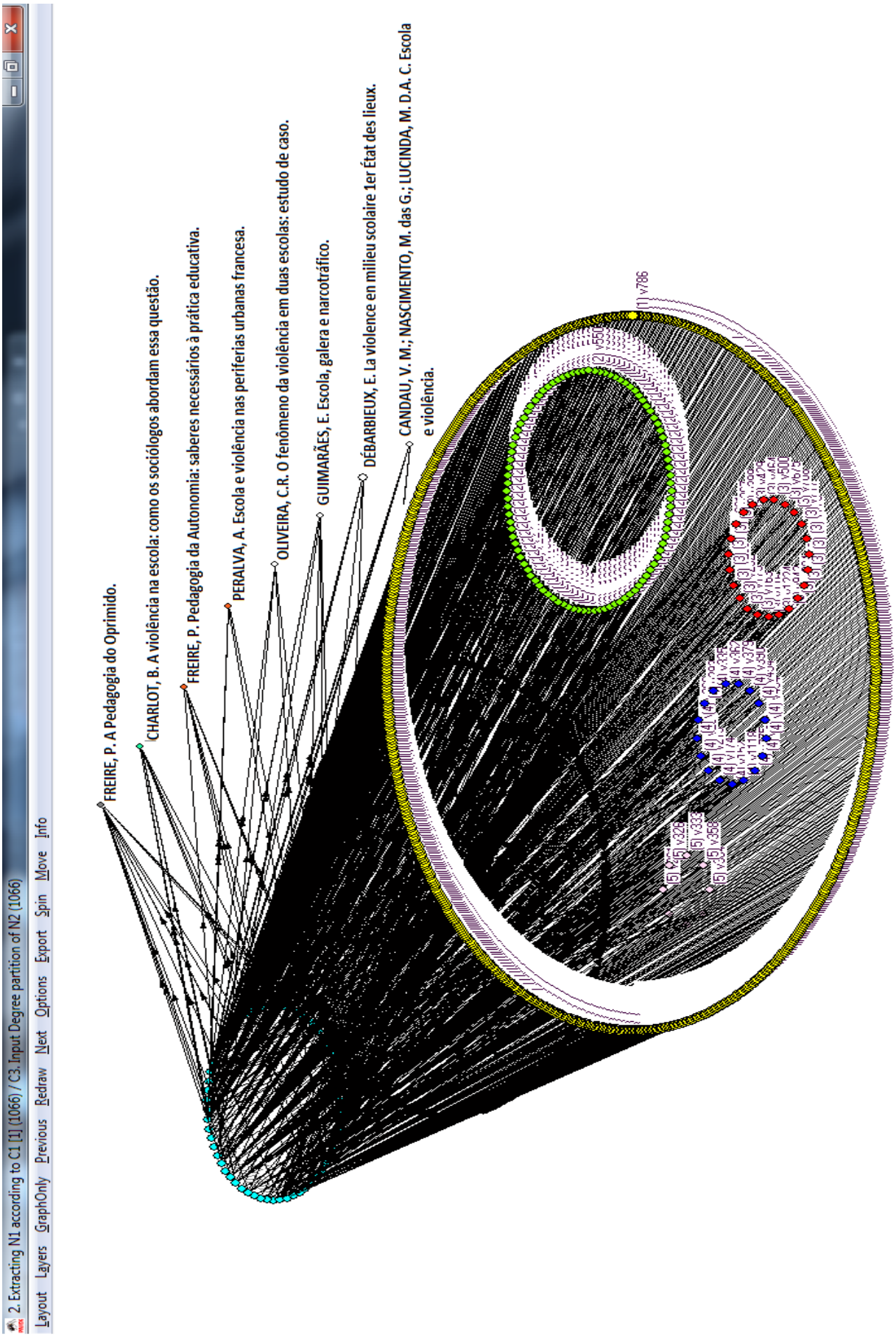
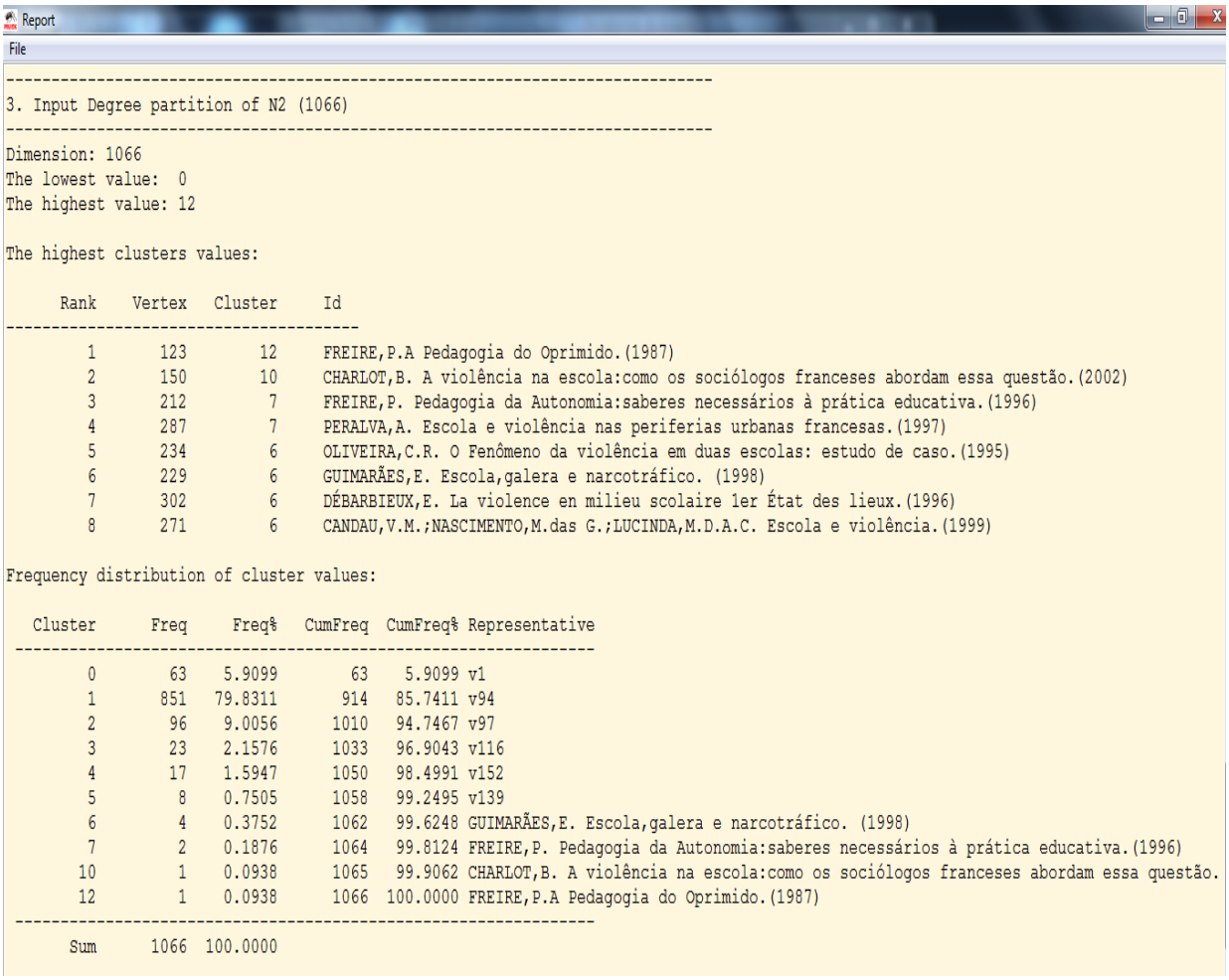


Figura III.16: A maior componente conexa particionada por cor de acordo com o grau de entrada. Dados retirados do *software* Pajek.



Report

File

```
------------------------------------------------------------------------------
3. Input Degree partition of N2 (1066)
------------------------------------------------------------------------------
Dimension: 1066
The lowest value:  0
The highest value: 12

The highest clusters values:

     Rank    Vertex   Cluster     Id
---------------------------------------
        1       123        12     FREIRE,P.A Pedagogia do Oprimido.(1987)
        2       150        10     CHARLOT,B. A violência na escola:como os sociólogos franceses abordam essa questão.(2002)
        3       212         7     FREIRE,P. Pedagogia da Autonomia:saberes necessários à prática educativa.(1996)
        4       287         7     PERALVA,A. Escola e violência nas periferias urbanas francesas.(1997)
        5       234         6     OLIVEIRA,C.R. O Fenômeno da violência em duas escolas: estudo de caso.(1995)
        6       229         6     GUIMARÃES,E. Escola,galera e narcotráfico. (1998)
        7       302         6     DÉBARBIEUX,E. La violence en milieu scolaire 1er État des lieux.(1996)
        8       271         6     CANDAU,V.M.;NASCIMENTO,M.das G.;LUCINDA,M.D.A.C. Escola e violência.(1999)

Frequency distribution of cluster values:

  Cluster      Freq     Freq%   CumFreq  CumFreq% Representative
 ------------------------------------------------------------------
        0        63    5.9099        63    5.9099 v1
        1       851   79.8311       914   85.7411 v94
        2        96    9.0056      1010   94.7467 v97
        3        23    2.1576      1033   96.9043 v116
        4        17    1.5947      1050   98.4991 v152
        5         8    0.7505      1058   99.2495 v139
        6         4    0.3752      1062   99.6248 GUIMARÃES,E. Escola,galera e narcotráfico. (1998)
        7         2    0.1876      1064   99.8124 FREIRE,P. Pedagogia da Autonomia:saberes necessários à prática educativa.(1996)
       10         1    0.0938      1065   99.9062 CHARLOT,B. A violência na escola:como os sociólogos franceses abordam essa questão.
       12         1    0.0938      1066  100.0000 FREIRE,P.A Pedagogia do Oprimido.(1987)
 ------------------------------------------------------------------
      Sum      1066  100.0000
```

Figura III.17: Relatório gerado pelo Pajek dos 8 mais citados em violência/mediação de conflito escolar.

Os oito mais citados foram então, nesta ordem: Paulo Freire com *A Pedagogia do Oprimido*; Bernard Charlot, com *A violencia na escola: como os sociólogos franceses abordam a questao?*; novamente Paulo Freire, com *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*; Angelina Peralva, com *Escola e violência nas periferias urbanas francesas*; Claudia Regina *Oliveira,* com *O fenômeno da violência em duas escolas*: *estudo de caso"; o livro Escola Galeras e Narcotráfico,* de Eloisa Guimarães; Éric Debarbieux, com *La violence en milieu scolaire, e, por fim, o livro de* Maria da Consolação Lucinda, Maria das Graças Nascimento e Vera Maria Candau, *Escola e Violência*.

Analisando cada obra e seu autor, percebemos que a maioria trata da área de violência escolar, não especificamente de violência/mediação de conflito escolar, mas dentro do mesmo universo. O primeiro e o terceiro lugares fogem desta temática e se aproximam apenas da grande área da Educação. Paulo Freire, em *A Pedagogia do Oprimido*, um dos mais conhecidos trabalhos do educador, sociólogo e filósofo brasileiro, apresenta uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e sociedade através da pedagogia. Apesar de tratar

de sentimentos de opressão na escola, não aborda a questão do conflito escolar como nós a vemos, e sim analisa os atores do cotidiano escolar de forma pedagógica e sociológica.

Assim, a obra anterior, o livro *Pedagogia da Autonomia*, contém o mesmo teor pedagógico e sociológico. Trata-se do último livro publicado em vida do autor, aborda propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação como forma de construir a autonomia dos educandos, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimentos empíricos junto à sua individualidade.

O segundo lugar, pertence a Charlot, com *A violencia na escola: como os sociologos franceses abordam a questao?*. O autor francês era professor de Ciências da Educação na Universidade de Paris e Saint Denis. Neste artigo, apresenta a questão da violência na escola pela ótica francesa, que, segundo ele, está cada vez mais em voga na mídia e nos próprios estabelecimentos escolares, principalmente nos bairros da periferia. Ele traz à tona a dúvida de como abordar sociologicamente esta noção de violência, que pode ter tantos significados. Tanto o autor como o artigo se enquadram em nossa pesquisa.

O quarto lugar é de Angelina Peralva, com *Escola e violência nas periferias urbanas francesas.* A autora francesa é renomada na área da Educação e trata bastante da questão da violência escolar, inclusive escreve trabalhos em parceria com a brasileira Marília Sposito, referência brasileira na área, que abordaremos mais adiante.

Claudia Regina Oliveira tem o quinto lugar com *O fenômeno da violência em duas escolas*: *estudo de caso.* A obra é a dissertação de mestrado da autora, publicada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e serviu de referência para vários trabalhos acerca da violência escolar. Marília Sposito também à cita em suas obras.

O sexto lugar pertence a Eloisa Guimarães, com o livro *Escola Galeras e Narcotráfico*, obra também muito utilizada pelos autores de nossos artigos. Pesquisadora na área de educação, utiliza-se de referências especializadas em nosso tema.

O sétimo lugar pertence a Éric Debarbieux com *La violence en milieu scolaire.* O autor é referência na área e um dos formadores de nossos marcos teóricos. Esperávamos encontrá-lo em uma posição bem acima, dada a especificidade de seus textos, já que é um dos grandes especialistas no assunto, autor de obras conceituais sobre violência escolar.

O oitavo e último pertence a Maria da Consolação Lucinda, Maria das Graças Nascimento e Vera Maria Candau, autoras do livro *Escola e Violência.* Todas as pesquisadoras são da área da Educação, sua obra é de grande importância para os pesquisadores em violência escolar no Brasil.

Percebe-se que três dos oito autores referências são franceses e, com exceção de Paulo Freire, os autores brasileiros citados nestes resultados também usam autores franceses como fontes de seus trabalhos, ressaltando a influência da escola francesa para os pesquisadores brasileiros que selecionamos.

A Grande área de educação é a mais frequente e, em sua maioria, tratando de violência escolar, mostrando-nos que os autores brasileiros estão buscando referências no mesmo campo de saber, embora não focadas em mediação do conflito escolar. Mas faltava ainda descobrir se estas referências são as mais usadas pelos grandes autores brasileiros em violência escolar e mediação de conflito escolar e, para isso precisávamos que descobrir quem eles eram.

A Tabela III.8 a seguir apresentará a lista com os autores brasileiros na área de violência escolar e/ou mediação de conflito escolar que mais publicam. Foram selecionados a partir de uma contagem de publicações entre todos os 94 artigos, relacionados no Apêndice 3. Percebemos que a quantidade de artigos é muito baixa, mesmo para os autores mais produtivos na área referida.

Tabela III.8: Autores/obras referências no Brasil em violência escolar/ mediação de conflito escolar.

Nome do Autor	Nº de Obras na Área
Alvaro Chrispino	4
Candido Alberto Gomes	4
Marília Pontes Sposito	3

Fonte: Próprio autor.

Os três autores citados acima apresentam publicações constantes sobre o tema desde o fim da década de 1990, mesmo que em pouca quantidade, mas não são os únicos. A cada década existem mais pesquisadores e artigos sobre o tema que está se configurando, como observamos na Tabela III.9:

Tabela III.9: Quantidade de artigos publicada por ano.

ANO	Quantidade
1977	1
1998	7
1999	1
2000	-
2001	5
2002	1
2003	1
2004	1
2005	4
2006	5
2007	2
2008	6
2009	10
2010	13
2011	10
2012	6
2013	17
2014	4
TOTAL	**94**

Fonte: Próprio autor.

A Tabela III.9 demonstra que, na década de 1990, somam-se 9,57% dos artigos publicados no Brasil, seguida pela década de 2000, onde aparecem 37,23% e a década de 10, mesmo computando os artigos apenas até o primeiro semestre de 2014, apresenta o a importante participação de 53,2%. Podemos dizer que está se configurando uma área, onde as publicações são constantes e crescentes.

Os três autores apresentados demonstram sua experiência na área por meio de sua trajetória e produções acadêmicas e “bebem” das grandes fontes mundiais no assunto já citadas. Entretanto, devemos realçar que estes autores, com maior número de publicações na área não constam na lista geral de referências dos artigos nacionais sobre conflito escolar e suas sub áreas, mesmo que as produções tenham aumentado nos últimos anos. Pode-se inferir, com esta informação, que os autores nacionais não estão buscando como fonte os especialistas brasileiros da área.

Analisando conjuntamente com os resultados oriundos da rede de palavras-chave, que nos mostram uma ampla gama de áreas do conhecimento compondo o perfil acadêmico do campo de conflito escolar no Brasil. Os pesquisadores brasileiros, de forma geral, não constroem

seus textos a partir de fontes especializadas, “bebem” de fontes secundárias, autores que apenas citam os grandes nomes da área através de interpretações oriundas de outros trabalhos. Em sua maioria fazem parte da grande área da educação, tratando de temas pedagógicos, filosóficos ou sociológicos, perpassando a área de nosso interesse (violência/mediação de conflito escolar).

Conclusões

A demanda da sociedade, o clamor da mídia (muitas vezes exagerado) e a percepção da importância do tema abordado, expressa pelo aumento de artigos acadêmicos, foram as justificativas para esta dissertação surgir. Por meio das redes de Instituições, Palavras-Chave e Referências, acreditamos ter cumprido o objetivo geral que consiste em retratar a área de conflito escolar, em âmbito estritamente nacional, mapeando suas publicações acadêmicas.

Ao estudar a rede de instituições, percebemos que o maior nível de publicações se encontra no Sudeste. Isto não foi surpresa devido ao maior número de programas de pós-graduação e às grandes instituições lá estarem, juntamente com os programas de pesquisa mais competitivos e gabaritados. Todavia, os problemas causados pela violência escolar atingem todas as regiões do Brasil, e poderiam existir correntes de pesquisa em todo território nacional.

Devido à elevada incidência no Sudeste, Sul e poucas exceções de algumas Universidades onde existem pesquisadores especializados, como o caso da Universidade Católica de Brasília, corremos o risco de incorrer na metonímia da “parte pelo todo”, ou seja, absorver as características do Sul-Sudeste como num quadro geral, assim como já ocorreu erroneamente em diversas políticas públicas de Estado, desde os tempos imperiais brasileiros. Cada região tem suas peculiaridades e seus pesquisadores deveriam estuda-las, para que se possam fazer políticas públicas adequadas, amplas e significativas para atender as diferentes e específicas demandas.

Ainda não podemos afirmar que a área de conflito/mediação escolar existe de forma consolidada no Brasil. O número baixo de produções, apesar de estar apresentando um aumento constante, é uma importante justificativa, acrescido da falta de comunicação entre os pesquisadores e suas diferentes instituições, e dos poucos programas de pesquisa na área. Temos em destaque no Brasil poucos exemplos, como o *Observatório de Violências nas escolas*, em parceria com a Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, esta criada em 2007 pela Universidade Católica de Brasília, e aprovada pela UNESCO em 2008. Constitui o nó de uma rede internacional de pesquisa, ensino e extensão, a respeito de um tema chave das sociedades no mundo: a juventude e violência que ela sofre. O Observatório trabalha em parceria com outras instituições de educação superior no Brasil e no mundo.

Continuando a analisar a pouca interação entre os pesquisadores e a inexistência de uma área estruturada sobre conflito escolar no Brasil, após a análise dos resultados aferidos nas três redes construídas nesta dissertação, podemos inferir que existem as publicações, mas os autores não dialogam. Pelo número crescente de artigos e pesquisadores acredita-se que a área está se configurando, mas nossa pesquisa apresenta dados que podem significar a pouca comunicação entre eles e/ou suas respectivas instituições, além da pouca especialização dos mesmos no tema em questão.

Cada autor parece apresentar um nível de discussão e não interagem entre si, apesar de convergirem para a mesma área. Os trabalhos acadêmicos existentes e selecionados por nós como base são seguramente qualificados, por pertenceram a plataforma Scielo e as revistas de educação a1 e a2 do portal Qualis, que passam pela análise de especialistas. Mas os fundamentos deste campo de saber ainda não estão claros.

A análise da rede de palavras-chave aponta para uma possível explicação para a falta de interação entre os autores e/ou suas instituições. Ela parece indicar que o campo, em construção no Brasil, é composto de diversas áreas, além das mais prováveis, com cunho mais pedagógico e sociológico do que no campo de conflito escolar e sua mediação. Parece-nos que as bases da área estão em processo de formação ou de maturação, compostas de muitas disciplinas. A interdisciplinaridade é importante para o enriquecimento da discussão em qualquer disciplina das ciências humanas, mas na área em discussão não parecem estar ainda fundamentadas e sintetizadas, mas sim desconexas.

A rede de referências mostrou que os autores brasileiros mais produtivos na área não estão sendo referidos pela maioria de nossos pesquisadores, fato compreensível por não existir muitas publicações nacionais e ser uma área bastante recente. Mas nem mesmo os autores internacionais já renomados do campo de conflito escolar formam as bases teóricas dos numerosos pesquisadores nacionais. A maioria das referências é internacional, mas não de autores especializados.

Por serem advindos de inúmeras áreas, principalmente da Educação, voltada para currículo escolar, pedagogia, filosofia ou sociologia da educação, não existe relevante discussão acadêmica com concordâncias ou discordâncias sobre o paradigma envolvendo conflito escolar brasileiro, porque a maioria dos autores parece trabalhar apenas pensando em suas pesquisas, de forma individualizada. Se, por um lado, o estudo das referências utilizadas pelos especialistas brasileiros indica que eles “bebem” em obras e autores de referência, por outro, parece que o grande conjunto de pesquisadores brasileiros se baseiam em autores de referência em grandes áreas (como Paulo Freire, em Educação) ou se utilizam de fontes secundárias ou terciárias. Ocorre também, na grande maioria, a utilização de trabalhos que abordam o tema de forma generalizante

Um importante resultado da rede de referências foi encontrar em primeiro e terceiros lugares Paulo Freire. Ele não é um autor da área de conflito, é um filósofo e teórico da área da metodologia e do letramento que revê toda a área da educação, tem uma visão contextual da sociedade. É difícil dissociá-lo do tema contemporâneo em questão nesta dissertação, porém não produziu diretamente sobre ele. Trata-se de um autor de ampla abrangência educacional que trata do tema das relações dialógicas. É uma literatura de base que contribui para o tema, mas não de forma direta ou especializada. Chamaremos de especializadas as publicações que se referem a violência escolar ou mediação de conflito escolar que podem abordar também

políticas públicas voltadas para a resolução deste problema social e técnicas de aprimoramento na comunicação entre os atores das instituições de ensino. Os autores brasileiros que mais publicam não citam Freire, justamente porque ele não ter produzido especificamente sobre o objeto de nossa análise.

O estado da arte dos artigos brasileiros publicados no campo da violência/mediação de conflito no Brasil, levantado pela rede de palavras-chave, apontou as mais recorrentes através do *Pajek*, é composto pela grande área da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Políticas Públicas, Educação Física e Preconceitos Culturais.

Encontramos como resultado influente na rede de palavras-chave a área de Educação Física, como fonte de publicação de artigos, e isto nos chama atenção. Apesar de não ser um campo tradicional para os especialistas internacionais, há justificativa para ela estar presente e influente. Na aula de Educação Física o conflito não consegue ficar escamoteado, já há um embate simbólico entre times, por exemplo. Para os professores e pesquisadores na área de Educação Física o conflito ocorre no cotidiano, tanto na prática esportiva quanto no embate de gênero, já que o corpo está em evidência, e o espaço físico das aulas é diferenciado.

O último resultado da rede de palavras-chave foi ligado à área de preconceito cultural, e também se destaca. Embora abarque sociologia e psicologia da educação, nos traz um dado novo: Violência étnica. Quatro artigos foram encontrados acerca das dificuldades ocorridas nos espações escolares oriundas das diferenças culturais que podem se tornar conflitos, muitas vezes violentos. Este resultado merece uma explanação mais detalhada por parecer uma novidade dentro da discussão acadêmica a respeito de violência/mediação de conflito escolar. Segue uma breve explanação de cada artigo:

O artigo *O Ensino de Ciências como Ferramenta Pedagógica de Reconstrução das Representações Escolares sobre os Povos Indígenas,* (2012) aborda as representações escolares sobre os povos indígenas ao longo da história, nele procura-se mudar a concepção e desmistificação de conceitos associados às etnias indígenas por meio de atividades curriculares de ciências, desenvolvidas em estudantes do Ensino Fundamental, pratica que procura diminuir os conflitos gerados pelo preconceito cultural.

Já o artigo *A Formação de Professores e suas Relações com Cultura e Sociedade: a educação escolar indígena no centro das atenções,* (2014) procura refletir a situação atual em torno da formação de professores indígenas através do diálogo por meio da tomada de consciência. Aborda as concepções de dois educadores não indígenas que trabalham na educação escolar indígena e um educador indígena, preocupado com a manutenção de suas raízes. Demonstra o grande desafio colocado ao educador não-indígena quando procura contribuir para a organização da educação escolar num meio cultural diferente do seu.

Quanto ao artigo *A criança e a escola da floresta: história da escolarização da infância na cidade de Sinop – Mato Grosso (1973-1979),* (2009) é interessante perceber mais uma vez o

conflito cultural, já que o trabalho volta-se para a História à discussão de como se organizou um sistema educacional semelhante à cultura sulista, situada em plena região de floresta amazônica na implantação da primeira Escola de Sinop, Mato Grosso, em plena fase de colonização, com pessoas oriundas do sul do país.

Por fim, o artigo *Educação matemática na escola indígena sob uma abordagem crítica,* (2014) Com apoio na Etnomatemática, o trabalho evidencia que as práticas e a produção de conhecimentos matemáticos ocorrem em todas as culturas inclusive a indígena, pois baseia-se no povo Kaingang da Terra Indígena Xapecó, em Ipuaçu (SC), e procura demonstrar aos papéis desempenhados pela matemática na sociedade indígena, com o intuito, mais uma vez, de reduzir o preconceito cultural acerca do mundo indígena.

Mas o quadro de falta de especialização e comunicação na área em formação começa a mudar. Percebemos sim uma procura de especialistas internacionais como base para a construção do nosso panorama, mesmo não sendo a maioria. A rede de palavras-chave, já demonstra a influência de autores franceses, dentre eles Debarbieux, grande especialista no assunto, presente inclusive em nossos marcos teóricos, apontando para um início de especialização.

Ao analisarmos a pouca quantidade de citações a autores estrangeiros, com exceção dos franceses, atentamos para a falta de pesquisadores anglo-saxões e americanos que constituem grupos de pesquisa já tradicionais na área e o grupo hispânico, mais recente, porém consistente, que tem contribuído na discussão mundial com suas obras. Fica a indicação para pesquisas futuras ao percebermos a possibilidade de uma comparação da produção nacional com a destes diferentes grupos, para percebermos ainda mais a constituição do quadro brasileiro.

Nossos resultados são preliminares, futuras pesquisas podem apontar para conclusões diferentes. Uma análise mais aprofundada sobre a formação e a atuação dos autores neste campo em construção deve ser feita posteriormente, incluindo e ampliando novos dados, tendo em vista que a área parece se consolidar e crescer, como se observa no constante aumento de artigos publicados. Temos, hoje, um número considerável de pesquisas, mas são ainda incipientes, baseadas em outras áreas. Isto é o possível, mas já não é o bastante para o crescente problema que enfrentamos. Podem ser feitas também análises mais abrangentes, incluindo mais revistas com graus diferentes de qualificação, capítulos de livro, obras completas, dissertações e teses, pois podem apresentar novos resultados.

É importante que exista uma visão interdisciplinar especializada e contextualizada. Para isso, é preciso superar a possível restrição das publicações na área da Educação, com suas fortes corrente ligadas à pedagogia, currículo, filosofia e sociologia da educação, a fim de buscar nos teóricos internacionais influentes na área os fundamentos que permitirão criar a literatura adequada e especializada para construir as políticas públicas nacionais redutoras da violência escolar. Estes novos artigos poderiam abordar novas técnicas de comunicação entre os alunos

e todos os setores das instituições de ensino e procurar formar futuros mediadores de conflitos, a começar pelos professores, dando-lhes base para a diminuição do problema. Dentro das propostas dos artigos poderiam ser feitas análises críticas e propostas de ação. Todas estas medidas, tomadas após estudo teórico específico e adequado à realidade brasileira, teriam alto impacto social com consequências importantes para a melhoria do ensino e melhor formação de nossos estudantes para a vida.

Devido à demanda social e ao agravamento das consequências causadas pelos conflitos escolares, torna-se de suma importância que a área se solidifique, oferecendo bases teóricas confiáveis para que políticas públicas possam ser implementadas o quanto antes, respondendo à urgência de sanar os problemas que já apresentam graves impactos sociais. Porém, somente após serem tomadas as medidas elencadas acima é que poderemos cobrar do governo políticas públicas confiáveis e efetivas na redução da violência escolar.

Referências Bibliográficas

AKAISHI, Jin; et al. **Reconstructing history of social network evolution using web search engines.** BIONETICS, p.155-162, 2010. Disponível em:<http://www.benjaminjamesbush.com/BIONETICS2010-akaishi.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

BARNES. J. A**. Redes sociais e processo político**. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.

BATAGELJ, V.; MRVAR, A. **Program for analysis and visualization of large networks: reference manual**. Ljubljana, 2011. Disponível em: <http://vlado.fmf.unilj.si/pub/networks/pajek/doc/pajekman.pdf >. Acesso em: 03 abr. 2013.

BELLONI, I.; MAGALHÃES, H.; SOUSA, L. C. **Metodologia de avaliação de políticas públicas.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BELSEY, B. **Cyberbullying, Always Aware, Always On.** Disponível em: <www.cyberbullying.ca>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BIGGS, N.; LLOYD, E.; WILSON, R. **Graph Theory, 1736-1936**, Oxford University Press, 1986.

BRAGA, M.J.C.; GOMES, L.F.A.M.; RUEDIGER, M.A. **Mundos pequenos, produção acadêmica e grafos de colaboração: um estudo de caso dos Enanpads.** Rev. Adm. Pública, v.42, n.1, p. 133-154, 2008.

BRASLAVSKY, C. (Org.). **Aprender a viver juntos: educação para a integração da diversidade.** Brasília, DF: UNESCO: IBE: SESI: UnB, 2002.

BRUNNER, J. J**. Educação: cenários de futuro. Novas tecnologias e sociedade da informação.** Rio de Janeiro: PREAL, 2000.

BURGUET, M. **Ante el conflito: una apuesta por laeducación.**In: VINYAMATA, E. (Coord.). Aprender del conflict: conflictolgia y educación. Barcelona: Editorial graó, 2003.

CAMPBELL, J. (Org.). **Construindo um futuro comum: educando para a integração na diversidade.** Brasília, DF: UNESCO, 2002.

CHRISPINO, A. **Binóculo ou luneta: os conceitos de política pública e ideologia e seus impactos na educação.** Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Brasília, DF, n. 21-1/21-2, p. 61-90, jan./dez. 2005.

CHRISPINO, A. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, v.15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362007000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014.

CHRISPINO, A. **Mediação de conflitos: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações.** Revista do Professor, Porto Alegre, ano 20, n. 79, p. 45-48, jul./set. 2004.

CHRISPINO, A.; CHRISPINO, R. S. P. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar.** São Paulo: Editora Biruta, 2002.

CHRISPINO, A.; DUSI, Miriam Lucia Herrera Masotti. **Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz**, Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597-624, out./dez. 2008.

CHRISPINO, Alvaro. **Mediação do Conflito Escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

CHRISPINO, Alvaro. **Os cenários futuros para a educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CHRISPINO, Alvaro; CHRISPINO, R. S. P. **A judicialização das relações escolares e a responsabilidade civil dos educadores.** Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 16, p. 9-30, 2008.

CHRISPINO, Alvaro; et al. **A área CTS no Brasil vista como rede social: onde aprendemos?** Ciência & Educação, v. 19, p. 455-479, 2013.

CHRISPINO, Alvaro; GONÇALVES, Daniel Evangelho**. Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência**. Ensaio (Fundação Cesgranrio. Impresso), v. 21, p. 821-838, 2013.

CHRISPINO, Alvaro; LAMEGO, M. **Visão e políticas integradas no atendimento à violência escolar ou por que os males de Pandora não se resolvem com D. Quixote**. In: Gomes, C.A.; Ferreira, G.A.; Koehler, S.M.F.. (Org.). Culturas de violência, culturas de paz - Da reflexão à ação de educadores, operadores do Direito e defensores dos direitos humanos. 1ed.Curitiba (PR): Editora CRV, 2012, v. 1, p. 297-318.

CHRISPINO, Alvaro ; LIMA, L. S. ; ALBUQUERQUE, M. B. ; SILVA, Marco A. F. B. ; FREITAS, A. C. C. . **A área CTS no Brasil vista como rede social: onde aprendemos?**. Ciência & Educação, v. 19, p. 455-479, 2013.

CHRISPINO, Alvaro; SANTOS, D. P.; BARROS, G. N. P. **Aprender a comunicar-se: Primeiro passo para melhor convivência escolar.** In: Monteiro, Valdênia Brito; Silva, Kelly Regina Santos da. (Org.). Mediação de conflitos, direitos humanos e acesso à justiça. 1ed.Recife (PE): Gajop, 2012.

CHRISPINO, Alvaro; SANTOS, Tais Conceição dos. **Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar**. Ensaio (Fundação Cesgranrio. Impresso), v. 19, p. 57-80, 2011.

COLLARES, C.; MOYSES, M. **Preconceitos do cotidiano escolar: ensino e medicalização.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 1996.

COUTO, C. G. **Constituição, competição e políticas públicas.** Lua Nova, São Paulo, n. 65, p. 95-135, maio/ago. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 nov. 2008.

CUNHA, E. P.; CUNHA, E. S. M. Políticas públicas sociais. In: CARVALHO, A. et al. (Org.). **Políticas públicas.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DEBARBIEUX, E. BLAYA, C. (org.) **Violências nas escolas e políticas públicas**. Brasília. UNESCO, 2002.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas: dez abordagens européias**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

DELORS, J. (Org.) **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996.

DUSI, M. L. H. M. **A construção da Cultura de Paz no contexto da instituição escolar.** Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

DUSI, M.; ARAÚJO, C.; NEVES, M. **Cultura da Paz e Psicologia escolar no contexto da instituição educativa.** Psicologia Escolar e Educacional, Itatiba, SP, v. 9, n. 1, p. 135-145, 2005.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying - como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Versos Editora, 2008.

FERNANDES, K. T. **O conceito de violência escolar na perspectiva dos discentes.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2006.

FERNÁNDEZ, J. F. **Ciberbullying: ciberacoso escolar entre menores.** Disponível em:<http://www.ciberbullying.com/cyberbullying/incidencia-del-ciberbullying/>. Acesso em: 15 de nov. 2014.

FERREIRA, Gonçalo Costa. **Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso.** Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.3, p.208-231, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/13.pdf> Acesso em: 01 jul. 2013.

FREY, K. **Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil.** Brasília, DF: IPEA, 2002.

GOMES, C. A.; LIMA, DIOGO Acioli; VASCONCELOS, I. C. O. **Violencia/s escolar/es en un pais de contrastes: Brasil.** In: PRIETO QUEZADA, Maria Teresa. (Org.). Entre violencias y convivencias: diversas miradas en Iberoamérica. 1ed.Guadalajara, México; Brasília: Cátedra UNESCO de Juventud, Educación y Sociedad de la Universidad Católica de Brasília, 2013, v. 1, p. 65-86.

GOMES, C. A.; NASCIMENTO, G. A. F.; KOEHLER, S. M. F. (Org.). **Culturas de violência, culturas de paz: da reflexão à ação de educadores, operadores do direito e defensores dos direitos humanos.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. v. 1. p.342.

GOMES, C.A. **Dos valores proclamados aos valores vividos.** Brasília, DF: UNESCO, 2001.

GOMES, C. A. ; VALENZUELA, C. ; SILVA, C. N. N. ; PORTUGAL, E. A. ; AMORIM, H. C. C. ; PAIM, J. ; TANNO, M. Â. R. S. ; MORGADO, P. C. C. R. . **A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 36, n.127, p. 11-34, 2006.

GOMES, Candido Alberto**. A Escola de Qualidade para Todos: Abrindo as Camadas Da Cebola.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, RIO DE JANEIRO, V. 13, N. 48, 2005.

GOMES, Candido Alberto; PEREIRA, Marlene. **A Formação do Professor em Face das Violências das/nas Escolas**. Cadernos de Pesquisa, 136,2009.

GOOD, C.; MCINTOSH, K.; GIETZ, C. (in press). **Integrating bullying prevention into School-wide Positive Behaviour Support. Teaching Exceptional Children**. [s.n.], 2004.

GOULART, Gustavo; ANTUNES, Laura. Alunos levam facas à escola para agredir colega. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 nov. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/alunos-levam-facas-escola-para-agredir-colega-14632073>. Acesso em: 20 dez. 2014.

GUIMARÃES, Francisco José Zamith; MELO, Elisete de Sousa. **Diagnóstico utilizando análise de redes sociais.** Monografia (Especialização em Gestão do Conhecimento e Inteligência Competitiva), Instituto Alberto Luiz Coimbra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HEIDEMANN, Julia. **Online social networks.** Informatik Spektrum, v.33, n.3, p.262-271, 2010. Disponível em: <http://www.uniaugsburg.de/exzellenz/kompetenz/kernkompetenzzentrum_fim/Forschung/paper/paper/wi-272.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

HEREDIA, R. A. S. **Resolución de conflitos en la escuela.** Ensayos y Experiencias, Buenos Aires, ano 4, n. 24, p. 44-65, jul./ago. 1998. JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. Como reducir la violência en las escuelas. Buenos Aires: Paidós, 2004.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. **Como reducir la violência en las escuelas.** Buenos Aires: Paidós, 2004.

KIM, Hyoungshick; SONG, Jaeseung. **Social network analysis of patent infringment lawsuits.** TechnologicalForecasting& Social Change, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.techfore.2012.10.014>. Acesso em: 01 mar. 2013.

KMITTA, D. **Pasado y futuro de la evaluación e los programas de resolución de conflitos escolares.** In: BRADONI, F. (Comp.). Mediación escolar. Buenos Aires: Paidos, 1999.

LAVINAS, L. et al. **Combinando compensatório e redistributivo: o desafio das políticas sociais no Brasil.** Brasília, DF: IPEA, 2000.

MALDONADO, Maria Tereza. **A Face Oculta**. Ed. Saraiva, 2009.

MANO, Lucyanne. 7 de abril de 2011: A tragédia em Realengo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 abr. 2012. Disponível em: <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=29646>. Acesso em: 20 dez. 2014.

MARINHO, C. M. A. **A escola como espaço de transformações sociais e individuais.** In: BRASIL. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas. Brasília: SNPD, p. 50-56, 2010.

MARTINEZ ZAMPA, D. **Mediación educativa y resolucion de conflictos: modelos de implementacion.** Buenos Aires: EdiconesNovedades Educativas, 2005.

MASON, K. L. **Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar.** Psychology in theSchools, v. 45(4). Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

MOORE, C. W. **O processo de mediação: estratégias práticas para a resolução de conflitos.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.

NASSIF, Luis. **Violência nas escolas e suas consequências**. 2013. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/violencia-na-escola-e-suas-consequencias>. Acesso em: 12 dez. 2014.

NEBOT, J. R. **Violencia y conflito en los ámbitos educativos.** Ensayos y Experiencias, Buenos Aires, ano7, n. 35, p.77-85, sept./oct. 2000.

NOOY, W.;MRVAR, A.; BATAGELJ, V. **Exploratory Social Network Analysis with Pajek.** Cambridge University Press, 2005.

NOTÍCIAS, Uol Últimas. **Estudante mata duas colegas dentro de escola em Salvador**. Rio de Janeiro, 28 nov. 2002. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/inter/reuters/2002/10/28/ult27u27985.jhtm>. Acesso em: 15 nov. 2014.

NUNES, C. S. **Educação pela paz: um guia para os pais, professores e todos os estudantes da vida.** 3ª Ed. João Pessoa, PB: Qualigraf, 2003.

OLIVEIRA, M. G. P. **Percepção de valores nas escolas pelos docentes de ensino médio.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2003.

OLIVEIRA, M. G. P.; GOMES, C. A. **Como os docentes vêem valores e violências escolares no ensino médio.** RBPAE, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 45-70, jan./jun, 2004.

ORTEGA, R.; DEL REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência.** Brasília, DF: UNESCO: UCB, 2002.

PAGNAN, Rogério. Segundo a polícia, atirador de Taiúva escolheu alvos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jan. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u67698.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2014.

PELLEGRINI, Luis. **Violência nas escolas: ela reproduz as loucuras da nossa sociedade**. Brasil 247, 21 mai, 2014. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/140608/viol%c3%aancia-nas-escolas-ela-reproduz-as-loucuras-da-nossa-sociedade.htm>. Acesso em: 20 dez. 2014.

PLAN. Pesquisa - **Bullying Escolar no Brasil. Relatório Final.** São Paulo, 2010.

PORRO, B. **La resolución de conflitos en el aula.** Buenos Aires: Paidós, 2004.

PYKA, Andreas; SCHARNHORST, Andrea. **Innovation Networks: new approaches in modeling and analyzing.** Heidelberg: Springer, 2009.

REDORTA, J. **Cómo analizar los conflictos: la tipologia de conflictos como herramienta de mediación.** Barcelona: Edicones Paidós Ibérica, 2004.

REVISTA TECEDUC. **Este Jovem Brasileiro traça o comportamento dos jovens na Internet**. 2014. Disponível em: <http://www.positivoteceduc.com.br/palavra-do-especialista/jovem-brasileiro-traca-comportamento-jovens-internet/>. Acesso em: 15 nov. 2014.

RIBEIRO, R. M. C. **Significações da violência escolar na perspectiva dos alunos.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2004.

RIO DE JANEIRO (RJ). **O jovem, a sociedade e a ética.** Rio de Janeiro: IBOPE. 2006. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/rio/jovens.ppt >. Acesso em: 9 abr. 2014.

SCHVARSTEIN, L. **Diseño de un programa de mediación escolar.** Ensayos y Experiencias, Buenos Aires, ano 4, n. 24, p. 20-35, jul./ago. 1998.

SCOTT, J. **Social network analysis: a handbook**. [S.l: s.n.], 2004. Disponível em: <http://www.analytictech.com/mb119/tableof.htm>. Acesso em: 08 dez. 2010.

SEBASTIÃO, J.; ALVES, M. G.; CAMPOS, J. **Violência na Escola e Sociedade de Risco: Uma Aproximação ao Caso Português.** In: Sebastião, J. (Org.). Violência na Escola: Tendências, Contextos, Olhares. Chamusca (Portugal): edições cosmos, 2010.

SOUZA, Cristina Gomes de; BARBASTEFANO, Rafael Garcia; LIMA, Leonardo Silva de. **Redes de colaboração científica na área de química no Brasil: um estudo baseado nas coautorias dos artigos da revista Química Nova.** Química Nova, v.35, n.4, p. 617-676, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/qn/v35n4/a03v35n4.pdf>. Acesso: em 01 mar. 2013.

SUMMERS, Dela, **Longman Dicionário Escolar**, UK: letterpart, 2004.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

UNICEF. **Na overview of child well-being in rich countries**. 2007. Disponível em: <http://www.unicef.org/media/files/ChildPovertyReport.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2014.

VASCONCELOS, C. S. **Para onde vai o professor? Resgate do Professor como Sujeito da Transformação.** 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2007.

VIANA, A. L. **Abordagens metodológicas em políticas públicas.** RAP, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 5-43, mar./abr. 1996.

VISCARDI, N. **Violência no espaço escolar e crise do Estado do Bem-Estar: considerações para o caso do Uruguai.** In: SILVA, L. H. (Org.). Século XXI: qual conhecimento? qual currículo?. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WILLARD, N. **Off-campus, harmful online student speech. Journal of School Violence.** [s.n.], 2003.

Apêndice I: Revistas Nacionais Qualis A1 e A2 em Educação Utilizadas na coleta de dados para esta dissertação:

Continua

ISSN	Nome da Revista	Classificação das Revistas
1678-5320	ARS	A1
1414-4077	Avaliação	A1
0102-5767	Cadernos de Estudos Linguísticos	A1
0100-1574	Cadernos de Pesquisa	A1
1516-7313	Ciência e Educação	A1
0011-5258	Dados	A1
0102-4698	Educação em Revista	A1
1517-9702	Educação e Pesquisa	A1
2175-6236	Educação e Realidade	A1
0101-7330	Educação & sociedade	A1
0104-4036	Ensaio	A1
1518-0158	Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea	A1
0103-2186	Estudos históricos	A1
1676-2592	Educação temática digital	A1
0104-5970	História, ciências, saúde-manguinhos	A1
1983-6821	Machado de Assis em Linha	A1
1982-4327	Paidéia	A1
0103-7307	Pró-posições	A1
0102-7972	Psicologia: Reflexão e Crítica	A1
0102-6909	Revista Brasileira de Ciências Sociais	A1
1809-449X	Revista Brasileira de Educação	A1
1413-2478	Revista Brasileira de Educação	A1
1806-9347	Revista Brasileira de História	A1
1678-1805	Revista da ABRALIN	A1
0104-0588	Revista de Estudos da Linguagem	A1
0034-8309	Revista de Historia	A1
0020-3874	Revista do Instituto de Estudos Brasileiros	A1
1413-7704	Tempo	A1
0104-8775	Varia história	A1

ISSN	Nome da Revista	Classificação das Revistas
1516-5159	Via atlântica	A1
1516-1498	Ágora	A2
2176-4573	Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso	A2
0103-636X	Bolema. Boletim de Educação Matemática	A2
1982-7806	Cadernos de História da Educação	A2
1414-526X	Cadernos de Tradução	A2
0104-8333	Cadernos pagu	A2
1645-1384	Currículo sem Fronteiras	A2
0102-4450	Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada	A2
1808-656X	Desenredo	A2
1982-596X	Educação e Filosofia	A2
0101-465X	Educação	A2
1415-2150	Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências	A2
0103-4014	Estudos avançados	A2
1678-4669	Estudos de Psicologia	A2
0103-166X	Estudos de Psicologia	A2
1413-294X	Estudos de Psicologia	A2
0103-6831	Estudos em Avaliação Educacional	A2
1984-932X	Estudos em Avaliação Educacional	A2
2236-3459	História da Educação	A2
0100-6932	História. Questões e Debates	A2
0104-7183	Horizontes antropológicos	A2
0102-6453	Intercom: revista brasileira de ciências da comunicação	A2
1414-3283	Interface	A2
1984-7726	Letras de Hoje	A2
1982-8918	Movimento	A2
0104-7671	O percevejo	A2
1517-7017	Opus	A2
0102-6267	Organon	A2
1517-7599	Per musi	A2
0102-5473	Perspectiva	A2
1809-4031	Práxis educativa	A2

ISSN	Nome da Revista	Classificação das Revistas
2176-2767	Projeto história	A2
1413-7372	Psicologia em Estudo	A2
0102-7182	Psicologia e Sociedade	A2
1415-3203	Repertório teatro & dança	A2
1413-6538	Revista Brasileira de Educação Especial	A2
1519-5902	Revista Brasileira de História da Educação	A2
1806-5104	Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências	A2
1678-166X	Revista Brasileira de Política e Administração da Educação	A2
0034-7329	Revista Brasileira de Política Internacional	A2
1982-7830	Revista da ANPOLL	A2
0034-7701	Revista de Antropologia	A2
2238-2097	Revista de Educação Pública	A2
1980-6906	Revista de Psicologia: Teoria e Prática	A2
1678-9873	Revista de Sociologia e Política	A2
0104-4478	Revista de Sociologia e Política	A2
1981-416X	Revista diálogo educacional	A2
1809-3876	Revista e-Curriculum	A2
1981-1802	Revista Educação em Questão	A2
1981-2582	Revista educação	A2
0104-026X	Revista estudos feministas	A2
0100-0888	Revista letras	A2
1980-6914	Revista Todas as Letras	A2
1517-4522	Sociologias	A2
0102-8782	Tempo brasileiro	A2
0103-2070	Tempo social	A2

Concluída.

Apêndice II: Tabela com autores, seus artigos e ano de publicação relativo ao tema violência/mediação de conflito escolar.

Continua

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
ALGERI, Simone; DIETER, ClausStobaus	Violência no contexto da saúde e da educação	2005
AQUINO, Júlio Groppa	A violência escolar e a crise da autoridade docente	1998
ARAÚJO, Carla	As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia	2001
AZEVÊDO, Alessandro Augusto de	Jovens e adultos do campo: educação, passado e futuro	2013
BAPTISTA, Mónica; et al	Cursos de educação e formação: uma oportunidade para questionar práticas de sala de aula e reconstruir identidades escolares	2011
BARBOZA, Pedro Lucio; REGO, Rômulo Marinho do; BARBOSA, Jonei Cerqueira	Discursos do professor de matemática e suas implicações na compreensão dos alunos	2013
BAZON, Marina Rezende; SILVA, Jorge Luiz da; FERRARI, Renata Martins	Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei	2013
BELINTANE, Claudemir	O poder de fogo da relação educativa na mira de novos e velhos prometeus	1998
BERNARDI, Luci dos Santos; CALDEIRA, Ademir Donizeti	Educação matemática na escola indígena sob uma abordagem crítica	2012
BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de	A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar	2014
BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; CONCEIÇÃO, Luzineide dos Santos	Culturas juvenis, mídias e consumo: mediações em educação	2010

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
BONA, Aline Silva De; BASSO, Marcus Vinicius de Azevedo	Portfólio de matemática: um instrumento de análise do processo de aprendizagem	2013
CALIL, Eduardo; RE, Alessandra Del	Análise multimodal de uma história inventada: o caso da onomatopeia visual	2010
CAMACHO, Luiza MitikoYshiguro	As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes	2001
CARDOSO, João Casqueira; Santana, Edna Ugolini; Gomes, Candido Alberto	Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições	2013
CHIRPINO Alvaro; GONÇALVES, Daniel Evangelho	Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência	2013
CHRISPINO, Alvaro	Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação	2007
CHRISPINO, Alvaro; DUSI, Miriam Lucia Herrera Masotti	Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da cultura da paz	2008
CHRISPINO, Alvaro; SANTOS, Tais Conceição dos	Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar	2011
COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves; DOMINGUES, Kátia Cristina de Menezes	Educação matemática, multiculturalismo e preconceitos: que homem é tomado como medida de todos os outros?	2006
CUNHA, Marcela Brandão	Possíveis relações entre percepções de violência dos alunos, clima escolar e eficácia coletiva	2014
DANI, Lúcia Salete Celich	Conflitos, sentimentos e violência escolar	2009
DUARTE, Cátia Pereira; MOURÃO, Ludmila	Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física	2007

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
EYNG, Ana Maria, et al.	Diversidade e padronização nas políticas educacionais: configurações da convivência escolar	2013
FAJARDO, Indinalva Nepomuceno, et al.	Pressupostos de uma avaliação de contexto existencial da violência escolar para o planejamento de condutas motoras educacionais voltadas para pré-adolescentes de classes de progressão	2006
FISCHMANN, Roseli	Memória coletiva e insurgência contra o olvido: em favor da convivência na escola	2013
FRANÇA, Marco Túlio Aniceto; DUENHAS, Rogério Allon; GONÇALVES, Flávio de Oliveira	Melhoria da qualidade educacional e redução da violência através de abertura de escolas públicas nos finais de semana: uma avaliação quantitativa	2013
FRANTZ, Walter	Educação e cooperação: práticas que se relacionam	2001
FREITAS, Lilliane Miranda	Encruzilhadas teóricas: desvios necessários na formação inicial docente	2011
FURLAN, Cássia Cristina; MÜLLER, Verônica Regina	Gênero, sexualidade e docência: (re)pensando práticas	2013
GALVÃO, Afonso; et al.	Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo	2010
GOMES, Candido Alberto; ACIOLI, Diogo; QUEZADA, María Teresa Prieto	Violação intraescolar de direitos humanos: jogo de espelhos	2013
GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPOSITO, Marilia Pontes	Iniciativas públicas de redução da violência escolar no brasil	2002
GONÇALVES, Maria Augusta Salin, et al.	Violência na escola, práticas educativas e formação do professor	2005
GROSSI, Patrícia Krieger; AGUINSKY, Beatriz Gerhenson	A construção da cultura de paz como uma estratégia de superação da violência no meio escolar: impasses e desafios	2006

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
GUARAGNA, Marcelo Milano; PICK, Rosiane Karine; VALENTINI, Nadia Cristina	Percepção de pais e professores da influência de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não-portadoras de necessidades especiais	2005
ITANI, Alice	A violência no imaginário dos agentes educativos	1998
KOEPPE, Cleise Helen Botelho; BORGES, Regina Maria Rabello; LAHM, Regis Alexandre	O ensino de ciências como ferramenta pedagógica de reconstrução das representações escolares sobre os povos indígenas	2014
LOPES; Rosilene Beatriz; GOMES, Candido Alberto	Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?	2012
LOUREIRO, Altair Macedo Lahud	Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar	1999
LOVISOLO, Hugo	Dados, interpretações e implicações	1997
MANECHINE, Selma Rosana Santiago; et al	A inserção de conceitos científicos no cotidiano escolar	2006
MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V. C.	Violência escolar e auto-estima de adolescentes	2006
MARTINS, Ângela Maria	Aspectos organizacionais e dinâmicos na gestão de escolas: dilemas e conflitos	2008
MATTOS, Adriana Cesar de	Educação matemática e sociedade	2011
MENDES, Iran Abreu	O estudo da realidade como eixo da formação matemática dos professores de comunidades rurais	2010
MENDES, Valdelaine, et al.	A participação da comunidade no projeto escola aberta no rio grande do sul: o uso da escola pública nos finais de semana	2009

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
MISKULIN, Rosana G. S., et al.	Identificação e análise das dimensões que permeiam a utilização das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de matemática no contexto da formação de professores	2008
MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman	Tentando compreender prometeu e dionísio na mira da violência	1998
MOREIRA, Adelson F; PEDROSA, José Geraldo; PONTELO, Ivan	O conceito de atividade e suas possibilidades na interpretação de práticas educativas	2011
NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza	Violência na escola: identificando pistas para a prevenção	2003
OLIVEIRA, Dalila Andrade	A nova regulação de forças no interior da escola: carreira, formação e avaliação docente	2011
OLIVEIRA, Maria do Socorro	Entre o "dizer" e o "poder dizer" na escrita: uma relação de conflito e de identidade	2004
PATIAS, Naiana Dapieve; SIQUEIRA, Aline Cardoso; Dias, Ana Cristina Garcia	Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar	2012
PAULA, Helder Figueiredo; LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro	A leitura de textos didáticos de ciências como confronto de perspectivas	2011
PEIXOTO, Maurício Abreu Pinto; SILVA, Marcos Antonio; ROCHA, Cristiane Casquilha	Aprendizagem e metacognição no ensino de metodologia científica	2010
PICCOLO, Gustavo Martins	Caminhos da exclusão: análise do preconceito em sua manifestação nos jogos infantis	2010
PIGATTO, Naime	A docência e a violência estudantil no contexto atual	2010

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
PINHEIRO, Fernanda Martins França; WILLIANS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque	Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental	2009
PORTO, Paulo Roberto de Araújo; FALCÃO, Eliane Brígida Morais	Teorias da origem e evolução da vida: dilemas e desafios no ensino médio	2010
PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler	Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola	2009
QUADROS, Ana Luiza de, et al.	Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória	2005
QUAGLIO, Paschoal	Gestão da educação e dialogicidade problematizadora	2009
ROCHA, Cristianne Maria Famer	A escola na mídia: entre inovações e controles	2008
RODRIGUES, Maximino; FERREIRA, Rogério; DOMITE, Maria do Carmo Santos	A formação de professores e suas relações com cultura e sociedade: a educação escolar indígena no centro das atenções	2009
ROLKOUSKI, Emerson	Histórias de vida de professores de matemática	2008
ROSSO, Ademir José; BERTI, Nívia Martins	O erro e o ensino-aprendizagem de matemática na perspectiva do desenvolvimento da autonomia do aluno	2010
RUOTTI, Caren	Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade	2010
SÁ, Elizabeth Figueiredo de; ROHDEN, Josiane Brolo	A criança e a escola da floresta: história da escolarização da infância na cidade de Sinop – Mato Grosso (1973-1979)	2013
SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; RODRIGUES, Paula Janaina Meneses	O diálogo como possibilidade de mediação da violência na escola	2013

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
SANTOS, José Vicente Tavares dos	A violência na escola: conflitualida de social e ações civilizatórias	2001
SCHILLING, Flávia	Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?	2013
SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt, et al.	A compreensão sistêmica do bullying	2012
SILVA, Aida Maria Monteiro; TAVARES, Celma	Educação em direitos humanos no brasil: contexto, processo de desenvolvimento, conquistas e limites	2013
SILVA, Camila Silveira da; OLIVEIRA, Luiz Antonio Andrade de	Mediadores de centros de ciências e os seus papéis durante as visitas escolares	2011
SILVA, Franklin Leopoldo e	O conceito de “formação”	2011
SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e; SALLES, Leila Maria Ferreira	A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção	2010
SILVA, Marilda da	A violência da escola na voz de futuros professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares?	2013
SILVA, Rodrigo Manoel Dias da	Os direitos culturais e a política educacional brasileira na contemporaneidade	2010
SKOVSMOSE, Ole, et al.	A aprendizagem matemática em uma posição de fronteira: foregrounds e intencionalidade de estudantes de uma favela brasileira	2012
SKOVSMOSE, Ole, et al.	“Antes de dividir temos que somar”: ‘entre-vistando’ foregrounds de estudantes indígenas	2009
SOARES, Antonio Jorge Gonçalves, et al.	Tempo e espaço para educação corporal no cotidiano de uma escola pública	2010

AUTORES	ARTIGO	DATA DE PUBLICAÇÃO
SOARES, José Francisco; JÚDICE, Renato	A auto-exclusão dos alunos das escolas públicas estaduais de belo horizonte no vestibular da ufmg	2003
SPOSITO, Marilia Pontes	A instituição escolar e a violência	1998
STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchiors	Um extraterrestre em busca de um lugar: considerações sobre violência, linguagem e aprendizagem, na perspectiva da inclusão escolar	2009
STOE, Stephen R.	Educação como direito: o papel estratégico da educação pública na construção da igualdade e justiça social	2006
TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira	Violência, insegurança e imaginário do medo	1998
VASQUES, Daniel Giordani; BELTRÃO, José Arlen	M.M.A. e educação física escolar: a luta vai começar	2013
VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo	Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação	2009
VIEIRA, Lívia Fraga; OLIVEIRA, Tiago Grama	As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012)	2013
VIRGINIO, Alexandre Silva	Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador	2011
ZLUHAN, Mara Regina; RAITZ, Tânia Regina	A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas	2014
ZUCCHI, Eliana Miura, et al.	Estigma e discriminação vividos na escola por crianças e jovens órfãos por AIDS	2010

Concluída.

Apêndice III: Relação de Autores de artigos na área de violência/mediação de conflito escolar com o número de artigos publicados.

Continua

Nome do Autor	Nº de artigos publicados
Adelson F Moreira	1
Ademir Donizeti Caldeira	1
Ademir José Rosso	1
Adriana Cesar de Mattos	1
Afonso Galvão	1
Aida Maria Monteiro Silva	1
Alessandra Del Re	1
Alessandro Augusto de Azevêdo	1
Alexandre da Costa Ferreira	1
Alexandre Silva Virginio	1
Alice Itani	1
Aline Cardoso Siqueira	1
Aline Silva De Bona	1
Altair Macedo Lahud Loureiro	1
Álvaro Chrispino	**4**
Ana Cristina Garcia Dias	1
Ana Freire	1
Ana Luiza De Quadros	1
Ana Maria de Andrade Caldeira	1
Ana Maria Eyng	1
Ana Paula MelchiorsStahlschmidt	1
Andrisa Link	1
Ângela MariaMartins	1
Antônio Jorge Gonçalves Soares	1
BEATRIZ GERHENSON AGUINSKY	1
Camila L. Montrezor	1
Camila Silveira da Silva	1
Candido Alberto Gomes	**4**
CarenRuotti	1
Carla Araújo	1
Carolina Carvalho	1

Nome do Autor	Nº de artigos publicados
Carolina Duarte de Souza	1
Carolina Fermino da Silva	1
Cássia Cristina Furlan	1
Cátia Pereira Duarte	1
Celma Tavares	1
Claudemir Belintane	1
Claudia Renata dos Santos Barros	1
ClausStobausDieter	1
Cleise Helen Botelho Koeppe	1
Clélia Capanema	1
Cristiane Casquilha Rocha	1
Cristiane R. Santos	1
Cristianne Maria Famer Rocha	1
Dalila Andrade Oliveira	1
Daniel Evangelho Gonçalves	1
Daniel Giordani Vasques	1
Denise Franco Duque	1
Diego Luz Moura	1
Diogo Acioli	1
Edna Ugolini Santana	1
Eduard Toon	1
Eduardo Calil	1
Eliana MiuraZucchi	1
Eliane Brígida Morais Falcão	1
Elis Palma Priotto	1
Elizabeth Figueiredo de Sá	1
Emerson Carvalho	1
Emerson Rolkouski	1
Fábio Santos Bispo	1
Fátima Cunha Ferreira Pinto	1
Felipe Fonseca Ferraz	1
Fernanda Martins França Pinheiro	1
Flávia dos Santos Coelho	1
Flávia Schilling	1
Flávio de Oliveira Gonçalves	1

Nome do Autor	Nº de artigos publicados
Franklin Leopoldo e Silva	1
Geraldo Caliman	1
Geraldo Perez	1
Glauber Fonseca Cruz	1
Gustavo Martins Piccolo	1
Helder Figueiredo Paula	1
HelleAlrø	**2**
Heron Beresford	1
Hugo Lovisolo	1
Hugo Rodolfo Lovisolo	1
Indinalva Nepomuceno Fajardo	1
Iran Abreu Mendes	1
Íris Lima e Silva	1
Ivan França Junior	1
Ivan Pontelo	1
Jacira Câmara	1
Jean Mac Cole Tavares Santos	1
João Casqueira Cardoso	1
Joiciana G. Lisboa	1
Jonei Cerqueira Barbosa	1
Jorge Luiz da Silva	1
José Antonio Vianna	1
José Arlen Beltrão	1
José Francisco Soares	1
José Geraldo Pedrosa	1
José Vice te Tavares dos Santos	1
Josiane BroloRohden	1
Joviana Q. Avanci	1
Joyce Mary Adam de Paula e Silva	1
Júlio Groppa Aquino	1
KathieNjaine	1
Kátia Cristina de Menezes Domingues	1
Leila Maria Ferreira Salles	1
Lilliane Miranda Freitas	1
Lindomar WesslerBoneti	1

Nome do Autor	Nº de artigos publicados
Lívia Fraga Vieira	1
Luci dos Santos Bernardi	1
Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams	1
Lúcia Salete Celich Dani	1
Luciana Cristina Assini	1
Luciana Salviano	1
Lucimar Câmara Marriel	1
Ludmila Mourão	1
Luiz Alberto Oliveira Gonçalves	1
Luiz Antonio Andrade de Oliveira	1
Luiza MitikoYshiguro Camacho	1
Lusiana F. Prestes	1
Luzineide dos Santos Conceição	1
Mara Regina Zluhan	1
Marcela Brandão Cunha	1
Marcelo Milano Guaragna	1
Marco Túlio Aniceto França	1
Marcos Antonio Silva	1
Marcos Carneiro da Silva	1
Marcus Vinicius de Azevedo Basso	1
Maria Augusta Salin Gonçalves	1
Maria Cecília de Souza Minayo	1
Maria Cecília Sanches Teixeira	1
Maria da Glória de M. Carneiro	1
Maria do Carmo Alves do Bomfim	1
Maria do Carmo Santos Domite	1
Maria do Rosário Silveira Porto	1
Maria do Socorro Oliveira	1
Maria Emília Caixeta de Castro Lima	1
Maria Fernanda P. A. Gomes	1
Maria Lourdes Gisi	1
María Teresa Prieto Quezada	1
Mariana da R. C. Silva	1
Marilda da Silva	1
Marilia Pontes Sposito	**3**

Nome do Autor	Nº de artigos publicados
Marina Rezende Bazon	1
Mário Azevedo	1
Maurício Abreu Pinto Peixoto	1
Maurício Cravo Reis	1
Maximino Rodrigues	1
Miriam Lucia Herrera MasottiDusi	1
Mónica Baptista	1
Nádia Laguárdia de Lima	1
Nadia Cristina Valentini	1
Naiana DapievePatias	1
Naiane Carvalho Wendt Schultz	1
NaimePigatto	1
Nívia Martins Berti	1
OleSkovsmose	**2**
Orene Maria Piovesan	1
Paola Valero	**2**
Paschoal Quaglio	1
Patrícia Krieger Grossi	1
Paula Cristina Mendonça	1
Paula Janaina Meneses Rodrigues	1
Paulo A. Liboni Filho	1
Paulo Roberto de Araújo Porto	1
Pedro H. O. Santana	1
Pedro Lucio Barboza	1
Pedro Paulo Scandiuzzi	**2**
Raquel V. C. Oliveira	1
Regina Maria Rabello Borges	1
Regis Alexandre Lahm	1
Renata Martins Ferrari	1
Renato Eugênio da Silva Diniz	1
Renato Júdice	1
Rodrigo Manoel Dias da Silva	1
Rogério AllonDuenhas	1
Rogério Ferreira	1
Romilda Teodora Ens	1

Nome do Autor	Nº de artigos publicados
Rômulo Marinho do Rego	1
Rosana G. S. Miskulin	1
Roseli Fischmann	1
Rosemary Karla Barbosa	1
Rosiane Karine Pick	1
Rosilene Beatriz Lopes	1
Selma Rosana Santiago Manechine	1
Simone Algeri	1
Simone G. Assis	1
Sofia Freire	1
Stephen R. Stoe	1
Sueli Aparecida Itman Monteiro	1
Tais Conceição dos Santos	1
Tânia Regina Raitz	1
Teresa Oliveira	1
Thais Pacievitch	1
Tiago Grama Oliveira	1
Tiago Lisboa Bartholo	1
Valdelaine Mendes	1
Vera Silvia Facciolla Paiva	1
Verônica Regina Müller	1
Walter Frantz	1
Wanderlei Sebastião Gabini	1
Wanderleya Nara Gonçalves Costa	1

Concluída.